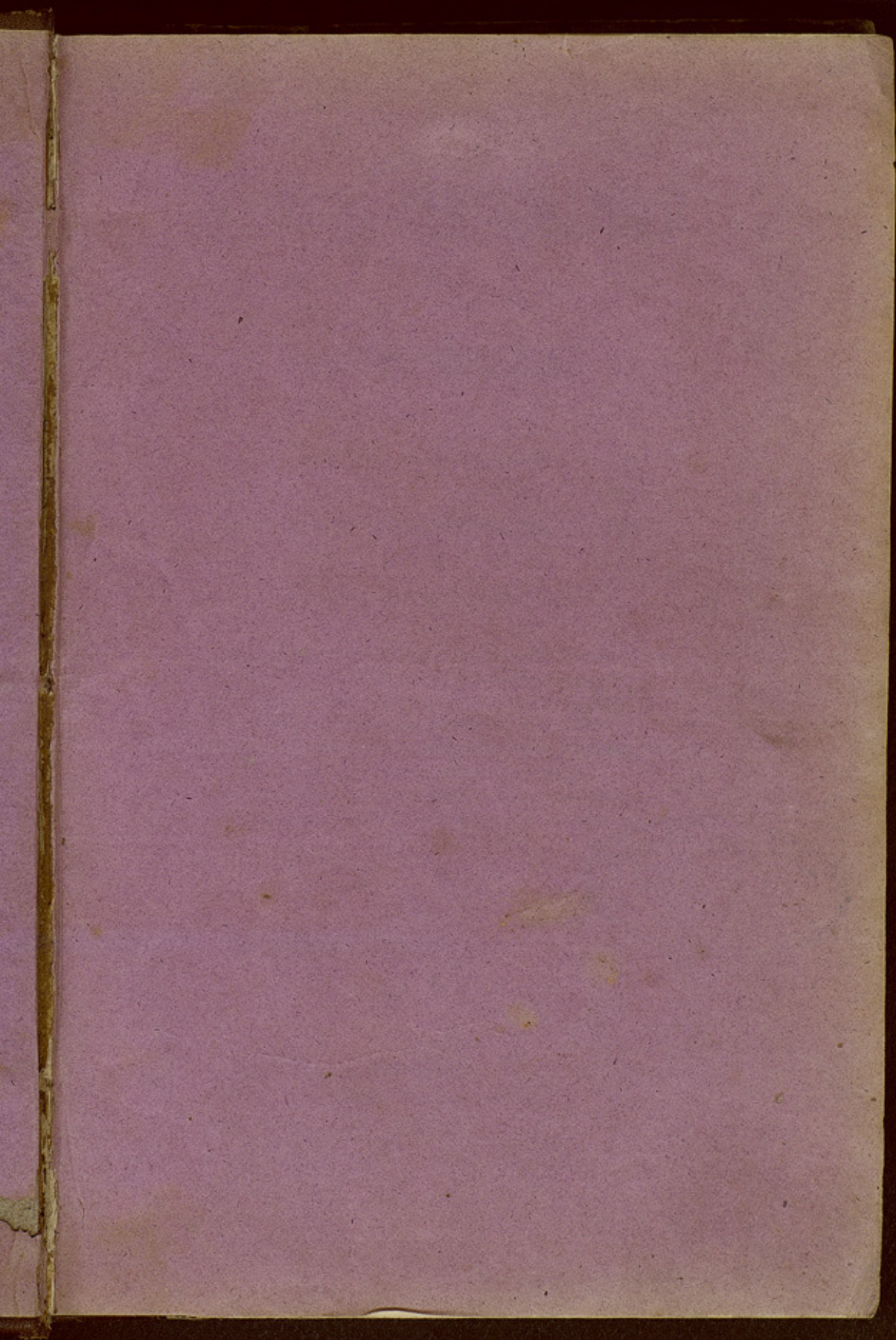
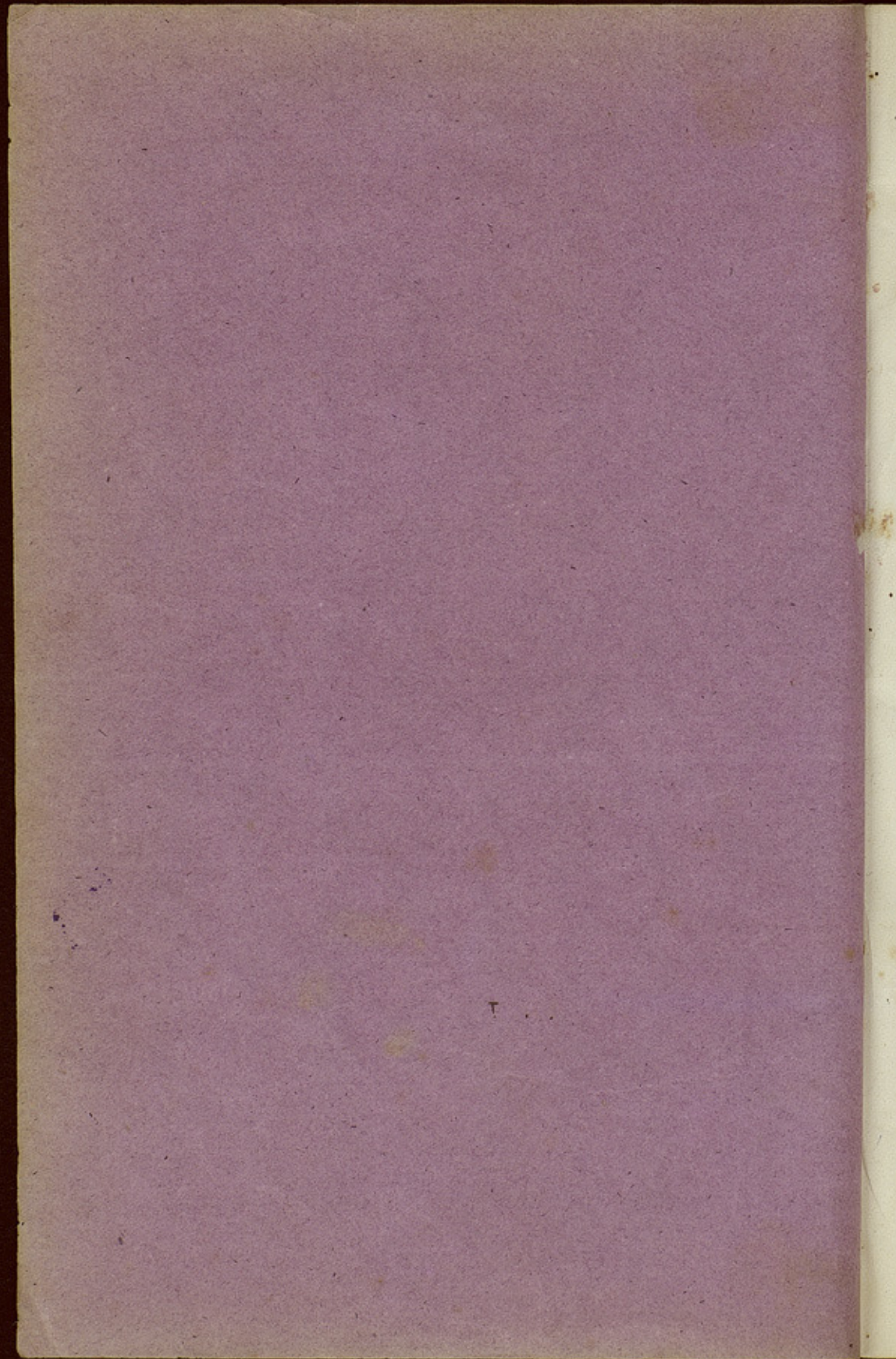


1
(24)
40
1790

Casa 1
Gab. (24)
Est.
Tab. 40
N.º 1790





1
(24)
40
1790

PANORAMA PHOTOGRAPHICO

DE

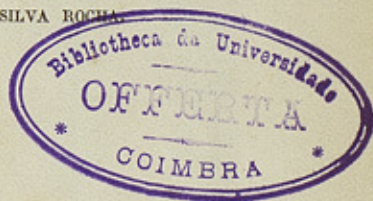
PORTUGAL

publicado sob a direcção de

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

E COLLABORADO PELOS EXCELLENTISSIMOS SENHORES

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO, ACACIO M. CABRAL MACEDO E GAMA,
ALFREDO ANSUR, D. AMELIA JANNY, ANTONIO FRANCISCO BARATA,
ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA, ANTONIO MARIA SEABRA D'ALBUQUERQUE,
AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, CANDIDO DE FIGUEIREDO,
FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE GUSMÃO, IGNACIO DE VILHENA BARBOSA,
JOÃO DE SOUSA ARAUJO, JOSÉ ALVES DE MARIZ,
JOSÉ FREDERICO LARANJO, JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO, JOSÉ SIMÕES DIAS,
LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA, MANUEL ANTONIO DA SILVA ROCHA



Vol. I.

COIMBRA

TYPOGRAPHIA DO PAIZ

1871



INDICE

	<i>Pag.</i>
Amoreiras do Professor (As)	40, 73, 75, 401
Architecto (O)	8
Bibliographia	64, 95, 112, 119
Brazão do appellido de Cacheiro (O)	107
Breve Memoria Historica da Villa de Goes	91
Castello de Almourol (O)	17, 127
Chronica Gothorum	63
Claustro do Silencio do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra	137
Coimbra	5, 121
Coimbra (poesia)	85
Coisas Philosophicas e Poeticas	87
Conselho (Um)? Não. Uma leal advertencia ás classes laboriosas	60
Conventos de Santa Clara e de S. Francisco em frente de Coimbra	97
Egreja do Convento de Christo am Thomar	81
Epistolographia	53, 83
Epitaphio (Um)	38
Errata	80
Extase (poesia)	28
Forte de Santa Catharina na Villa da Figueira da Foz	129
Introdução	1
Jardim Botanico da Universidade	33, 132
Lamentos (poesia)	56
Logogripho	32
Medicos Litteratos e Politicos	67, 123
Modas Portuguezas em 1381	114
Nota ácerca de Bernardim Ribeiro	45
Oremus (poesia)	100
Pia baptismal da Sé de Coimbra	70
Porta da Capella da Universidade de Coimbra	113
Quadros Academicos	22
Reminiscencia do Coração (A)	49
Sala Grande da Universidade	65
Sé Nova de Coimbra	49
Sinete da Inquisição de Coimbra	140
Sonetos	16, 118, 119 132, 139
Universidade de Coimbra	105
Vinda do Marquez de Pombal a Coimbra para reformar a Universidade	29, 43
Vista exterior de Coimbra	5

44

PREÇO D'ESTE VOLUME

Para os srs. Assignantes em Coimbra	1\$200
Fóra de Coimbra	1\$440
Para não assignantes	1\$800

*Escriptorio da redacção, rua do Visconde da Luz n.º 15,
Coimbra.*

PANORAMA PHOTOGRAPHICO DE PORTUGAL

INTRODUÇÃO

Deve causar estranheza o apparecimento d'um jornal litterario, illustrado com estampas, em epocha tão safara para as letras e para as artes.

Em Portugal, onde temos visto desmentidos na practica, por defeito dos nossos costumes, alguns axiomas da economia politica, dá-se na actualidade um phenomeno, relativamente á litteratura, de que não conhecemos outro exemplo, quer entre nós, quer nos paizes estrangeiros.

A historia da civilisação, tanto nos antigos imperios, como em as nações modernas, mostra-nos de um modo claro e incontroverso, que em toda a parte do mundo, e em todos os tempos, o movimento intellectual dos povos e o seu desenvolvimento material correm sempre a par, auxiliando-se e instigando-se reciprocamente; pois que sem o concurso d'estes dois obreiros não se podem realisar os verdadeiros progressos da civilisação. Em o nosso paiz estamos vendo a mais singular contradicção d'aquella practica e doutrina, que a todos parecerão invariaveis.

O restabelecimento da liberdade em Portugal, graças ás leis sabias e reformadoras da regencia do immortal duque de Bragança, abriu as portas a uma epocha de iniciativa e actividade industrial, de confiança para os capitaes, de promettedora fecundação para todos os elementos de riqueza publica; uma epocha, emfim, de muita animação e de immensas esperanças.

À este periodo curtissimo succedeu outro, infelizmente longo, de desalento e torpor, devido á discordia, que rebentou no seio do partido liberal.

Pois durante esse periodo de luctas inglorias, de desconfiança e descredito, de assustador disequilibrio na fazenda publica, de inercia para todo o genero de melhoramentos materiaes, de grande atraso nos pagamentos dos servidores do estado, de paralisação ou definhamento em todos os ramos da industria, de abandono das nossas colonias, de estagnação de todas as fontes de riqueza do paiz; durante essa quadra medonha, em que mais padeceram os interesses moraes e physicos de Portugal, publicaram-se e sustentaram-se na capital do reino muitos jornaes litterarios, illustrados com gravuras ou lithographias, e não poucos com vida prospera. Alem de outros, cujos titulos não nos occorrem á lembrança neste momento, citaremos os seguintes: *Archivo Popular*, *Bibliotheca Familiar e Recreativa*, *Corsario*, *Illustração*, *Jornal de Bellas Artes*, *Mosaico*, *Panorama*, *Portugal Artistico*, *Ramalhete*, *Recreio*, *Universo Pittoresco*, etc. Todos estes, exceptuando a *Illustração*, eram publicados ao mesmo tempo; não fallando em varios outros jornaes litterarios, mas não ornados de estampas, contemporaneos d'aquelles.

Ao cabo de tantas e tão duras provações, travou-se da roda da revolução. A paz com fomento, e a ordem com liberdade e tolerancia, foram restabelecendo pouco a pouco a confiança, ao passo que faziam entrar o paiz em uma nova epocha de verdadeiro progresso.

Em resultado de honrosos commettimentos governativos e de immensos sacrificios o reino viu-se dotado com diversas linhas

ferreas, que o cortam em quasi todo o seu comprimento e largura; com muitos centos de kilometros de estradas macadamizadas, que já ligam em faceis communicações os principaes centros de população e de industria; com alguns milhares de kilometros de linhas electro-telegraphicas, que cruzam o paiz d'uma extremidade a outra, em todas as direcções, pondo todas as terras de alguma importancia em relações intimas entre si e, pode dizer-se, com todo o mundo; viu-se dotado com a instituição d'um banco de credito predial, e com outros estabelecimentos de credito em Lisboa, Porto, Braga e Vizeu; com as leis hypothecaria, de abolição dos vinculos, e de desamortisação dos bens de mão morta, todas tendentes a estabelecer o credito da propriedade em bases seguras, e a dar impulso á agricultura; viu-se dotado finalmente com outros melhoramentos moraes e physicos, contando-se entre os primeiros a instrucção industrial, o ensino practico da agricultura, etc.; e entre os segundos o estabelecimento de numerosas linhas de barcos movidos a vapor, que têm dado desenvolvimento ás nossas relações commerciaes com os differentes estados da Europa, da America e da Africa occidental, fazendo entrar em via de mui esperançoso progresso as possessões portuguezas nesta ultima parte do globo.

Se todos estes elementos de prosperidade têm ou não fructificado, que o digam as estatisticas das alfandegas, por onde se verá o extraordinario crescimento da riqueza publica.

Porem, não obstante tantas circumstancias favoraveis, o unico jornal litterario, illustrado com gravuras, que havia no paiz, terminou em abril d'este anno a sua publicação! E se comparassemos o movimento litterario da actualidade com o do negro periodo, que acima deixámos esboçado, a differença seria toda em favor d'este ultimo.

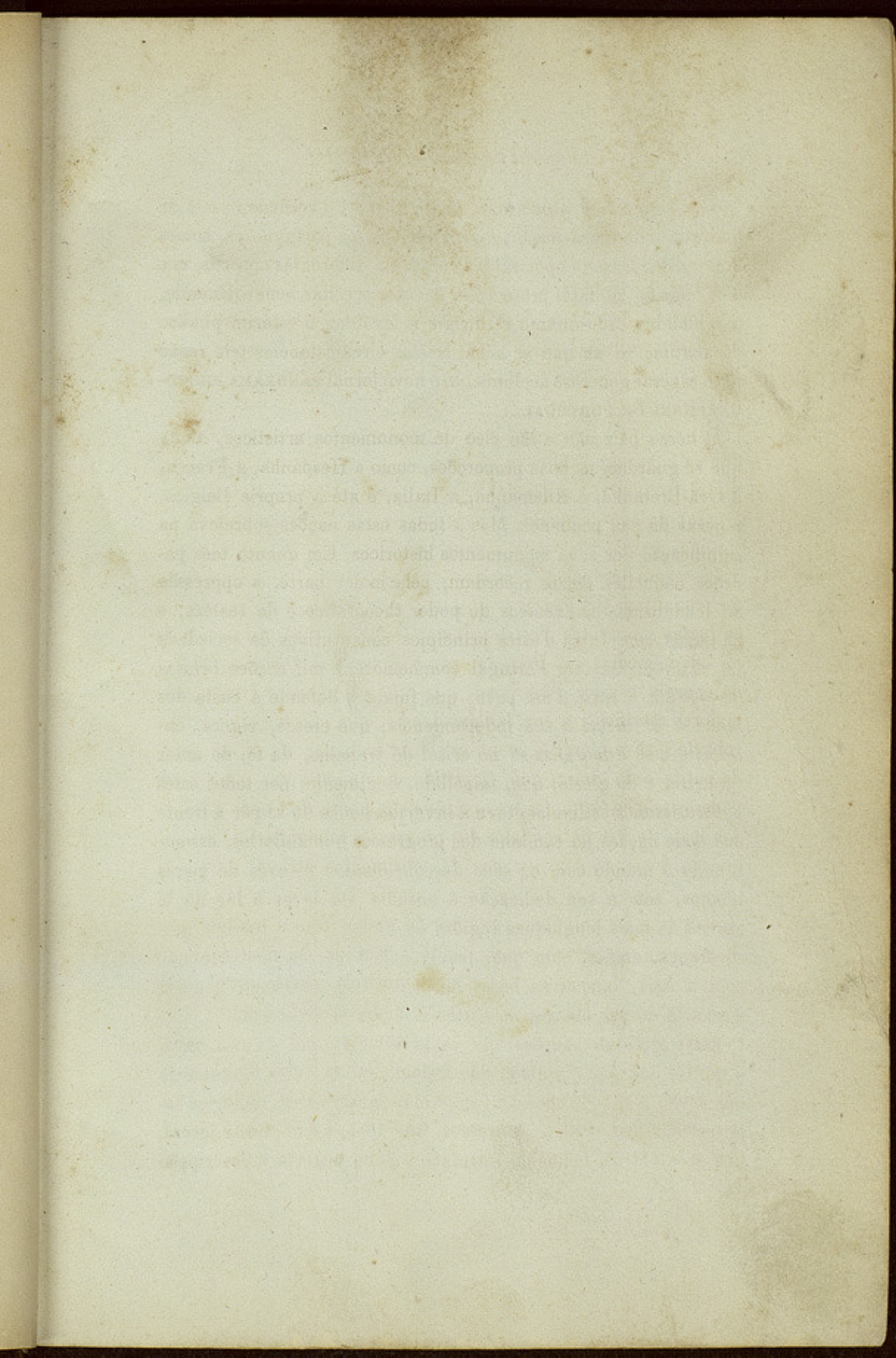
Eis aqui o phenomeno a que no principio nos referimos.

Não será pois demasiada cusadia fundar um jornal d'este genero, na cidade de Coimbra, em uma quadra tão precaria para as letras e para as artes? Que é ousadia, ninguem, por certo, deixará de reconhecer; mas acreditamos que não será demasiada.

Se o desalento é, como firmemente cremos, o verdadeiro mal de que está enferma a nação; mal a que nós, os portuguezes, somos muito sujeitos, e que por tantas vezes, em diferentes epochas, nos tem lançado em fatal prostração; deve-se acceitar benevolmente, e applaudir, tudo quanto se dirigir a levantar o espirito publico do abatimento em que se acha. Nestas circumstancias tem razão para esperar generoso acolhimento o novo jornal PANORAMA PHOTOGRAPHICO DE PORTUGAL.

O nosso paiz não é tão rico de monumentos artisticos, ainda que se guardem as boas proporções, como a Hespanha, a França, a Grã-Bretanha, a Allemanha, a Italia, e até a propria Belgica, a pezar da sua pequenez. Mas a todas estas nações sobreleva na significação dos seus monumentos historicos. Em quanto taes padrões naquelles paizes recordam, pela maior parte, a oppressão do feudalismo, os excessos do poder theocratico e da realeza, e as luctas sangrentas d'estes principios constitutivos da sociedade na idade-media; em Portugal commemoram mil acções briosas de energia e valor d'um povo, que funda e defende á custa dos maiores sacrificios a sua independencia; que cresce, vigora, enrobustece-se e moralisa-se no crisol do trabalho, da fé, do amor da patria e da gloria; que, impellido, finalmente, por todos estes poderosissimos estimulos, teve a invejada honra de se pôr á frente das mais nações no caminho dos progressos humanitarios, assombrando o mundo com os seus descobrimentos através de mares ignotos, com a sua dedicação e ousadia em levar a luz da fé christã ás mais longinquas regiões do globo; com a incrível perseverança, emfim, com que, pondo a Europa em facil contacto com a Asia, lançou as bases ao commercio maritimo, e abriu d'est'arte de par em par as portas á moderna civilisação.

Estes gloriosos padrões, que tanto abundam em a nossa terra, e muitos dos quaes tambem dão testemunho da nossa florescia nas artes, e alem d'elles as terras mais notaveis do reino, os logares historicos e sitios pittorescos, irão apparecendo neste jornal, uns após outros, fielmente retratados. E na historia e descripção





Panorama de Portugal.

Primeira serie. — N.º 1.

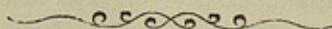
COIMBRA

Vista tirada da ponte de ferro sobre o Mondego.

d'elles offerecerá o PANORAMA PHOTOGRAPHICO DE PORTUGAL aos seus assignantes uma exposição periodica de acções nobres, generosas e verdadeiramente heroicas, de todo o genero de illustres feitos, que mais podem lisonjear o orgulho nacional, e assim despertar mais promptamente aquelle amor da patria e energia de character, que outr'ora foram distinctivos dos portuguezes, e instrumentos da passada grandeza e prosperidade d'este paiz.

Desempenhando-se d'este modo do titulo, que tomou, e da honrosa, embora ardua, missão que assumiu, o PANORAMA PHOTOGRAPHICO DE PORTUGAL presume-se com jus á benevolencia e ao auxilio do publico.

I. DE VILHENA BARBOSA.



VISTA EXTERIOR DE COIMBRA

Está Coimbra, a formosa, sentada em seu monte de primavera; com o largo Mondego a seus pés, como barra de viva prata em seu manto verde; dentro em o seu tão sereno horizonte, que parece feito de um beijo risonho do Creador.

CASTILHO.

As estradas, que do Porto ou de Lisboa conduzem a Coimbra, cortando communmente por brenhas cerradas, descampados infertéis, pinhaes extensissimos, mas sem majestade, e povoações pobres e derramadissimas, preparam o caminhante com disposições de tristeza, para contemplar a scena de Coimbra, que, si-

milhante a uma pyramide esculpida, se álevanta dominadora dos seus fresquissimos e saudosissimos arredores, e do tranquillo Mondego, que se revolve mansamente a seus pés, como uma fita branca lançada por meio de um tapete de verdura (1).

Quanto é bella a apparencia d'esta multidão de casas, diffe-

(1) São unanimes os estrangeiros, não só os nacionaes, em encarecer e celebrar as bellezas de tão encantadora situação, como se vê das passagens, que transcrevemos:

«Coimbre est bâtie, comme presque toutes les grandes villes de Portugal, sur la pente d'une colline très-escarpée: la partie qui se trouve dans la plaine est peu considérable. Le Mondego, large fleuve, serpente au pied des collines qui sont devant la ville; un pont, construit de pierres de taille, le traverse. On n'aperçoit la ville qu'après être descendu dans la vallée; mais, en récompense, elle offre alors *l'aspect le plus magnifique et le plus surprenant. Sa situation est charmante.....*» — VOYAGE EN PORTUGAL — par M. Link. Tom. 1.^o, chap. xxvi, pag. 378:

«Coimbra, cidade episcopal, bâtie en amphithéâtre sur une colline dominant le Mondego, dans une *situation charmante*, moitié sur le côté occidental d'une colline escarpée et moitié dans la plaine arrosée par ce fleuve.» — ESSAI STATISTIQUE SUR LE ROYAUME DE PORTUGAL ET D'ALGARVE — par Adrien Balbi. Tome second., pag. 201.

«Quando se chega a pequena distancia, se descobre Coimbra, a antiga Conembrisca de Antonino, edificada em amphitheatro sobre a encosta d'uma ingreme montanha, como quasi todas as grandes cidades de Portugal. Esta collocação produz, em Coimbra principalmente, o *maximo encanto.*» — PORTUGAL. RECORDAÇÕES DO ANNO DE 1842 — pelo Principe Lichnowsky, traduzido do allemão, pag. 145.

«C'est le 1.^{er} septembre, à quatre heures du soir, qu'en descendant d'une côte escarpée et assez élevée, nous avons pu jeter, à travers l'épais branchage des arbres, un premier coup d'oeil sur cette antique Coimbre *si admirablement située*. Quand le paysage se découvrit entièrement à mes yeux, je restai *comme ébloui de sa splendeur*. Un grand pont de pierre porte la route d'un bord à l'autre du Mondego qui, dans cette saison, semble une vaste plaine de sable à travers laquelle serpente un filet d'eau; en quelques endroits il ne s'éleve pas jusqu'à la jambe.» — LES ARTS EN PORTUGAL, par le Comte A. Raczyński, pag. 467:

«Il suffit d'ouvrir le *Voyage de Kinsey*, ou mieux encore le beau livre de

rentes na fabrica, nas côres e na altura, entresachadas de gothicos palacios, mostrando ainda, pela forma acastellada, os longos seculos de sua existencia? (1)

Quanto se deleita a vista na gradação variada, com que se vão apinhando os edificios, apparecendo na crista do monte, como patriarcha e rei de todos, o *paço real das escholâs com a sua torre quadrangular?* (2)

Ou se aviste Coimbra, quando o astro do dia surgindo no horisonte espalha seus raios sobre a cidade, ou quando já vai a submergir-se no oceano, para renascer mais brilhante e luminoso, ou enfim quando o pallido clarão d'uma lua desmaiada apenas deixa ver indistinctamente os objectos, sempre a *Rainha da Beira* apparece majestosa, e com gracioso donaire; porem em quadra nenhuma ostenta mais *solemne perspectiva*, que olhada do *Monte da Esperança* em noite bem escura.

Nos confins d'um horisonte nubloso e melancolico, no meio d'um silencio profundo, enxerga-se a cidade, qual montanha longinqua. Espesso véo de negras sombras a envolve desde o viso até ás raizes do outeiro; nem homens, nem animaes, nem habitações se avistam; através porem do escuro manto reverbera o fulgor de numerosos lumes. É que, lampejando milhares de luzes por entre as vidraças das janellas, vem formar um contraste maravilhoso com a escuridão da noite; e o vulto enorme da cidade, negreando por entre a claridade d'estas luzes, amostra se como phantasma gigante cercado de estrellas.

Landmann, pour comprendre tout ce qu'il y a de *charmant et de pittoresque* dans la situation de Coïmbre — PORTUGAL, par M. Ferdinand Denis, pag. 377.

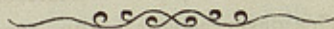
(1) O de D. Maria Telles de Menezes, irmã da rainha D. Leonor, é o que mais especialmente fez os olhos de quem contempla a cidade.

(2) «Tantos edificios grandes apinhados em um espaço tão limitado, e á roda as verdes planicies, a que se chama o *campo de Coimbra*, atravessadas por alamedas, repartidas em jardins, onde o loureiro cresce livremente — isto tudo dá á cidade e seus arredores um colorido tão poetico, tão meridional, e tanto da idade-media, que o observador, a cada passo, julga-se transportado aos seculos passados.» *Lichnowsky* — obr. cit., pag. 146.

E que ideas não affluem ao pensamento, ao contemplar tão primoroso quadro?! Lembram esses palacios encantados, tão ricos de ouro e pedraria, de que nos bellos dias da infancia ouvimos embevecidos a mui longa e mui curiosa historia.

Em verdade *Coimbra*, a mais bem situada de todas as nossas cidades (embora *Braga* lhe dispute a preeminencia, que a não beija um *Mondego placido e crystallino*), e edificada em amphitheatro, offerece o mais formoso e encantador aspecto.

R. DE GUEMÃO.



O ARCHITECTO

(Fragmento d'um romance inedito)

Martim Lourenço era um homem singular. Falado pela natureza com grande força e coragem, repugnava a inercia, como a procellaria o mar de bonança. Entre viver e combater não punha differença essencial. A lucta parecia o seu elemento. Recreava-se em vencer difficuldades de toda a ordem; em resolver problemas reputados insolueis; em subjugar as potencias da natureza; em arcar com a força moral ou physica de muitos homens; em offerecer ou acceitar batalha aos animaes ferozes. Amava os perigos com extremo, porem os perigos maiores, os de que ninguem deixasse de apostar com probabilidade apparente que lhe fariam perder a vida. Chamava estes prazeres uteis ou agradaveis, conforme aproveitavam a outren, ou não serviam senão de satisfazer-lhe a paixão dominante.

Os seus contemporaneos mal o comprehenderam. Aos nossos pareceria de todo incomprehensivel. Se vivesse hoje, não o resolveriam de modo nenhum a publicar por meio da imprensa a sua propria apotheose, a fazer-se eleger deputado, a receber um subsidio do thesouro para ir a uma exposição estrangeira, a ac-

ceitar, sequer, um habito de Christo. Os periodicos qualifica-lhe iam de *excentrico*, os medicos mandar-lhe iamós tomar banhos de chuva. No seculo XVI, á falta d'aquella palavra e d'este remedio, havia, como vimos, quem lhe chamasse sandeu e se propozesse cural-o radicalmente, enforcando o. Cada epocha falla e procede a seu modo.

Todos os cuidados da educação foram insufficientes para corrigir a indole extravagante de Martim Lourenço. Seu pae, architecto habil, que trabalhou em tempo de D. Affonso V e de D. João II no mosteiro da Batalha, poz os maiores esforços em lhe moderar as propensões desarrazoadas, que, sendo ainda criança, patenteara. Debalde Martim Lourenço ouvia as reprehensões com respeitosa attenção, e chegava muitas vezes a denunciar as proprias faltas para receber o castigo. Recusava-se, porem, sempre com invencivel pertinacia a prometter a emenda, de que se tinha por incapaz.

Tornara-se forte e agil nos exercicios perigosos em que se entretinha contra a vontade paterna. Subia com egual destreza aos corucheus do templo e aos pinheiros dos montes; saltava das cornijas aos capiteis e dos outeiros aos valles; trepava pelos rendados da pedra e pelas escabrosidades dos rochedos; pendurava-se dos florões dos pinaculos e das fraguras dos alcantãs. Familiarisou-o esta gymnastica roborante com as obras da natureza e da arte.

Até á idade de doze annos foi absolutamente impossivel ensinal-o a ler e a escrever. Imaginativo e propenso ao extasis, desagradava-lhe o longo e enfadonho trabalho, indispensavel para conhecer e traçar os signaes graphics. A opulenta phantasia transfigurava-lhe os caracteres do alphabeto em arvores, e animaes, e monstros, de sorte que, primeiro que chegasse a entender o que significavam lia nelles as chymeras em que o espirito desvairado e caprichoso lh'os metamorphoseava.

Um acontecimento extraordinario o obrigou, emfim, a aprender estes rudimentos.

Obedecendo a extravagantes impulsos, fugia dos aposentos do architecto pela calada da noite. Umaz vezes, deitava a correr pelos descampados, embrenhava-se nas espessuras dos bosques, entranhava-se nas concavidades das cavernas, e, longe de se amedrontar com os saltos dos animacs montesinos, com os assovios das corujas, com os adejos dos moreegos, expulsava-os de suas residencias predilectas. Outras vezes, equilibrando-se como um arlequin, corria pelos espigões dos telhados do mosteiro, chegava aos eirados proximos da egreja, e descia por algum botareu ao claustro, cujo silencio e solidão lhe apraziam.

Certa noite viu luz num angulo da vasta quadra. Tremulos clarões illuminavam naquelle sitio a abobada artozoada, e projectavam nas paredes as sombras irrequietas das columnas e dos ornatos das ogivas. De espaço, a espaço os echos das arcadas repetiam os sons estridentes e agudos que sahiam de ao pé da luz, produzidos como por um instrumento de ferro a bater na pedra. Depois, seguia-se o ruido surdo e prolongado que faz o attrito ou roçadura entre aquelles dois corpos.

Um homem fugiria transido de susto; a criança avançou cheia de curiosidade.

Como se aproximasse, viu um frade de joelhos que, á luz da lanterna que tinha juncto de si, tentava arrancar com uma alavanca certa pedra embebida na parede, rez do chão. O frade, sentindo passos, voltou-se, e, avistando uma figura de seis palmos de altura, tomou-a pelo demonio, fugiu e deixou o ferro e a lanterna.

Martim Lourenço foi logo examinar a obra que naquella noite lhe perturbara o socego do claustro. A lapida que o frade chegara a ponto de arrancar tinha um triangulo e signaes desconhecidos. A criança concluiu o trabalho do homem e aproveitou-lhe o fructo. Era um livro de pergaminho que estava depositado no vão por de trás da pedra. Observando-o á luz da lanterna, viu um manuscripto riquissimo no material, que do mais não en-

tendia nada. Repoz a lapida no seu logar, voltou ao aposento com o livro, e escondeu-o comsigo no leito.

Passou o restante da noite sem pregar olho. Inquietava-o a curiosidade, perseguia-o o desejo de examinar á luz do dia o seu mysterioso achado.

Logo que ao primeiro alvor se seguiu a claridade da aurora, saltou fóra do leito, pegou no livro, e foi sentar-se á janella da camara. Em frente, por cima dos cerros distantes, tingiam o céo extensos e variegados rubores. Algumas nuvens pequenas reflectiam já os raios directos do sol, e fluctuavam no horisonte, como frocos de oiro e neve em ondas roseas e purpurinas. Porem, aos bosques e prados, que não viam ainda o astro do dia, chegava apenas a luz diffusa, aquella claridade indecisa e vaga, que parece lutar com as ultimas sombras da noite, esvaecendo as côres e confundindo as formas dos objectos. As aves sahiam dos latibulos das espessuras, e começavam a animar com suas vozes e movimentos a superficie da terra. As corollas das flores desabrochavam nas plantas, acordadas do nocturno somno, e perfumavam a atmosphera de essencias e aromas. A natureza toda festejava o raiar do novo dia.

Martim Lourenço abriu outra vez o livro para o examinar por menor. Orlavam-lhe as paginas tarjas vermelhas com ramos e figuras bem desenhadas que serviam de ornamentos a emblemas desconhecidos. Abriam os periodos letras grandes, rasgadas e majestosas de phantasiado lavor. Era um codice nitido e elegante, obra admiravel da habilidade e da paciencia humana. A criança fixava os caracteres attentamente, e affligia-se de os não saber decifrar. Mirava e remirava com avidez aquelles enigmas inintelligiveis, estudava e comparava a forma das letras, examinava as abreviaturas, contava e corria as folhas do principio ao fim e do fim ao principio sem perceber uma só palavra. Tinha por certo que o livro era um thesouro, embora não soubesse de quê. Se o não fosse, ninguem se teria cançado a enche-lo de primores de

calligraphia e de pintura, ninguem o occultaria na parede do claustro, ninguem o buscaria á meia noite naquelle mysterioso esconderijo.

Lembrou-se de o levar ao pae, e pedir-lhe que lh'o lesse. Recusando porem que o architecto se escusasse a satisfazer a esta supplica, ou que lhe impedisse as excursões nocturnas, pareceu-lhe melhor aprender a ler e acceitar as lições que até então desprezara. Habilitar-se-ia assim a saciar a curiosidade sem communicar a outrem o seu valioso achado.

Quando se levantou da janella o sol brilhava esplendido no puro azul do ceu, inundava de luz os montes e os campos, e secava com o vivificante calor as gottas do orvalho da noite.

Martim Lourenço aprendeu em poucos dias o alphabeto, em poucas semanas a decompor as palavras em syllabas, em poucos mezes a ler correntemente a letra usada naquella epocha.

Ao passo que se desenvolvia na leitura, trabalhava com afince por interpretar as paginas mysteriosas do manuscripto. Sahia-lho sempre baldado o empenho. Conhecia e denominava as letras, separava as syllabas, mas nem a analyse nem a synthese lhe davam palavras intelligiveis. Convenceu-se a final de que o livro era escripto numa lingua estranha, provavelmente na latina, que os auctores usavam mais que a materna. Não se lhe esgotou a paciencia com esta nova difficuldade, e pediu ao pae que lhe mandasse ensinar latim.

O architecto via com espanto a maravilha da transformação, e explicava-a pelo genio extravagante e caprichoso do filho. Sabendo porem que sempre que um desejo forte o dominava, lhe poderia exigir todo o sacrificio, poz-lhe estas condições: aprender a escripta, o desenho e a architectura. O filho acceitou-as, e no espaço de dois annos estudou com um frade do convento o que era da sua competencia, e com o pae o que pertencia á arte.

Logo no principio, apenas se habituou á toada particular do latim, conheceu que não se enganara, suppondo o livro escripto

nesta lingua. A certeza que adquiriu serviu-lhe de incentivo para proseguir no estudo enfadoso da grammatica, e para continuar os trabalhos que lhe haviam sido impostos. Depois, quando começou a traduzir, e poudo interpretar algumas linhas do manuscripto, achou que tinha por assumpto a architectura. E, percebendo que declarava segredos da arte, que o pae lhe não ensinara, ou porque não o suppunha ainda com idade para os saber, ou porque elle proprio os ignorava, mais se lhe aguçou a curiosidade e nova diligencia poz em se aperfeiçoar na lingua latina.

O principal architecto da Batalha foi o auctor do livro encontrado por Martim Lourenço. Querendo deixar nesta obra a explanação ou commentario d'aquella, compendiou com muita clareza e concisão as regras superiores da arte, considerou-as applicadas ao grandioso edificio, expoz os principios que lhe serviram de norma na concepção sublime do todo e na combinação harmonica das partes, declarou, emfim, a significação das siglas, dos emblemas e até dos elementos architectonicos, porque, bem como nas paginas escriptas não poz uma palavra sem idea, assim tambem no grande livro de pedra não deixou uma só peça a que não correspondesse algum pensamento.

Nós vemos hoje, admiramos, meditamos a Batalha, e não a comprehendemos. Obra monumental d'uma arte perdida, expressão gloriosa do sentir de outro tempo, epopêa magnifica escripta nas letras de pedra d'uma linguagem olvidada, é já, como o dolmen, a pyramide, ou o obelisco, um enigma legado á posteridade pelas gerações antigas. Subsiste, é certo, de pé e inteiro. Conserva-o, mais que a dureza do marmore, o christianismo, como aos outros edificios congeneres, dos quaes, sem a religião, não restariam senão ruinas, que o viajante ou o archeologo desenterrariam hoje na Europa, do mesmo modo que na Asia as reliquias das cidades que morreram com seus velhos cultos.

O architecto, prevendo o fim proximo do estylo a que se deu a posthuma designação de *gothico* (porque o estylo acabou, não ob-

stante ficar subsistindo a religião que representava), prevenendo a geral decadencia da architectura, ainda antes de principiar a acção lenta e poderosa da imprensa, que havia de supplantal-a e substituil-a, quiz deixar aos posteros um documento, que lhes satisfizesse a curiosidade e lhes patenteasse o genio da arte, que exaggerados innovadores haviam de taxar de barbara. O seu livro lançaria viva luz nas obras dos architectos da idade media, provar-lhes-ia o valor e a importancia, e viria talvez a servir-lhes de egide que os salvasse da injusta e immerecida condemnação que soffreram dos apostolos do renascimento. A cubiga d'um frade antecipou a descoberta do livro, e fez com que a mais ninguem aproveitasse o trabalho litterario do artista senão a Martin Lourenço.

Este, porem, utilisou muitissimo. Apreciara antecedentemente as maravilhas do templo, como um ignorante de musica se deleita, escutando as melodias da *Norma* ou da *Somnambula*. Depois, pelo estudo do livro, adquirira um novo sentido, que lhe dava a percepção do que ha occulto e mysterioso no edificio. As columnas, as ogivas, as arcadas, as pyramides que apontam ao céo, os portaes povoados de figuras, as janellas bandeiradas de rendados, o espelho da fachada, kalesdoscopio de vidros multicôres, tudo lhe fallava ao coração e lhe arrebatava a phantasia como os versos expressivos d'um grande poema. Dedicou-se com ardor ao estudo do monumento e da arte que o produziu. Aos vinte annos sabia mais que a maior parte dos architectos consummados.

Nessa idade acompanhou á Africa seu pae, que D. João II encarregou de obras importantes nas fortificações de Tanger e de Arzilla.

A mudança de continente, de clima e de habitos desenvolveu-lhe ainda as faculdades da alma e as forças do corpo. Abriu-lhe, sobre tudo, o espirito ao sentimento da natureza, que só inspiram os grandes espectaculos naturaes. O horisonte da Canoeira, onde a contemplara, era, para tal, fim muito mais apertado que o do templo para o estudo da arte. Mas durante a viagem vira já a superficie indefinita do mar e a vastidão dos céos não interceptada

pelas curvas caprichosas das serranias. Depois, nas plagas africanas a influencia reciproca da atmosphera, do oceano e da terra offereceu-lhe maior variedade de phenomenos, scenas inteiramente novas, quadros surprehendedentes e imprevistos.

Do oceano mais em particular recebeu emoções que nunca experimentara. Deleitava-se de dia na contemplação das côres variadas e cambiantes da superficie liquida, de noite a ver as ficções maravilhosas da ardentia e a escutar o rolo harmonioso e cadente das ondas que se quebravam nas ribas escarpadas. No que, porém, muito se comprazia era em assistir aos espectaculos temerosos das tormentas. Parecia-lhe então o mar um lidador agigantado que luctava, como tantas vezes elle proprio, com forças contrarias e apparentemente superiores. Agradava-lhe ao ouvido a musica terrivel e sublime dos trovões que ribombavam nas procellosas nuvens, os grandes estridores das vagas a quererem imital-os, e os gritos roucos e plangentes das aves marinhas.

Aprendeu a natação para melhor affrontar os perigos do oceano. Associado aos pescadores, dobrava com elles o cabo de Espartel, e acompanhava-os nos frageis bateis ao mar alto para tomar parte nas almadras e outras pescarias. Passado pouco tempo, excedia os mais esforçados e os mais habéis em dirigir o leme, manejar os remos, ou arpear os volumosos cetaceos.

Na terra habituou-se a soffrer as inclemencias do clima, o excessivo calor do sol, a escaldadura do sirocco, resequido pelos areacs ardentes, as chuvas copiosas que os ventos traziam ora do Atlantico, ora do Mediterraneo, conforme o rumo d'onde sopravam. Nas serras do Xixuão, Farrobo e outras ramificações dos Montes Claros ou Atlantes, frequentando as aldeias dos moiros alliados dos portuguezes, aprendeu-lhes a lingua e os costumes, e adestrou-se em sua companhia na caça dos leões, dos tigres, das onças e das outras feras proprias d'aquellas regiões.

Tal era Martim Lourenço, dez annos antes dos successos referidos nos capitulos anteriores.

SONETOS

Porque de mim tão cedo te partiste,
Deixando-me sem ti, anjo celeste?
Se á terra a dar-me allivio só vieste,
Porque foi que tão rapido fugiste?!

Sem ti eu me fiquei chorando triste
Num deserto sem fim, num ermo agreste;
E tudo que me cêrca se reveste
Da tristeza que em mim ha muito existe!

Meiga estrella d'amor, a mais brilhante
De quantas têm no céu fulgor divino:
Ai! volta a dar consolo ao pobre amante!

Pois desde que teu rosto peregrino
Se me apartou da vista, eu vago errante,
Extincta a doce luz do meu destino!

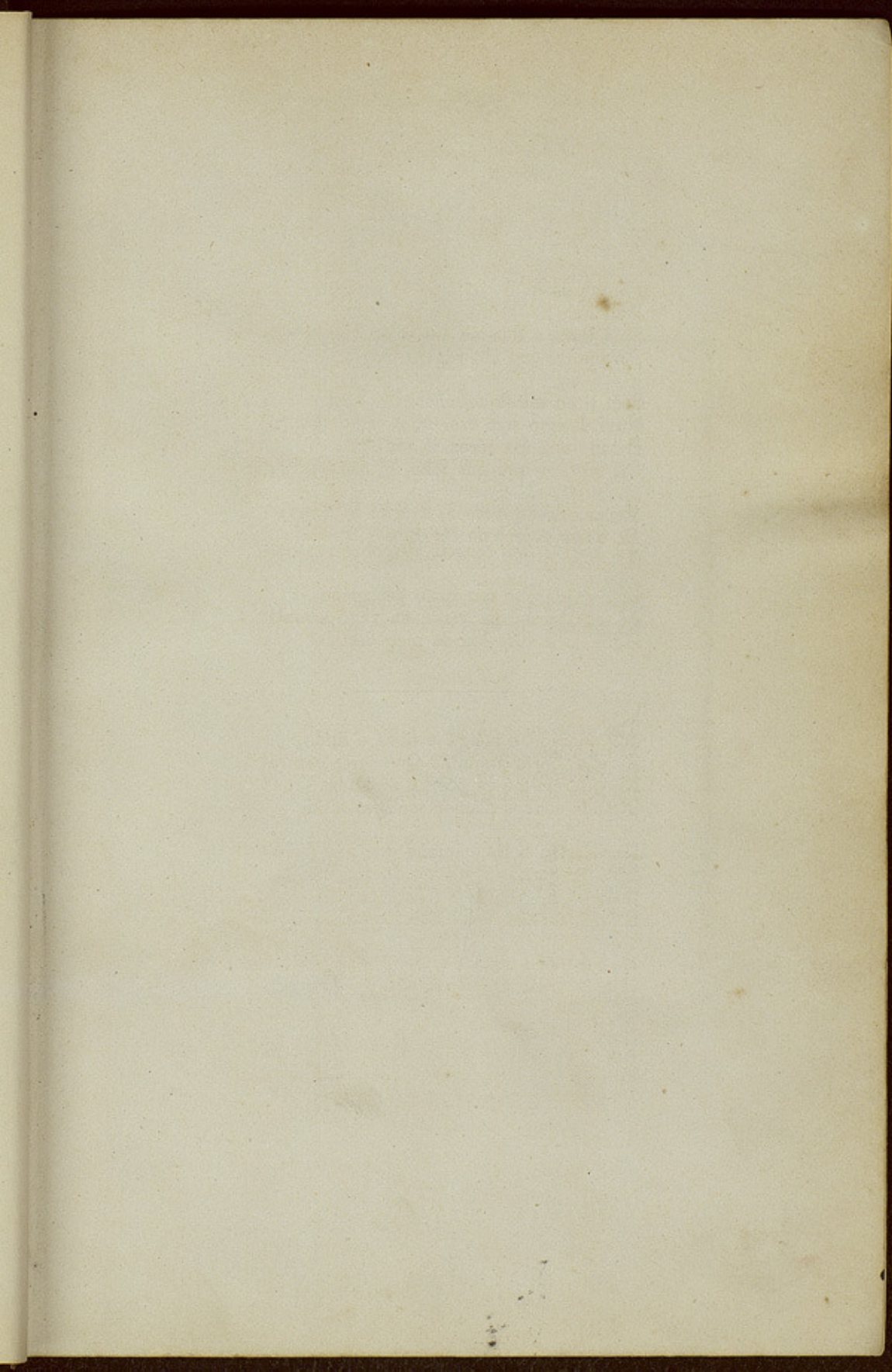
Tão adorada e meiga e nova e linda,
E vel-a morta assim!... Que sorte escura!
Resvalarem-lhe os pés na sepultura,
Quando sonhos d'amor sonhava ainda!

Dormir tão bella o somno que não finda
Sem ter gozado instantes de ventura!
Reclinar no ataúde a fronte pura,
E fugir-me tão cedo! Oh! magua infinda!

Eu sei que a vida é triste e o céu formoso:
Mas tu, alma gentil, tu bem podias
Fruir mais tarde a paz do eterno gozo;

E eu não soffrera tanto! E nem meus dias
Passara immerso em lagrimas, saudoso
Do riso com que alegre me sorrias!

LUIZ CARLOS.





Panorama de Portugal.

Primeira Serie — N.º 2

CASTELLO DE ALMOUROL

(Photographia Academico-Conimbricense)

O CASTELLO DE ALMOUROL

Quero contar-vos a historia
 Do castello de Almourol,
 Vê-se de Tancos na frente
 Ao descobrir do arrebol.
 Bate nas velhas muralhas
 D'aurora o primeiro sol,
 Senta-se no meio do Tejo
 Como se fosse um pharol.

F. GOMES DE BRITO.

Amorim

Foi sentinella infatigavel da monarchia no berço;
 é testemunha veneranda d'um passado glorioso. Alli
 sete seculos nos fallam dos milagres de esforço e de
 constancia que nos constituiram independentes.

MENDES LEAL.

Dezoito leguas acima de Lisboa, em frente da antiga villa de Tancos, levanta-se do seio do Tejo o decrepito e pittoresco castello de Almourol, padrão venerando de outras eras, rico de poesia e de memorias historicas.

Serve-lhe de base um pequeno ilheu oblongo, formado quasi todo de penedos sobrepostos, onde apenas vegetam alguns salgueiros, choupos e um ou outro mesquinho arbusto.

O aspecto que apresenta esta velha fortaleza, surgindo magestosa e grave do meio das aguas, é extremamente bello e pittoresco. Parece guerreiro esforçado que a morte fulminou de subito, mas que ficou conservando ainda a sua attitude bellica.

O perpassar dos seculos, tisondo-lhe e carcomindo-lhe as pedras, fendendo-o e derribando-o em parte, e revestindo-o de musgos e de heras, tem-lhe imprimido um aspecto venerando, que mais faz realçar o character austero da sua construcção.

Seria impossivel fazer hoje uma descripção completa do que foi o edificio noutros tempos. Acha-se por tal forma damnificado pelo longo volver dos annos, que das construcções interiores já se não pode formar idea. Baldado empenho será o de quem pretender descobrir onde ficavam a sala d'armas, taes ou taes aposentos, tal ou tal officina. Na sua area interna já o sol não acha obstaculo á sua passagem, rebenta a relva do chão, estendem seu imperio por todo o vasto recinto as silvas e outras plantas parasitas.

Só se conservam de pé, mas consideravelmente desmoronadas, a cerca exterior com suas nove torres circulares, collocadas a distancias eguaes e sobrepujando um pouco a cortina que entre si as liga; alguns lanços de muralha com suas lumeiras esguias; alguns miradouros, e, no centro, a torre de menagem, elevando-se muito acima das outras construcções, grave e imponente.

Primores architectonicos, se os houve, não resta d'elles o minimo vestigio.

É tudo solidão e ruinas. Ao homem pensador e amante das glorias da patria, apraz-lhe embrenhar-se nesta solidão, e contemplar estas ruinas, porque lhe fallam de memorias gloriosas e de heroicos feitos dos nossos maiores.

Se pelo lado pittoresco é extremamente apreciavel o castello de Almourol, pela sua historia não se torna menos interessante.

Remonta a sua construcção ao berço da monarchia. É nobre a sua origem, porque foi edificado por um dos heroes mais famosos d'aquelles tempos, guerreiro valente e de intimo tracto e amizade do nosso primeiro rei Affonso Henriques. Fallamos de D. Galdim Paes, mestre da famosa ordem dos templarios.

(Continua)

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

A REMINISCENCIA DO CORAÇÃO

O que vou referir é simples e singelo, como tudo que é verdadeiro. Não encontrareis aqui enfeites, nem esforço algum de phantasia, nem peripecia alguma das que o talento cria nas produções românticas

Conheci nos campos d'uma das nossas provincias uma familia, que attrahiu todo o meu respeito pelo bom ordenamento do seu modo de viver, e pelas mostras que dava de cabal conformidade com a sua sorte. Foi o cabeça d'esse casal afortunado quem me contou a sentida historia que vou reproduzir em muito resumido quadro.

Ignoro quem foram meus paes. Esqueço-me de que me abandonaram logo no dia do meu nascimento. Se ainda vivem, peço a Deus que os proteja; se já são mortos... oxalá que a Soberana Justiça tenha podido perdoar-lhes!

Da tristissima roda, para onde fui arremessado na villa de***, deram-me a crear a uma ama dos campos, como é uso. A minha boa estrella me confiou a uma sancta creatura, que teve entranhas de mãe para um desditoso engeitado, dando-me a mais amorosa criação. Quando chegou o prazo fatal dos sete annos, fui posto á soldada, e, para maior desdita, numa povoação distante. Não podia eu ainda avaliar a perda que experimentava; mas assim mesmo chorei copiosamente no doloroso instante da separação.

Desde então começou a sorte a ser-me adversa. Os que me tomaram ao seu serviço viram em mim um escravo; sobrecarregaram-me de pesados trabalhos, e espancavam-me brutaes quando as minhas tenras forças me não deixavam desempenhar o serviço oppressor. Por espaço de alguns annos soffri tormentos, que ainda hoje me fazem estremecer, até que a indignação me deu animo

..

para fugir d'aquelle carcere, e ir em busca de novos amos, que menos barbaramente me tractassem.

Parece que a desventura queria ser a minha companheira inseparavel! Assoldadei-me com uma familia, que ao principio se me afigurou ser mais caridosa do que a primeira; quando, porem, abstrahi da comparação com o precedente estado, e avaliei em si mesma a actual sorte, pude então sondar a minha desgraça. Não era pesado o trabalho; as forças que fôra adquirindo, ajudadas d'um certo brio e desejo de me conservar ligado a uma familia — que em mim eram instinctivos, tornaram supportavel o serviço que estava á minha conta. Mas que! não me pagavam o salario estipulado, e tão escasso era o sustento, que jámais me deitava sem ter fome... era uma familia de avarentos, que não tinha remorsos de querer *poupar* á custa do amargurado servo!

Longo tempo foi decorrendo, sem que melhorasse a minha situação. Recebi, sim, de raro em raro algumas diminutas parcelas; mas a alimentação continuava a ser mesquinha, miseravel, insufficiente, — e, o que sobretudo me affligia, jámais li naquelles semblantes, sempre severos, a menor demonstração de agrado, quando aliás eu tinha a consciencia de merecer mais affavel tracto.

Oh! se eu pudesse voltar para a companhia da sancta mulher que me deu a criação! Mas como? Só me ficaram na memoria o seu primeiro nome, e o do sitio onde morava: escassas indicações para descobrir o paraizo, em que scismava noite e dia!

Resolvido a reagir contra a minha mofina inercia, abri-me com meus amos, e á força de instancias arranquei á sua avareza uma parte das minhas soldadas. Assim fornecida a minha bolça, puz-me a caminho da primeira povoação onde estivera a servir, e d'alli tomei o rumo que conjecturei ser o da morada da minha bemfeitora.

A vontade forte opéra milagres. Muitos dias gastei nas aventuras lidas do descobrimento, até que uma tarde — ainda o sol ia alto — me pareceu que pisava já o solo vizinho da habitação suspirada.

Não me enganava; em breve se me deparou a casa onde pas-

sara os primeiros annos da minha vida. Ainda o manto da noite não começara a estender-se por sobre a terra, já eu estava ajoelhado deante da mulher que me servira de mãe, e a quem vinha pedir que de novo me agasalhasse no seu seio.

Não me reconheceu logo; mas as minhas revelações acordaram lembranças que estavam adormecidas. Seguiu-se uma scena de inexprimivel ternura. Soluços e lagrimas interpretaram o alvoroço de nossos corações, — alvoroço, que se communicou electrico ao marido da minha ama, e a sua linda filha, que no mais vivo enlevo d'alma seguia attenta um episodio tão novo.

Desde aquelle instante fiquei formando parte da boa familia. Uma sympathia, que prestes se converteu em amor, me afoutou a pedir aos meus bemfeitores a mão de sua filha. Sem hesitação foram acolhidos os meus votos, e abençoados foram elles por Deus, pois que me deu uma esposa digna, uma companheira affectuosa.

Quando os nossos extremosos paes, um após outro, deixaram a terra, fomos nós quem lhes cerrou os olhos, encommendando á Divina Clemencia as suas almas, e promettendo imitar os virtuosos exemplos que nos legaram na sua vida.

Não somos ricos; mas não nos falta o pão de cada dia, — graças ao trabalho que emprego na cultura dos bocadinhos que herdámos; — graças tambem ao espirito de ordem e bom governo da minha excellente dona de casa.

Aprendi nos tempos da desgraça a compadecer-me dos que padecem; o bom natural da minha consorte inspira-lhe o mesmo sentir; e assim succede que é para nós um dia muito alegre — aquelle em que temos occasião de fazer algum bem aos nossos semelhantes, nos limites das nossas posses.

Quando terminou esta ingenua narração, mentalmente pedi a Deus que a fraternidade humana venha a ser uma realidade sobre a terra.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

QUADROS ACADEMICOS

Relação dos doutores, que têm sido graduados gratuitamente, nas diversas faculdades academicas, desde a reforma de 1772 inclusivamente, até ao anno de 1869, em resultado do seu distincto merecimento.

Faculdade de Canones

1 José Pessoa Monteiro — Graduado pela mão do marquez de Pombal, em 17 de outubro de 1772, por virtude da portaria do mesmo, de 15 d'esse mez e anno. Tinha concluido os estudos antes da reforma, faltando-lhe só o grau de doutor.

Faculdade de Leis

1 José Joaquim Vieira Godinho — Graduado pela mão do marquez em 12 de outubro de 1772, por virtude da portaria do mesmo, de 7 d'esse mez e anno. Já era doutor em *Canones*, antes da reforma.

Faculdade de Medicina

1 Antonio José Pereira	} Graduados pela mão do marquez em 9 de outubro de 1772, por virtude da portaria do mesmo, de 7 d'esse mez e anno.
2 Simão Goold	
3 José Francisco Leal	
4 Domingos Vandelli	} Graduados pela mão do marquez em 12 de outubro de 1772, por virtude da portaria do mesmo, de 9 d'esse mez e anno.
5 Miguel Franzini	
6 Luiz Cecchi — Graduado pela mão do marquez, em 12 de	

outubro de 1772, por virtude da portaria do mesmo, de 7 d'esse mez e anno.

7 João Antonio Dalla-Bella—Graduado em 4 de maio de 1773, por virtude da portaria do marquez de Pombal, de 2 de março d'esse anno.

8 José Correia Picanço — Graduado em 24 de abril de 1779, por virtude do aviso regio de 18 de janeiro, e carta regia de 16 de fevereiro d'esse anno.

9 Caetano José Pinto d'Almeida—Graduado em 27 de outubro de 1783, por virtude da carta regia de 4 de junho do mesmo anno.

10 Ricardo Teixeira Maconelle — Graduado em 29 de junho de 1788, por virtude do aviso regio de 24 de setembro de 1787.

11 Manuel Pereira da Graça — Graduado em 6 de maio de 1798, por virtude da carta regia de 13 de março do mesmo anno.

12 Antonio da Cruz Guerreiro — Graduado em 6 de fevereiro de 1803, por virtude do aviso regio de 5 de janeiro d'esse anno.

13 João Alberto Pereira de Azevedo—Graduado em 31 de julho de 1810, por virtude do aviso regio de 15 de dezembro de 1808.

14 José Francisco da Silva Pinto — Graduado em 8 de janeiro de 1826, por virtude do aviso regio de 3 de setembro de 1825.

15 Jeronymo José de Mello — Graduado em 18 de janeiro de 1835, por virtude do aviso regio de 30 de abril de 1821.

16 Cesario Augusto de Azevedo Pereira — Graduado em 31 de julho de 1835, por virtude da portaria do ministerio do reino de 26 de maio do mesmo anno.

17 João Maria Baptista Callisto } Graduados em 2 de julho de
18 Antonio Tavares de Almeida } 1837, por virtude da por-
taria do ministerio do reino
de 14 de novembro de 1836.

19 Manuel Paes de Figueiredo e Sousa — Graduado em 25 de julho de 1841, por virtude da portaria do ministerio do reino de 18 de janeiro d'esse anno.

20 José Gomes Ribeiro — Graduado em 31 de julho de 1842, por virtude da portaria do ministerio do reino de 15 de novembro de 1841.

21 Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu — Graduado em 23 de maio de 1852, por virtude da portaria do ministerio do reino de 21 de junho de 1849.

22 Lourenço de Almeida e Azevedo } Graduados em 31 de julho
de 1858, por virtude da
portaria do ministerio
do reino de 22 de junho
do mesmo anno.

23 Antonio de Oliveira Silva Gaio }

N. B. Por aviso regio de 24 de setembro de 1787 foi concedido o doutouramento gratuito a Agostinho José Martins Vidigal, e a quaesquer outros que apparecessem dignos da graça. Por motivos que ignoramos, não a utilisou porem aquelle estudante, que não se matriculou no anno da graduação.

Faculdade de Mathematica

1 Miguel Antonio Ciera } Graduados pela mão do marquez em
2 José Montr.^o da Rocha } 9 de outubro de 1772, por virtude
da portaria do mesmo, de 7 d'esse
3 Miguel Franzini } mez e anno.

4 José Anastasio da Cunha — Graduado por virtude da portaria do marquez, de 5 de outubro de 1773 (1).

5 Manuel José Pereira e Silva

6 M.^{el} J.^m Coelho da C.^{ta} Vas.^{cos} e Maya } Graduados em 24 de
7 Viturio Lopes Rocha } dezembro de 1777,
8 José Simões de Carvalho } por virtude da car-
9 Francisco José de Lacerda e Almeida^a } ta regia de 7 de se-
10 Antonio Pires da Silva e Pontes } tembro d'esse anno.

(1) Não encontramos na secretaria da universidade assento do dia, em que José Anastasio da Cunha foi graduado doutor; mas nas folhas de 1774 vem já mencionado como tal, não o tendo ainda sido nas do ultimo trimestre de outubro a dezembro de 1773. Devia por isso haver tomado o capello no principio de 1774, ou nos fins do anno antecedente.

- 11 José Joaquim Victorio — Graduado em 2 de julho de 1778, por virtude do aviso regio de 2 de junho d'esse anno.
- 12 Manuel Pedro de Mello — Graduado em 19 de julho de 1795, por virtude da carta regia de 4 de abril do mesmo anno.
- 13 José Joaquim Rivara } Graduados em 19 de julho
de 1795, por virtude do
aviso regio de 20 de maio
d'esse anno.
- 14 Tristão Alvares da C.^a Silveira }
15 Ant.^o Honorato de Caria e Moura } Graduados em 28 de
abril de 1805, por
virtude do aviso regio
de 24 de janeiro d'esse
anno.
- 16 Agostinho José Pinto d'Almeida }
17 Luiz Fortunato de Sousa } Graduados em 12 de abril de 1807,
por virtude do aviso regio de 25
de agosto de 1806.
- 18 Sebastião Corvo d'And.^o }
19 José Ferreira Pestana — Graduado em 9 de julho de 1820,
por virtude da carta regia de 6 de março do mesmo anno.
- 20 Guilherme José Ant.^o Dias Pegado } Graduados em 20 de ju-
lho de 1826, por vir-
tude do aviso regio de
15 de abril d'esse anno.
- 21 Fernando Maria do Prado Pereira }
22 Filippe Folque }
23 José Maria Baldy — Graduado em 7 de outubro de 1838, por
virtude da portaria do ministerio do reino de 3 de setembro d'esse
anno.
- 24 Luiz Albano de Andrade Moraes e Almeida — Graduado em
25 de abril de 1852, por virtude da portaria do ministerio do
reino de 23 de abril do mesmo anno.
- 25 Antonio José Teixeira — Graduado em 7 de outubro de
1855, por virtude da portaria do ministerio do reino de 6 de
agosto d'esse anno.

Faculdade de Philosophia

- | | | |
|---|---|--|
| 1 Domingos Vandelli | } | Graduados pela mão do marquez em
9 de outubro de 1772, por virtude
da portaria do mesmo, de 7 d'esse
mesmo mez e anno. |
| 2 Ant.º Soares Barbosa | | |
| 3 João Antonio Dalla-Bella — Graduado em 4 de maio de 1773,
por virtude da portaria do marquez, de 2 de março d'esse anno. | | |
| 4 Theotónio José de Figueiredo Brandão | } | Graduados em 26
de julho de 1778,
por virtude do
aviso regio de 23
janeiro do mesmo
anno |
| 5 Joaquim Velloso de Miranda | | |
| 6 Francisco Antonio Ribeiro de Paiva | } | Graduados em 10
de janeiro de
1779, por virtu-
de do aviso regio
de 23 de janeiro
de 1778 |
| 7 Francisco José Simões da Serra | | |
| 8 Alexandre Rodrigues Ferreira | | |
| 9 Constantino Antonio Botelho de Lacerda Lobo — Graduado
em 6 de maio de 1781, por virtude do aviso regio de 23 de ja-
neiro de 1778. | | |
| 10 Felix de Avellar Brotero | } | Graduados em 13 de
março de 1791, por
virtude da carta regia
de 24 de janeiro, e car-
ta regia expedida pela
junta da fazenda da
universidade em 25 de
fevereiro de 1791. |
| 11 Vicente Coelho da S.ª Seabra Telles | | |
| 12 José Bonifacio de Andrada e Silva — Graduado em 20 de
junho de 1802, por virtude da carta regia de 15 de abril de 1801. | | |

13 Joaquim Franco da Silva — Graduado em 28 de outubro de 1806, por virtude do aviso regio de 31 de julho d'esse anno.

14 Antonio Sanches Goulão — Graduado em 19 de junho de 1836, por virtude da portaria do ministerio do reino de 6 de maio de 1835.

15 Pedro Norberto Corrêa Pinto d'Alm.^a } Graduados em 25 de
junho de 1837, por
virtude da portaria
do ministerio do rei-
no de 11 de maio do
mesmo anno.

16 Antonino José Rodrigues Vidal

17 Ant.^o dos Santos Viegas } Graduados em 30 de outubro de
1859, por virtude da portaria
do ministerio do reino de 18 do
referido mez e anno.

18 Alb.^o Augusto Giraldes

N. B. Por aviso regio de 16 de novembro de 1831 foi concedido o doutoramento gratuito a Adolpho Manuel Victorio da Costa; mas os acontecimentos politicos da epocha impediram-lhe a realisação da graça.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

EXTASE

A Guiomar Torrezão (1)

.....
 Sempre a visão! Quando eu inclino a fronte
 Aos devaneios d'um sonhar febril,
 Surge formosa como o sol de abril
 Que beija o valle e sobredoira o monte!

Quando esta vista, que essa luz cançou,
 Se eleva aos astros, procurando-a a ella,
 Nos raios vívidos de cada estrella
 Acho os vestigios que essa luz deixou!

Aspirações que tão acima erguera,
 Crenças tão fundas que ella em mim nutriu,
 Fugiram como de manhã fugiu
 A branca nuvem da azulada esphera!

Passai, ó nuvens que velais o céu,
 Que me ensombrais a minha luz querida!
 Que eu possa ainda resurgir á vida!
 Que o vento leve o tenebroso véu!

Baldado aneio! — a minha luz caminha
 Longe dos olhos que não têm pharol;
 E á luz, que ha pouco me era estrella e sol,
 Só nos meus sonhos eu direi: — és minha! —

(1) A poetisa lisbonense está escrevendo um drama — *o Amor de filha*. Os versos dedicados á escriptora têm na obra alludida um logar que os honra. É essa a razão da dedicatória.


Quem me trouxesse a suspirada luz,
Quem dêsse vida a um coração que é morto,
D'um mar de escolhos me seria porto,
E cyreneu d'esta pesada cruz!

Mas, ah! ninguem na dolorosa via
Intende as mágoas que soltando vou:
Procuro a pomba que de mim voou,
Ninguem me diz aonde a pomba iria!

Minha não és; mas aos ouvidos teus
Leva estas fallas o ligeiro vento;
Leva-as da flor o perfumado alento;
Leva-as o canto que remonta aos céus!

Coimbra, 1869, novembro, 4.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.



VINDA DO MARQUEZ DE POMBAL A COIMBRA PARA REFORMAR A UNIVERSIDADE

Encetamos neste numero do PANORAMA a publicação d'uma curiosissima memoria descriptiva da vinda do marquez de Pombal a Coimbra, e da sua estada nesta cidade.

Sempre tivemos para nós que é digno de ser lido e estudado tudo o que respeita áquelle grande vulto, que para uns anda circumdado pela aureola da gloria, para outros encoberto pelas sombras das victimas que elle sacrificou ao seu feroz despotismo.

Seja como for — porque ponto é este na historia que porventura nunca será averiguado de vez — é innegavel que Sebastião José de Carvalho e Mello possuiu um espirito elevadissimo, um talento transcendente, uma força de vontade poderosissima, que se reve-

laram em todos os actos da sua vida publica, ainda naquelles em que era preciso caminhar sobre montões de cadaveres.

Mas o marquez de Pombal era um genio, e os genios assemelham-se ás aguias; ás vezes elevam tão alto o vôo, que mal se lo brigam e quasi desaparecem no horisonte immenso. Que admira pois que nós, distanciando já um seculo da epocha em que viveu o grande ministro portuguez, lancemos á conta de talvez pretendidos abusos os successos que não podemos avaliar á clarissima luz da critica historica?

Mas o certo é que o consummado estadista, como as estrellas cadentes, que deixam assignalado com brilhante rasto o caminho da sua passagem, legou-nos monumentos de profundo talento, de porfiado estudo e da sua muita observação dos homens e das instituições.

Entre elles figura com celebrada preeminencia a reforma da nossa Universidade, cujo regulamento ainda hoje é considerado o mais perfeito que dirige estabelecimentos d'este genero, e modelo de senso practico, proprio d'uma intelligencia perspicaz e atilada.

Por iniciativa do marquez foram reformados os estudos em Portugal; e natural era que maiores cuidados e attensões merecesse a Universidade, nucleo dos mais illustres portuguezes d'esse tempo e centro da actividade scientifica e litteraria do paiz.

Veu pois para esse fim o marquez de Pombal a Coimbra, onde foi recebido com as honras que pertenciam a um ministro, que gozava de poderes absolutos. Do que elle passou nesta cidade, dão noticia os seguintes documentos.

S. ROCHA.

Regulamento que deve observar a universidade
quando sahir a buscar S. Excellencia

1.^a figura — Serão os charamelaes.

2.^a figura — Os dez alabardeiros.

3.^a figura — Os meirinhos da universidade, ouvidoria, e seus escrivães.

4.^a figura — Os musicos, e instrumentos.

5.^a figura — Os estudantes, *per modum universi*; porque em rapazes não pode haver formalidade.

6.^a figura — Os mestres em artes, *bini et bini*.

7.^a figura — Os DD. de medicina.

8.^a figura — Os DD. legistas.

9.^a figura — Os DD. canonistas.

10.^a figura — Os DD. theologos.

11.^a figura — Os bedeis com suas massas, e a estes immediatamente o mestre das cerimoniaes com seu bordão.

12.^a figura — O claustro pleno com todos os individuos de que se compõe, cada um em seu logar.

No fim do claustro — O sr. reitor.

Á sua mão direita o decano de theologia, e á esquerda o de canones.

Atrás do claustro e prelado segue-se o conservador, ouvidor e syndico. Nas costas d'estes, a familia do sr. reitor; e depois d'ella o guarda da universidade com a sua vara: e após estes os officiaes da universidade.

E na retirada para casa, isto é, para a universidade, deve ir S. Ex.^a no meio, o sr. reitor á direita, e á esquerda o decano theologo.

E a porta da sala se abrirá quando a ella chegar o claustro; e depois de este entrar, primeiro que tudo, entrarão as faculdades e estudantes, para o que haverá soldados á porta, para evitarem a entrada do povo.

Todos com as suas insignias de borlas, e capellos, que não tirarão sem se acabar o acto.

(Continúa).

LOGGRIPHO

Se primeira e mais segunda
Tocam órgão visual,
Que de dor, que de tristura
Aguarda o pobre animal!

Devem segunda e terceira,
Sim, á hydraulica o ser;
Refrescar, fertilisar
É seu officio e dever.

Formam primeira e terceira
Lá do Brazil um fragmento:
Uma voz imperativa
Tem aqui seu cabimento.

Se terceira e mais primeira
Alguem faz neste momento,
Temos ladrão pela prôa,
Olha por ti, toma tento.

A terceira com a quarta
É um mytho do oriente,
E entre pagãos arremêdo
De mysterio excelso, ingente.

Quando á quarta da primeira
Fizeres stricta junccão,
Peque o mundo verás,
Mas não de Deus creação.

Se parentes mui conjunctos
Usam a quarta e segunda,
A não ser vil fingimento,
Affecto nelles abunda.

Coimbra. 24 de outubro
de 1869.

A primeira só por si,
Se não mente prisca historia,
Alça nos annaes de Marte
De feito heroico a memoria.

A segunda só por si...
O que eu dizer não ia?
Tirava a dificuldade,
O logogripho morria.

A terceira só por si
É zero, valor não tem:
Quem diz a quarta algo diz,
Mas de certo não diz bem.

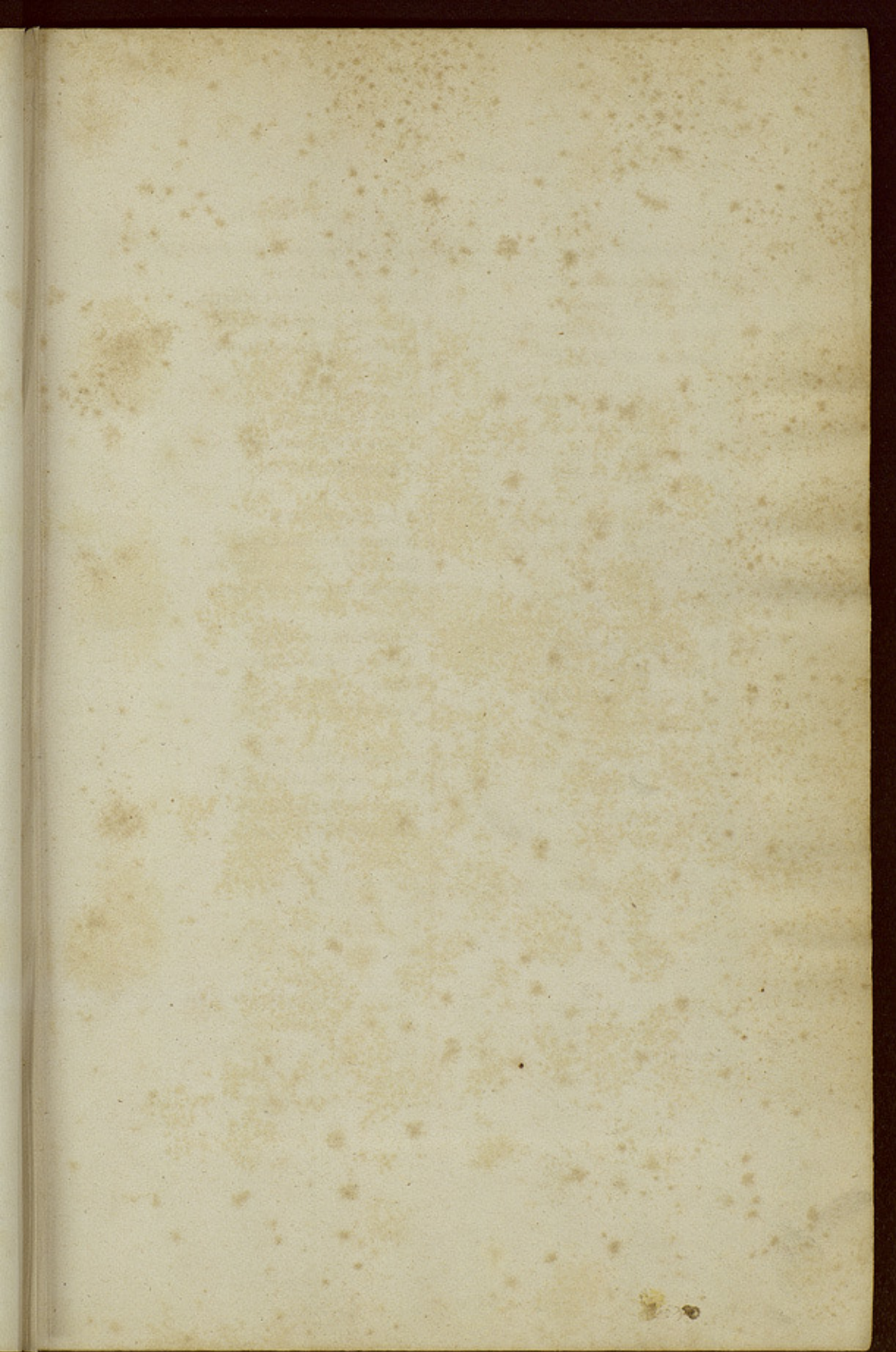
A primeira repetida
Moderno vulto te indica;
Dobra a segunda, e seu nome
Quasi revelado te fica.

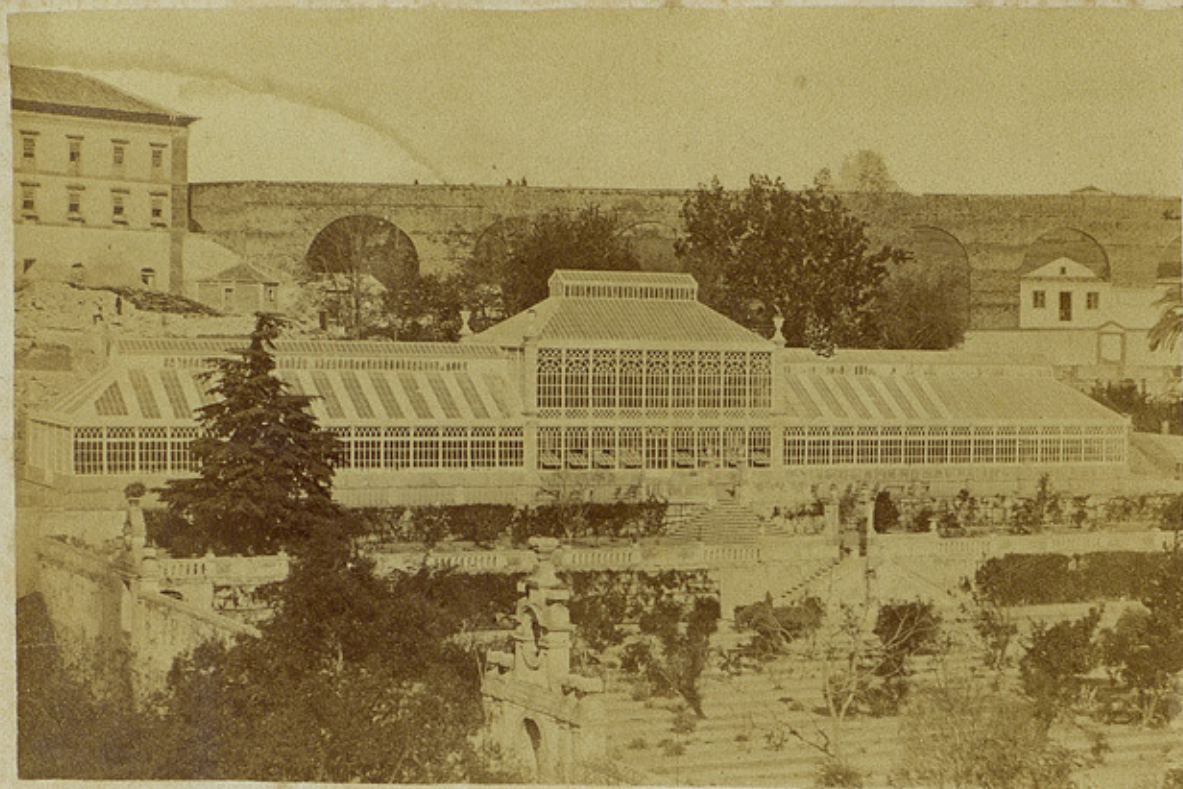
A terceira duas vezes
Tem valor tanto maior,
Quanto a contraria tem
Um valor muito menor.

Posto a quarta duplicada
Não sôe lá muito bem,
Se negasse auxilio seu,
Não viveria ninguém.

Se entre os lusos meu bom pae
Teve geral saudação,
Feliz eu, se poder dar-lhes
Moralidade, instrucção.

ACACIO MERGULHÃO CABRAL.





Panorama de Portugal.

Primeira serie.—N.º 3

Estufa do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE

Quero encostar-me á longa balaustrada,
 Ao lado d'estes alamos frondosos,
 No extremo do terrado,
 E ver d'aqui as pompas tão variadas,
 Da natureza indigena conjunctas
 Em quadro sumptuoso.

— Imperio lindo da risonha Cloris,
 Enfileirado abi por longas ruas
 E verdes taboleiros,
 A' sombra de marmoreos obeliscos,
 Immensa gradaria, altas columnas,
 E porticos soberbos.

J. F. DE S.

Data do tempo do marquez de Pombal a creação d'este magnifico estabelecimento scientifico, que pela sua vastidão e construcção opulenta, pela variada collecção de plantas, tanto indigenas como exoticas, que o povoam, pela sua grandiosa estufa, e, finalmente, pela sua encantadora posição, é o enlevo de quantos o visitam.

O jardim botanico de Coimbra é incontestavelmente um dos melhores do reino sob todos os respeitos. Deveria por certo concorrer muito para o seu esplendor ter sido organizado sob a inspecção de um homem, que pelo seu abalitado merito e profundo conhecimento da sciencia dos vegetaes é reconhecido universalmente como o primeiro botanico de Portugal. Já se vê que nos referimos ao dr. Felix de Avellar Brotero, que com bem fundado orgulho podemos collocar entre os Tourneforts, De Candolles, Links, Linnæus, e outras celebridades scientificas.

A botanica tem tido no nosso paiz, desde antigos tempos, cultores mui distinctos, que para os progressos d'esta sciencia têm

prestado grandes serviços; não nos consta, porém, que ella se ensinasse na Universidade antes da memoravel reforma de 1772.

Por este tempo estava a botanica em grande esplendor, devido principalmente ao grande impulso que o famoso naturalista Linnéu havia dado ao seu estudo. Sabios mui insignes se começaram então a applicar com vivo ardor a este interessantissimo ramo das sciencias naturaes.

Vendo, pois, os grandes reformadores da Universidade o empenho com que nos paizes mais civilizados da Europa se cultivava a botanica, e compenetrados da sua utilidade, ordenaram que ella se professasse em o nosso primeiro estabelecimento scientifico, fazendo parte da cadeira de historia natural.

Nos sabios e judiciosos estatutos que foram a base da reforma, providenciando-se ácerca dos estabelecimentos da faculdade de philosophia, se ordena a fundação do jardim botanico pela maneira seguinte:

«Ainda que no gabinete de historia natural se incluem as produções do reino vegetal; como, porém, não podem ver-se nelle as plantas senão nos seus cadaveres, seccos, macerados e embalsamados, será necessario para complemento da mesma historia o estabelecimento de um jardim botanico, no qual se mostrem as plantas vivas.

«Pelo que: No logar que se achar mais proprio e competente nas visinhanças da Universidade se estabelecerá logo o dicto jardim, para que nelle se cultive todo o generos de plantas, e particularmente aquellas, das quaes se conhecer ou esperar algum prestimo na medicina e nas outras artes; havendo o cuidado e providencia necessaria para se ajunctarem as plantas dos meus dominios ultramarinos, os quaes têm riquezas immensas no que pertence ao reino vegetal.»

Ao tempo da reforma presidia á Universidade D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, posteriormente bispo de Coimbra. Foi a este homem de genio vasto, fecundo e emprehendedor

que o marquez de Pombal incumbiu de pôr em practica as sabias determinações decretadas nos estatutos, e no desempenho d'esta gloriosa missão começou elle a entender immediatamente com grande zelo e fervor.

No principio do anno de 1773 já tractava de providencias para a fundação do jardim, segundo se deprehende do seguinte, que o marquez lhe escrevia em carta de 12 de fevereiro do mesmo anno:

«Devendo ahi chegar com muita brevidade o tenente coronel Guilherme Elsdén, elle delineará perfeitamente o horto botanico pelos apontamentos dos professores que v. s.^a me avisou que iam em sua companhia reconhecer o terreno que para elle se acha destinado.»

Em 2 de março do referido anno dizia o marquez noutra carta a D. Francisco de Lemos:

«A inspecção, a que v. s.^a foi assistir, do terreno destinado para o horto botanico, me causou grande prazer por todas as considerações que v. s.^a faz ao sobredicto respeito. A esse fim vai a provisão necessaria para se proceder á compra do dicto terreno, demarcação d'elle, e ao prompto estabelecimento do referido horto. (1)»

Os doutores italianos Domingos Vandelli e João Antonio Dala Bella, que foram incorporados na Universidade logo depois da reforma, o primeiro para lente de historia natural, o segundo para professor sciencias physico-mathematicas, fizeram um risco para o horto botanico. Receando, porém, o marquez que a construcção da obra segundo a delineação por elles feita importasse em somma

(1) Tomo 1 dos originaes do marquez de Pombal, existente na secretaria da Universidade.

O abba de e religiosos de S. Bento não quizeram indemnisação alguma pelo terreno que lhes pertencia, e a offerta foi acceita com termos mui honrosos pela carta do marquez de 8 de janeiro de 1774. Ainda se comprou um pedaço de planicie que pertencia aos mariannos; e aforou-se ás religiosas de Sant'Anna parte de um olival, pela qual ainda hoje a Universidade paga fôro ao mosteiro.

mui avultada, não deu á planta a sua approvação, como se vê de uma carta que escreveu ao reitor em 5 de outubro de 1773, a qual, por nos parecer muito interessante, achamos conveniente transcrever aqui:

«Reservei até agora a resposta sobre a planta que esses professores delinearão para o jardim botânico, porque julguei preciso precaver a v. ex.^a mais particularmente sobre esta matéria.

«Os dictos professores são italianos; e a gente d'esta nação, costumada a ver deitar para o ar centenas de mil cruzados de Portugal em Roma, e cheia d'este enthusiasmo, julga que tudo o que não é excessivamente custoso não é digno do nome portuguez ou do seu nome d'elles.

«D'aqui veio que, ideando elles nesta côrte, juncto ao palacio real de Nossa Senhora da Ajuda, em pequeno espaço de terra, um jardim de plantas para a curiosidade, quando eu menos o esperava achei mais de cem mil cruzados de despesa tão exorbitante como inutil.

«Com esta mesma idea talharam pelas medidas da sua vasta phantasia o dilatado espaço que se acha descripto na referida planta. O qual vi, que sendo edificado á imitação do pequeno recinto do outro jardim botânico, de que acima fallo, absorveria os meios pecuniarios da Universidade antes de concluir-se.

«Eu, porém, entendi até agora, e entenderei sempre, que as coisas não são boas porque são muito custosas e magnificas, mas sim e tão sómente porque são proprias e adequadas para o uso que d'ellas se deve fazer.

«Isto que a razão me dictou sempre vi practicado especialmente nos jardins botânicos das Universidades de Inglaterra, Hollanda e Allemanha; e me consta que o mesmo succede no de Padua, porque nenhum d'estes foi feito com dinheiro portuguez. Todos estes jardins são reduzidos a um pequeno recinto cercado de muros, com as commodidades indispensaveis para um certo numero deervas medicinaes e proprias para o uso da faculdade medica;

sem que se excedesse d'ellas a comprehender outras hervas, arbustos e ainda arvores das diversas partes do mundo, em que se tem derramado a curiosidade, já viciosa e transcendente, dos sequezes de Linneu, que hoje têm arruinado as suas casas para mostrarem o *malmequer da Persia*, uma *açucena da Turquia*, e uma geração e propagação de *aloes* com diferentes appellidos, que os fazem pomposos.

«Debaixo d'estas regulares medidas deve, pois, v. ex.^a fazer delinear outro plano, reduzido sómente ao numero de hervas medicinaes que são indispensaveis para os exercicios botanicos, e necessarias para se darem aos estudantes as noções precisas para que não ignorem esta parte da medicina: como se está practicando nas outras Universidades acima referidas com bem pouca despesa: deixando-se para outro tempo o que pertence ao luxo botanico, que actualmente grassa em toda a Europa. E para tirar toda a duvida, pode v. ex.^a determinar logo, por uma parte, que sua magestade não quer jardim maior, nem mais sumptuoso, que o de Chelsea, na cidade de Londres, que é a mais opulenta da Europa; e pela outra parte, que debaixo d'esta idea se demarque o lugar; se faça a planta d'elle com toda a especificação das suas partes; e se calcule por um justo orçamento o que ha de custar o tal jardim de estudo de rapazes, e não de ostentação de principes, ou de particulares, d'aquelles extravagantes e opulentos, que estão arruinando grandes casas na cultura de *bredos*, *beldroegas*, e *poejos da India*, da *China* e da *Arabia*.» (1)

(Continua)

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

(1) Esta carta encontra-se na secretaria da Universidade, a pag. 133 do tomo 1 dos originaes do marquez de Pombal.

UM EPITAPHIO

(Carta a A. M. Simões de Castro)

Meu presado amigo. Permitta-me que seja eu que tenha a honra de apresentar no seu jornal um EPITAPHIO, composto na lingua latina pelo sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, e por elle mesmo traduzido.

Original e traducção têm o mesmo merito peregrino, parecendo o primeiro antes um fragmento ovidiano do que uma composição moderna, não tendo a segunda que invejar aos melhores trechos dos nossos poetas lyricos. As duas musas irmãs florescem ambas na penna do douto humanista tão ricas de sentimento como harmoniosas no metro. E d'ellas é aqui que melhor cabe, a proposito de tão formosos exemplos, dizer com o poeta:

..... Facies non..... una
Nec diversa tamen, qualem decet esse sororum.

A historia d'este EPITAPHIO é singela e affectuosamente melancolica.

O nosso amigo, o sr. Antonio Maria Seabra d'Albuquerque, teve a desventura de ver cahir quasi na mesma cova duas Filhinas, que eram o seu enlevo e as suas delicias. Todos sabemos o que são maguas de pae extremoso que uma vez sentiu erma a casa da alegria infantil que a povoava, ermo o coração da alegria paterna que todo o enchia. É profundo o golpe, porque é afiada a espada; e a ferida sangra em quanto durar o alento. Desejou por isso o sr. Seabra levantar um padrãosinho da sua saudade sobre a sepultura das innocentes meninas, e pediu ao sr. Cardoso Borges

que o ajudasse a perpetual-a d'um modo mais firme que a pedra d'um moimento. Foi o que este fez com a poesia seguinte:

Filiolas, olim dulces matricque patrique,
 Aequa sorte, duas contegit hic tumulus.
 Pulchras et puras, cunis ex mollibus ipsas
 Abstulit, heu, celeri parca inimica manu!
 Fortunate lapis, duplex qui pignus amoris
 Servas perpetui, ah! ne tenera ossa premas.
 At tu, qui transis, lacrymas huc fundito moestas
 Blandos et flores, munere utroque pius.

Duas filhinhas, que dos paes outr'ora
 As delicias fizeram,
 Com sorte egual este jazigo esconde.
 Ai!... puras e tão bellas...
 Dos molles berços as roubou ligeira
 Mão da inimiga parca.
 Louza ditosa! que de amor perpetuo
 Dobrada prenda guardas,
 Ah! leve sejam aos tenrinhos corpos.
 E tu, que passas, lagrimas
 Tristes aqui derrama e brandas flores,
 Em dois officios pio.

Assim foi satisfeita a intenção do pae, e ao mesmo tempo enriquecida a litteratura. A rapida passagem d'aquelles dois anjos não ficará esquecida, porque as letras a eternisaram. Quando a penna com o esmero da correcção revela tambem um gosto apurado, ella só é monumento, entre todos valiosissimo.

A. A. DA FONSECA PINTO.

AS AMOREIRAS DO PROFESSOR

I

Eu não descobri a polvora (nem provavelmente o leitor), mas em terreno salitroso, onde a espaços e a custo rompiam sós algumas giestas e piornos, encontrei um bosquesinho de amoreiras cheias de viço, ornadas de folhas, carregadas de fructos.

De taes amoreiras daremos aos bichinhos da seda as folhas, ao leitor a historia d'ellas e as suas amoras.

II

O caso foi este: — O anno de 1868 foi para mim anno de romarias; em viagens devotas e curiosas atravessei as charnecas que convisinham com a Ponte de Sôr, subi ás alturas de Marvão, percorri as planicies que se lhe estendem aos pés, e visitei Portalegre, a risonha cidade, cujas casas alvejando em meio de laranjaes, lembram ninhos de avesinhas occultos entre verduras.

— E a que foi? — perguntar-me-ha o leitor.

Fui a recreiar os olhos e a desfadar os dedos molestos do dedal, picados da agulha, e que pediam descanso; alem d'isto confessarei aos que me lêem que as capellinhas amadas do povo me attráem e encantam, e que a imagem d'uma mulher com a dupla formosura das mães e das virgens, com o seu *bambino* ao collo, e demorando no campo, me parece bonita de mais para que lhe não faça, como possa, visitas frequentes.

Os apontamentos das minhas viagens publical-os-hei a seu tempo; agora pedem as amoreiras que não as esqueça. As amoreiras! boas arvores; uma menina que eu estremeço, amiga muito d'alma e muito formosa, e que trocara de bom grado (a louca) as suas

tranças longas, fartas e macias pela rispidez d'um bigode assustador, estudiosa de politica, e desejando com ancia a emancipação completa da mulher para sobraçar uma pasta, essa menina... mas ambiciosa, como é, ficará ella a seu contento no fundo d'um quadro?

III

Em tarde de primavera, recostada num banquinho, á sombra d'uma das muitas acacias que orlam as nossas estradas, pagava os afagos e os perfumes dos seus cachos de flores com os esfolhar.

— Que má! lhe dizia eu, mulher que não gosta de flores não tem no coração um jardim.

«Eu gósto mais de fructos, me respondeu ella, os fructos tambem rescendem, Tecla.»

— Sim, os fructos são bons, mas as flores...

«Olha eu não gósto de flores que nunca deixam de o ser; em vez d'estas arvores inuteis, tolas, como um litterato que faz estylo por falta de ideas, não podiam á beira das estradas plantar-se outras que mais valessem? não se podiam plantar amoreiras?»

— E para que, estadista?

«Para se crearem bichos de seda; amoreiras sim, á orla das estradas tudo amoreiras.»

IV

É opinião minha, e de ha muito, que se uns olhos lindos, pretos, coruscantes, fizessem na alma da minha economista uma boa sementeira de amores, ella se esqueceria das amoras e das amoreiras.

Irei por ventura errada em taes pensamentos? Responda quem ama. Das amoreiras do professor, viçosas, como as eu vi, não posso esquecer-me; fallemos d'ellas.

Conhece o leitor a Morgadinha dos Canaviaes? Lembra-se de vel-a, lendo o correio á gente analfabeta da aldeia? Pois imagine-me sobre um animal pacifico, como o em que ella montava,

a tempos porem caprichoso e picando o passo, cheio de brios, para deixar atrás de si outros que o seguiam.

Fôra ver, e vira, na pequenina egreja de S. Antonio das Areias um toiro genuflectir a S. Marcos, como o faria qualquer cordeirinho a que uma creança dobrasse os joelhos; vinha edificada da devoção do bruto, ufana da ligeireza do que me levava, e capitaneando por causa d'ella um rancho de donzellas e jovens mutuando fallas e olhares, conversando em tom alto, sorrindo a occultas, namorados alguns, alegres todos.

Um caminho areento, a distancias rochas ennegrecidas, aqui um piorno, alem uma giesta, eis a paizagem em que nos moviamos; triste a chamará o leitor; triste em verdade, mas tristes ou alegres que importam paizagens a corações que jubilam e que têm na sua paz a fonte da sua alegria?

Corria a minha hacanea (hacanea sim; se reis e imperadores sobem ao consulado os seus cavallos, não poderei eu ennobrecer e afidalgar o meu burrinho?); as fitas azues do meu chapéu estendiam-se, como que pretendendo alar-se, o vento soprando favonio abria as folhas d'um manuscripto cahido a um dos lados da estrada. — Um manuscripto! exclamei eu, amor, tu perdeste Troia, disse La Fontaine; curiosidade, levar-me-has tu a desmontar? Mas...

«Não leva, respondeu-me um romeiro, que se avisinhara de mim, e a quem começara a pungir a barba haveria quatro annos, não leva, eu me apeio.»

— Mas se descavalga, tornei-lhe, pertencer-lhe-ha o manuscripto, e eu desejava-o para mim. —

«E será dona d'elle; quando saltam em terra, o que os vassallos apprehendem é do soberano ou soberana, por quem fazem as expedições.»

— Olhe, se as coroas da realza não ameaçassem hoje em dia converter-se em coroas de espinhos, acceitava, assim...

«Assim o que faz?»

— Agradeço-lhe a fineza e louvo-lhe o galanteio.—

«E agradeça-me também o manuscripto», disse-me elle pondo-m'o nas mãos.

— Obedeço, muito obrigada.—

Cercava-nos já a mó dos romeiros, envolviam-nos ondas de sons, sons que eram sorrisos e galanteios d'uns, risos e remoques d'outros; «a tua mamã, dizia-me d'um lado uma amiga, não vai a boas contigo, Tecla.»

— Porque, Lina?—

«Porque a ligeireza do burrinho e a a pressa do sr. Arthur têm ar d'uma conjuração tramada a furto á sombra d'um murtal.»

É verdade, clamaram todos, leva agua no bico.

«E um papel nas mãos» acrescentou um mancebo, que, portuguez de gemma, todavia vinha vestido em um elegante traje hespanhol.

— É um manuscripto que achei na estrada, disse eu, endereçando-me para todos, intitula-se *Quatro dias no campo*. — E fui-o passando de mão em mão.

«Esquadrinhem bem o papel, bradou uma das formosas do rancho; o amor é menino, aninha-se em qualquer parte.»

«É verdade, é verdade, respondeu a Lina, batam o matto e talvez lhes sáia d'elle algum Macias ennamorado; vejam se ha entre as folhas algumas da mão do sr. Arthur.»

— Pozeste-me na berlinda, Lina? — perguntei-lhe eu.

«Asseguro-lhe que não ha, minha senhora, lhe volveu Arthur, pelo que vi do manuscripto quando o levantei contem memorias d'uma excursão por estes arredores e as de conversações sobre litteratura travadas na intimidade de amigos.»

— E não pensa, perguntei-lhe eu, que o auctor se deve ter magoado da perda do seu manuscripto? Diga-me, o que devo eu fazer d'elle?—

«Eu sei, talvez, para que saiba a que mãos veiu ter, publicar parte em um jornal que percorra as sete partidas.»

— Diz bem, tornei-lhe eu, «diz bem», repetiram todos.

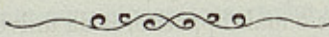
V

Ás sentinellas cortezes que guardam o alcaçar das letras portuguezas reclamo eu ingresso como editora. Do manuscripto que achei vou dar a lume um capitulo — *As amoreiras do professor.*

Quando, para o bordar a matiz, escolhe d'uma paizagem um arbusto dos mais formosos, a terra em que elle entranhava as raizes, a verdura que lhe fazia cortejo e o prendia ao quadro, não a substitue a leitora por uma jarrinha?

(Continua)

TECLA DA LUZ.



VINDA DO MARQUEZ DE POMBAL A COIMBRA

PARA REFORMAR A UNIVERSIDADE

(Continuação do numero anterior)

Diario do que se passou em a cidade de Coimbra desde o dia 22 de setembro de 1772, em que o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Marquez de Pombal entrou, até o dia 24 de outubro, em que partiu da dita cidade.

Setembro, 22, terça feira — depois de jantar partiu o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Marquez de Pombal de Condeixa acompanhado alem da sua numerosa comitiva, do reitor da universidade, dos reitores, e collegiaes dos tres collegios de S. Pedro, S. Paulo e Militares; dos Inquisidores Sebastião Pitta de Castro e Antonio Vicente de Vasconcellos por parte do tribunal da Inquisição; do deão e mestre eschola por parte do cabido; do juiz de fora e do vereador Antonio Xavier Zuzarte, por parte da camara; dos mi-

nistros e mais nobreza, que nesta cidade se achava, e de um piquete de cavallaria de Almeida. A ill.^{ma} e ex.^{ma} marquezia de Pombal, tendo partido adiante em companhia do conde de S. Payo, viu de Santa Clara esta magnifica entrada.

Logo que o sr. marquez chegou a Santa Clara a ordenança, e um terço de auxiliares, que ahi estavam postados, o salvaram com tres descargas: repicaram immediatamente todos os sinos da cidade, na qual entrou pelas 5 horas da tarde, e fazendo o seu caminho pela Calçada, ruas das Fangas, e S. Christovão, Largo da Sé e rua das Covas, que todas estavam areadas e armadas, se foi apear ao Paço (chamado do Bispo) aonde no fundo das escadas o esperavam os lentes e mais oppositores da universidade, e o acompanharam até á primeira sala, d'onde depois de fallar com algumas pessoas, passou só com o reitor da universidade ás mais salas.

Defronte do Paço estava postado um corpo de 250 soldados de infantaria de Almeida. Pouco depois chegou a sr.^a marquezia acompanhada do conde de S. Payo; desceu outra vez a universidade, e o sr. marquez veio ao tope da escada esperal-a, e a conduziu para dentro. Á noite houve repiques e luminarias, o que se repetiu nas duas seguintes.

(Continúa).



NOTA A' CERCA DE BERNARDIM RIBEIRO

O sr. Camillo Castello Branco, numa nota das *Coisas leves e pesadas*, em contrario do que geralmente constava a respeito de Bernardim Ribeiro, affirma:

1.º Que o auctor da *Menina e moça* não foi governador de S. Jorge da Mina.

2.º Que não amou a infanta D. Beatriz.

3.º Que não sahiu da sua terra para Lisboa, senão depois que ella já tinha partido de Lisboa para Saboia.

Para fundamentar a primeira asserção suppõe o sr. Camillo Castello Branco ter-se equivocado Barbosa, tomando pelo poeta um Bernardino Ribeiro que esteve a ponto de morrer queimado no cerco de Mazagão em 1562, segundo refere D. Manuel de Menezes na Chronica de D. Sebastião.

Não vemos, porem, porque pareceu inadmissivel que o poeta Bernardim Ribeiro tivesse estado naquelle cerco, e muito mais marcando-lhe o sr. Camillo Castello Branco o anno do nascimento em 1500 ou 1501.

Num codice da bibliotheca publica de Evora, escripto de letra do seculo XVI, que contem poesias diversas em portuguez e hespanhol, algumas dos auctores que figuram no Cancioneiro de Rezende, encontra-se o seguinte:

«Mote do capitão Bernardim Ribeiro, feito ao proposito do mesmo,
e pede ajuda aos senhores da sua companhia.»

«Estar em risco a fee
«Padecer a esperança
«A causa é a tardança.»

Vem depois varias glosas d'este mote feitas por Gaspar Gil Severim, que acompanhou D. Duarte quando el-rei D. Sebastião foi a primeira vez a Africa; por Fernão Brandão, de quem Rezende tambem nos conservou trovas; por Francisco de Faria Lobo; por Sancho de Vasconcellos; por Simão Rodrigues Giscardo e finalmente por Alvaro Egas Moniz.

Não sendo provavel que no proprio seculo em que viveu Bernardim, lhe chamassem *capitão*, sem realmente o ser, e não dando o sr. Camillo Castello Branco fundamento algum á sua primeira

opinião, fica menos duvidosa a dos que suppõem ter servido aquelle poeta o logar de capitão nas armadas da India pelo argumento que se deduz do codice mencionado.

Quanto ás asserções segunda e terceira, pareceu ao sr. Camillo Castello Branco ressaltarem claramente de alguns versos da ecloga segunda, em que Bernardim Ribeiro falla de si proprio sob o pseudonymo de Jano.

Eis-aqui os versos alludidos:

«Quando as fomes grandes foram,
Que Alemtejo foi perdido,
Da aldêa que chamam Torrão
Foi este pastor fugido:
Levava um pouco de gado, etc.

.....
Toda a terra foi perdida;
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida
Ver Alemtejo era um dó:
E Jano para salvar
O gado que lhe ficou
Foi esta terra buscar.

.....
Agora hei vinte e um annos,
E nunca inda té agora
Me accorda de sentir damnos, etc.»

D'estes mesmos versos que têm servido aos biographos para supporem Bernardim Ribeiro natural da villa do Torrão, pretendeu o sr. Camilo Castello Branco deduzir que o poeta nascera em 1500 ou 1501, entendendo que o anno das fomes grandes foi o de 1522. E que, partindo então para Lisboa, não poderia conhecer a infanta D. Beatriz, que sahiu para Saboia em 1521.

Não tractaremos agora de indagar, se a historia dos amores de Bernardim Ribeiro é verdadeira, ou se não passa de uma lenda popular, como outras muitas, inteiramente destituida de funda-

mento. O sr. Alexandre Herculano, que na materia a todos parecerá insuspeito, não a rejeitou por inverosimil, antes a fez menos contestavel, publicando no volume 3.º do *Panorama* uma noticia contemporanea, em que se descreve o procedimento pouco decoroso do duque de Saboya para com a infanta e pessoas da sua comitiva, o que acharia facil explicação nas desconfianças, que teria o duque, da existencia de alguns amores antecedentes ao casamento.

Pelo contrario, Costa e Silva no *Ensaio biographico-critico* inclina-se a refutar antes que a admittir a tradição, conservada por Faria e Sousa e outros escriptores antigos.

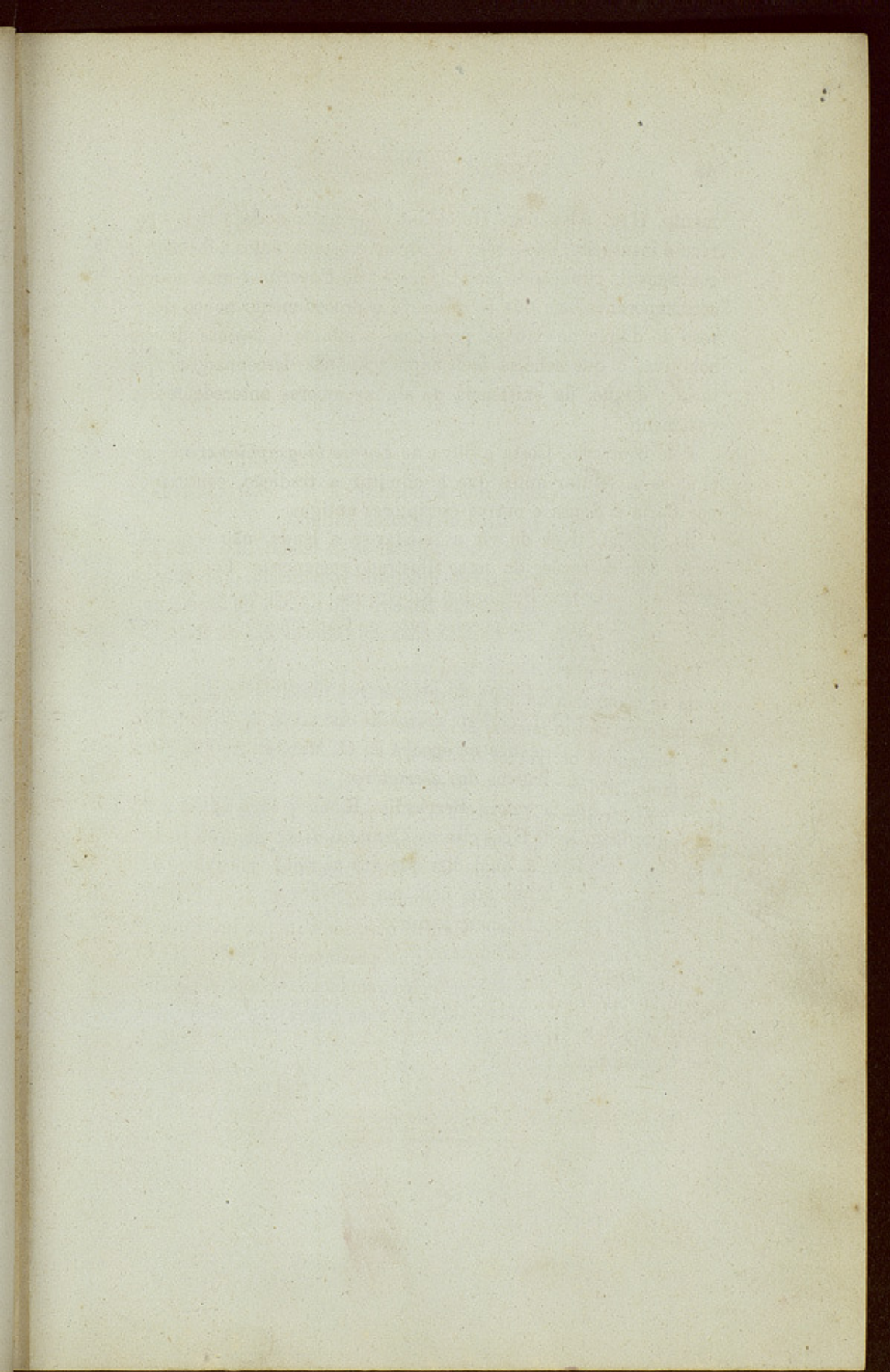
Se, porem, tiver de vir a rejeitar-se a lenda, não será, por certo, com as razões do nosso illustrado romancista. Por quanto, para se provar que Bernardim Ribeiro não nasceu no seculo XVI, basta reflectir que vem poesias suas no Cancioneiro de Rezende, impresso em 1516.

E, se neste nosso tempo de prematuros desenvolvimentos ninguém se occuparia de colligir versos de um poeta de treze annos ou quatorze, muito menos na epocha de D. Manuel, em que eram mais sazonados os fructos dos escriptores.

A fome, a que se refere Bernardim Ribeiro, será talvez a de 1503, que Damião de Goes cita na *Chronica de D. Maauel*, p. 1.^a, cap. 65, a respeito da qual diz: que até os ricos sentiram a carestia, que veiu a tanto que nem por dinheiro se achava trigo, nem nenhum outro pão, nem legumes.

Parece-nos desnecessario advertir que, sómente por interesse da historia, fazemos estes reparos, que prestamos a devida homenagem ao talento do nosso primeiro romancista e que por experiencia podemos attestar que são as suas obras das que mais se lêem em Portugal.

A. FILIPPE SIMÕES.





Panorama, de Portugal.

Primeira serie.—N.º 4.

Sé Nova de Coimbra
(outr'ora egreja dos jesuitas).

SE' NOVA DE COIMBRA

(outr'ora egreja dos jesuitas)

Foi pelos annos de 1536, e na capital da França, que o sabio e sancto Ignacio de Loyola organisou uma pequena companhia de varões escolhidos, tirados da universidade de Paris, destinados a ensinar e propagar a luz do Evangelho, a sã doutrina de Jesus e a verdadeira civilisação pelos barbaros, pelos ignorantes e descrentes do seculo.

Esta companhia, que apenas contava dez homens, passou a Roma em 1539; e ahi fazendo a necessaria profissão dos tres votos essenciaes da religião, ajunctando o voto não menos importante das missões, foi approvada, com o titulo de Companhia de Jesus, pelo papa Paulo III, que então governava a Egreja.

Achava-se por este tempo em Roma, na qualidade de embaixador e representante de Portugal na curia, D. Pedro Mascarenhas; o qual, prevendo d'este novo instituto os maximos beneficios que varões tão uteis pelo fim a que miravam poderiam prestar, maxime ás nossas terras do oriente, tão pobres do pão espirital, e ao mesmo tempo tão fartas e tão ricas, cujas sobras bastavam para fazer de nossos reinos um potentado grande e respeitado pelos outros do mundo, apressou-se fervorosamente a participar a el-rei D. João III tão feliz achado.

Não houve delongas na resposta. Ordenou logo el-rei, em carta que escreveu ao embaixador, que tendo findado o tempo da sua embaixada, e havendo por isso de recolher em breve a Portugal, não deixasse de trazer consigo alguns dos padres; e que, se alguma difficuldade houvesse, se valesse do pontifice.

Teve o melhor resultado a empresa; e no anno seguinte davam entrada em Lisboa o padre Simão Rodrigues de Azevedo e o padre

Paulo Camerte, aos quaes sobreveio poucos mezes depois o embaixador, acompanhado do admiravel padre S. Francisco Xavier.

El-rei não precisou de muitos dias para reconhecer o zelo verdadeiramente apostolico que caracterisava estes discipulos de Sancto Ignacio; tractou logo de aproveitar homens e tempo, pois já tinha volvido os olhos por sobre as terras do Levante, e bem sabia que, com quanto fossem as primeiras allumiadas pelos raios do sol nascente, ainda estavam em trevas, porque lhes faltava a luz da fé e da civilisação.

E não tardou a pôr em obra o seu designio, pois já em abril de 1541 S. Francisco Xavier embarcava em uma nau, capitaneada pelo governador Martim Affonso de Sousa, com destino para a India, a evangelisar as hordas selvagens d'aquellas regiões.

Os serviços que este sancto varão prestou á causa da religião e do estado, com a verdade nos labios e o estandarte da fé em punho, que os digam os habitantes de Gôa, do Japão e de Meliapor.

Em quanto este desempenhava a missão d'um verdadeiro apostolo, el-rei D. João deu-se pressa a dar guarida á instituição nascente, como sementeira fecunda, d'outras missões premeditadas. Foi o mosteiro de Sancto Antão de Lisboa a primeira casa religiosa que teve a Companhia em Portugal. Nelle deram entrada a 5 de janeiro de 1542 o padre Simão Rodrigues e o padre Gonçalo de Medeiros, que foi o primeiro religioso que professou; e em o 1.º de outubro do mesmo anno abriram os padres escholas publicas, porque assim o mandava o instituto, e era da vontade de D. João III.

Como porem este monarca tivesse mudado para Coimbra, em 1537, a universidade que desde 1377 permanecia em Lisboa, e lembrando-se de que juncto d'ella mais facilmente podia progredir o novo estabelecimento, dando assim melhores homens na sciencia, e por consequinte aptissimos para o grande fim a que se destinavam, mandou logo em junho de 1542 para Coimbra o padre Simão

Rodrigues com doze companheiros para se fundar uma casa collegial; fazendo-os recommendar por uma carta de favor ao prior geral dos conegos regrantes de S. Agostinho.

Partiram pois os padres para Coimbra, dando entrada no mosteiro de Sancta Cruz no dia 13 do mesmo mez e anno; e ahi estiveram cerca de 3 annos, em quanto não acharam sitio proprio para a fundação do seu collegio.

Deparou-se lhes no alto da cidade um logar com excellentes proporções para uma boa edificação; e sendo offerecido aos padres pelo provedor de el-rei, a quem o negocio estava encarregado, elles logo o acceitaram, habitando-o e sujeitando-se á estreiteza da casa.

Era já grande o numero dos varões, principalmente fidalgos e filhos de nobres do reino, que se tinham alistado em a nova milicia; e como a casa por pequena não comportasse já familia bastante grande, logo se tractou da fundação material do collegio, para a qual D. João III concorreu munificentemente com as rendas dos dois mosteiros pertencentes á ordem canonica Agostiniana, o de Sancta Maria de Carquere, e o de S. João de Langouares.

A 14 de abril de 1547 foi solemnemente lançada a primeira pedra do magestoso edificio, sendo levado a cabo com proporções tão gigantescas, que um escriptor chegou a dizer: «Os padres da Companhia de Jesus têm nesta cidade uma casa que melhor podera dizer que estava a cidade nella, porque vi eu muitas villas de nome, que não têm tantos fogos nem tanta fabrica.»

Corriam as obras do grande edificio quando se deu por ordem de D. João III em 1555 aos Padres da Companhia o collegio das escholas menores que estava na rua da Sophia, cujas cadeiras eram regidas por estrangeiros, a mau grado do rei pelo continuo cuidado que estes lhe davam em prover lentes substitutos, despachando uns, e aposentando outros.

Foram amplissimos os privilegios que os padres da companhia obtiveram de D. João III. Alem d'outros, aquelle com que mais os

honrou foi determinar que o collegio das escholâs menores tivesse total isenção do reitor da universidade e mais officiaes d'ella.

No dia 7 de agosto de 1598 foi lançada a primeira pedra do seu grande templo pelo bispo de Coimbra D. Affonso de Castello-Branco; e no dia 1 de janeiro de 1640 nelle celebrou missa de pontifical o bispo D. João Mendes, quando apenas havia construido o corpo da egreja. Só em 31 de julho de 1698, dia de S. Ignacio de Loyola, foram patenteados ao publico o cruzeiro e a vasta capella-mór, havendo por essa occasião luzida festividade.

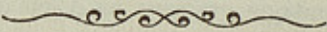
A fachada d'este magestoso templo é composta de dois corpos sobrepostos; o inferior pertence á ordem dorica, e é ornado com quatro estatuas representando santos da Companhia, embebidas na espessura da fachada entre pilastras da mesma ordem; o corpo superior é da ordem jonica, sendo limitado aos lados por duas grandes estatuas, que representam S. Pedro e S. Paulo. É rematada por uma cruz, que ha pouco tempo foi reformada, bem como o foram algumas pyramides e cimalthas, que tinham sido derrubadas por um raio que nellas cahiu em 26 de fevereiro de 1833. A abobada semicircular, construida com perfeição e tão admiravel solidez, que parece não poder soffrer a acção destruidora dos seculos, assenta sobre pilastras doricas; sendo de dimensões assombrosas o zimborio que coroa tão arrojada construcção.

No tempo em que os padres da Companhia se julgavam no apogeo de suas maiores glorias e no exercicio dos seus mais amplos poderes, foi quando appareceu o vulto extraordinariamente energico e admiravelmente grandioso do marquez de Pombal, que lançou por terra o colosso das instituições religiosas!

Foram por tanto expulsos do reino a 3 de setembro de 1759, tendo sido já mandados sequestrar os seus bens, por carta regia de 19 de janeiro do mesmo anno. A 31 de julho de 1773 foi a ordem extincta em toda a Egreja, a instancias dos imperantes de Portugal, de França, de Hespanha e de Napoles, por um breve do papa Clemente XIV.

Á magestosa egreja e ao vasto collegio não podia ser dada melhor applicação: este foi cedido á Universidade, que nelle estabeleceu o museu de historia natural, o gabinete de physica, o dispensatorio pharmaceutico, o theatro anatomico e aulas respectivas; e aquella foi transformada em Sé Cathedral por provisão datada em Coimbra pelo marquez em 14 de outubro de 1772, sendo a mais vasta cathedral que tem o reino.

J. ALVES DE MARIZ.



EPISTOLOGRAPHIA

A Eduardo A. Vidal

Escrevo-lhe de Coimbra para fallar-lhe de versos, sem me lembrar de que o meu amigo, como toda a gente de juizo claro, não crê em demasia nas inspirações da *Lapa dos Esteios* e do *Penedo da Saudade*.

Foi-se o tempo em que a poesia se desatava em hymnos e flores á sombra d'estes salgueiraes. Foi-se a idade de oiro em que as musas tinham aqui, em cada peito moço, um altar e um thuribulo. Para a ventura d'um coração de vinte annos, pouco bastava: uma noite de luar, um barco sobre o Mondego, dois rouxinos no sinceiral da margem, e uns olhos de mulher.

Hoje, as aspirações alargaram as raias; a *Lapa dos Esteios*, lascou a o raio da philosophia...; as barcas do Mondego, em que a poesia se embalava por noites estrelladas, levou-as a prosa, ou encalharam na barra: ás vezes, se assoma ao longe uma vela branca, em vez de nos lembrarmos das gondolas do Adriatico, annunciamos a chegada do sal da Figueira, ou do carvão da Raiva. Os rouxinos, esses descantam solitarios toda a noite, sem que lhes responda um harpejo; e, quando é manhã, cáem extenuados nas

aguas do rio, como o rouxinol de Bernardim Ribeiro. O amor, ainda não conseguiram matal-o, mas os phariseus já sortearam a tunica do innocente...

Em face d'este positivismo, e d'este prosaismo, a poesia, que tão docemente acordava os eccos d'estas paragens, como que adormeceu na solidão dos choupaes; e se ás vezes, ao romper d'uma esplendorosa alvorada, ou ao declinar melancolico d'um dia de outono, tenta erguer a voz, vai esta perder-se na algazarra das praças e no fallarío confuso dos cafés.

Quando egual contagio grassava na Allemanha, ahi por 1820, em que a escola utilitaria tentava reconstruir a idade media, appareceu um homem de força, cuja poesia graciosamente original, tanto influiu no melhoramento da litteratura moderna. — Henri Heine, pagão como Goëthe diante das formas da arte grega, adorava a idea quando ella se lhe apresentava nervosa e cheia, em ordem a comportar os atavios d'uma forma esplendida.

Nós, porém, se nos levarem as flores dos nossos campos, e as harmonias das nossas balseiras, não reagiremos. É impossivel a reacção onde as contemporisações suffocam os sentimentos mais nobres.

Tomou-me agora a tentação de dizer ao meu amigo duas palavras, *à vol d'oiseau* sobre o character da nossa poesia moderna.

Não exploro os segredos da esthetica, nem faço de pedagogo deante de quem me ensina. Conversamos.

Dois caminhos, cada qual mais desviado da natureza da arte, me parece tem seguido neste seculo a poesia portugueza na sua generalidade. D'um lado, estão as recordações do classicismo, que produziram as prosas metrificadas do Ribeiro dos Santos, do José Agostinho, e d'outros muitos. Do lado opposto está o falso sentimentalismo de Schlegel e Schiller a par do vaporoso e vago de Machpherson.

A influencia do cantor de Fingal explica-me o fanatismo com que adoram a forma certas imaginações que chegam a reduzir ao *vago* toda a essencia da poesia.

O vaporoso de Ossian, vêmol-o ahi entre as magnificas paginas do nosso João de Deus, e nas folhas que ao vento lançam os que seguem este poeta, desalumiados talvez da luz propria.

Combatida por duas forças oppostas, todos vêem que a poesia tem esmorecido entre nós, acareando a indiferença até de muita gente moça, de quem mais havia a esperar.

Mas a carta alonga-se; e, olhando agora por todas as linhas que ahi ficam, vejo que tudo foi dicto por amor de justificar um prazer que é meu, e que será do suavissimo cantor das *Mães*.

E, certo, quando uma obra poetica reúne em si a nobreza da idea e a fidalguia de trajés, é tão justo motivo de regosijo, quanto está sendo rara a estreita alliança da forma com a idea, alliança d'onde dimana a essencia do bello, o ideal da arte.

Os versos que lhe apresento, não só me parece que realisam as condições do bello: são, demais d'isso, como que uma luva lançada na arena litteraria, em frente dos nossos moços que se dizem estudiosos, e que cruzaram os braços deante dos estertores da poesia. É que os versos alludidos são obra d'uma senhora, que, por instincto, se pode dizer-se, dá lições de arte a muitos que estudam Richter, Hegel, Jouffroy, Taine e Gioberti.

Amelia Janny dá aos seus versos o titulo de *Lamentos*. É um titulo vulgar; e de muito versista sei eu que se o escolhesse para obra sua, ou nunca diria coisa que se referisse a lamentos, ou metteria numa estrofe quatro *saffrimentos* e oito *corações*. E comtudo na poesia de Amelia Janny ha aquella originalidade que nunca foi extravagancia, e aquella suavidade e sentimento de harmonia, que tão bem se casam com uma alma de mulher.

Não digo mais da poetisa nem dos versos que seguem. O poeta, que os vai ler, ha de ver que, se a poesia esmorece em Coimbra, ha ainda uma voz sympathica, que, de longe em longe, se vai juntar aos cantos melodosos dos rouxinoes do Mondego.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

LAMENTOS

Desprende as azas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno góso!

SOARES DE PASSOS.

Vida, martyrio, solidão sem termo,
Mágoa cruenta que o meu ser devora,
Noite sem lua, pavoroso ermo,
Triste ruina do que fui outr'ora!

Quem de teu fim anticipára o instante!
Quem te esmagára sem temor, sem dó!
Viver!... não vive quem divaga errante
Sem norte, só!

Ó minha infancia! bem te vejo ainda,
Ridente aurora de funesto dia!
Surgiste amena, deslisaste linda,
E entre folguedos o soffrer nascia!

Folhas do outomno, profecias tristes!
Cahindo mortas, tapetando o chão,
Vós, que festivo gorgear me ouvistes
Saltando, em vão

Soltaveis queixas contra o pé ousado,
Que vos calcava acelerado ou lento,
Sem attender-vos o chorar magoado,
Que longe, aos eccos, repetia o vento!

Criança louca, esvoacei contente
Do meu amor,
Sobre alcatifa que exprimia dor;
Hoje caminham sobre a cinza quente

E não me queixo! Quem repara na ancia
D'esta alma ardente, que em silencio chora?
Folhas mimosas que pizei na infancia,
Fostes vingadas — perdoae-me agora!

.....

Ninho formoso, balouçando tremulo
Entre os salgueiros que beijava o sol,
D'onde mais tarde se ergueria o cantico
Do rouxinol

Furtei-te alegre, no meu impio encanto,
Na mão pequena segurando vidas,
Sem uma gôtta deslizar de pranto
Naquelle berço d'ambições perdidas!

Brinco innocente! crueldade d'anjo!
Quanta amargura teu prazer causou!
Quando em saudades meu passado abranjo,
Que d'horas vou

Sentar-me á beira da chorosa fonte,
Onde o salgueiro, a soluçar baixinho,
Repete, ás aves do vizinho monte,
A negra historia do roubado ninho!

Mais tarde o sol da candidez beijava
 Nesta alma o cofre d'esperanças mil;
 E um dia o mundo, que eu tão bom julgava,
 Furtou m'ol! — vill! —

Chorei! Que prantos, que indizível ancia
 Succede á morte do que mais se adora!
 Aves do ninho que roubei na infancia
 Soffro comvosco — perdoae-me agora!

.....

Como eu corria pelo prado immenso,
 Girando em tórno d'orvalhada flor,
 Meio estendido meu nevado lenço,
 Cheia d'ardor,

Para apanhar a borboleta esquiva
 Quando pousada no viçoso leito;
 Metter no lenço a prisioneira viva,
 Bem apertada por nósinho estreito;

Correr, correr á habitação querida,
 Da mãe nos braços descansar enfim,
 E dar-lhe a triste sem vigor, sem vida,
 Morta por mim!

Azas inertes, recendendo ainda
 Ao grato aroma de purpurea rosa,
 Em que librada percorrera linda
 Floridas sendas na estação formosa!

E sem remorsos, consciencia pura,
Colhido o beijo da extremosa mãe,
Sahia alegre a respirar ventura,
Campina alem!

.....

Passaram annos; nos rosaes mimosos
Da mocidade a palpitar pousava;
Sorvia aromas nos jardins formosos,
Nas brancas azas pelo céo voava.

Viu-me a desgraça, traiçoeiro lenço
Pousou de leve com arteira mão,
De seus carinhos refalsado incenso
Prendeu-me! e então

Roubou-me as crenças, celestial fragrança
Que hoje minha alma gemebunda chora!
O borboletas que matei na infancia,
Eu soffro e vivo — perdoae-me agora!

Eu vivo, eu vivo, contemplando anciosa,
Ao longe, involta em funerario véo,
A juventude que se esvae! Formosa
Filha do céo,

Porque me foges, e me deixas triste,
Sombra sem vulto a vaguear no escuro,
Eu que inda ignoro se a ventura existe,
Que em vão refugio no soffrer procuro?

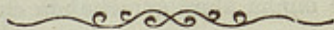
Oh primavera dos passados dias!
Do inverno o gêlo teu verdor seccou;
Tepida brisa que em rajadas frias
Se transformou!

Ó mocidade, ó feiticeira infancia!
Pombas formosas que um só laço uniu,
Voastes ambas; e fatal distancia
Cavou o abysmo que entre nós se abriu:

Por isso eu choro, de illusões despida,
E vago triste na soidão do espaço,
Pedindo a Deus o descançar da vida,
Pedindo á morte o derradeiro abraço!

Coimbra, 25 de maio de 1869.

AMELIA JANNY.



UM CONSELHO? NÃO.

UMA LEAL ADVERTENCIA A'S CLASSES LABORIOSAS

Haverá por ahi uns dez annos tive eu necessidade de occupar em minha casa um artista. Deitei inculcas, e consegui tomar para o meu serviço por alguns dias um homem de maneiras cortezes, hábil no seu officio, e desembaraçado no trabalhar.

Se ha um passatempo alegre, é por certo o de acompanhar com attenção o artista que se emprega em lavôres que nos interessam. O nosso espirito, do mesmo modo que os olhos fitam-se nos movimentos do operario, vão seguindo todas as phases do trabalho, e mal podem desviar-se d'um espectáculo, que, com ser singelo e modesto, não deixa de nos entreter e captivar fortemente.

Obedecendo a essa natural inclinação de nós todos, passava todos os dias uma encantada hora juncto do meu artista, e quando o enlevo da minha curiosidade me dava alguma folga, entretinha-me a conversar sobre a vida e mistéres dos artistas.

Um dia, quando estavamos em saborosa practica (era num sabado), ouvimos na rua a estridente toada musical d'uma banda, que parecia querer ser marcial. Era o festival annuncio — *urbi et orbi* —, isto é, aos habitantes da capital, de que no domingo immediato havia de effectuar-se no campo de Sant'Anna uma corrida de touros. O meu interlocutor interrompeu a conversação: correu pressuroso á janella, e só voltou a atar o fio do discurso depois que cessou a voz atroadora dos instrumentos do bando.

Fiz-lhe então a seguinte pergunta:

— O mestre é apaixonado da tauromachia?

— Olá se sou! .. *me respondeu elle.* — E o caso é que amanhã não posso eu assistir ao espectáculo..

Estas ultimas palavras não foram proferidas com o ar de tristeza, que naturalmente quadrava a quem se privava d'um grande prazer no dia seguinte. Bem quizera eu decifrar o enygma; entendi, porém, que não era delicado exigir a revelação do seu segredo, do mesmo modo que julgára ser descortezia dizer-lhe uma só palavra contra o seu divertimento mimoso.

Passados alguns instantes perguntou-me com certo alvoroço:

— O sr. não vai amanhã ver o Cirio do Cabo?

— Não, *lhe respondi eu.* Sou pouco amigo de grandes ajuntamentos; e demais d'isso reservo os meus recursos para acudir ás necessidades indispensaveis da vida.

O artista não me respondeu; creio que não gostou da minha resposta. Deixei-o para não o irritar com alguma palavra que as d'elle provocasse.

Já na tarde de sabbado largou o trabalho ás quatro horas, allegando que necessitava de comprar aviamentos para a minha empreitada. Só na segunda metade da terça feira veio retomar o trabalho; mas muito menos agil, muito menos expedito nos movimentos, e sobre tudo muito menos alegre do que nos dias precedentes. Declarou-me que fôra espairecer com seus *amigos*; mas que o sol que apanhara, a irregularidade da comida e bebida, etc., lhe tinham quebrado as forças, — sentindo-se agora bastantemente incommodado.

Pareceu-me que era dever meu alumiar aquella alma, que andava trasviada; fui buscar um escripto que por aquelle tempo estava lendo, e pedi ao artista que me permittisse chamar a sua attenção sobre a seguinte passagem:

— Indubitavelmente convem dar um certo cabimento ás distracções; mas neste ponto surge logo uma questão de *medida*, que se impõe a todas as consciencias, a todos os interesses. O homem não nasceu para o remanso; a natureza só é propicia aos que a exploram com energica perseverança. Recordar a lei do trabalho é o mesmo que ensinar a condição essencial do bem-estar e da independencia do individuo, do progresso moral e material para todos. — (*M. A. Audigane*).

Como em forma de commentario accrescentei estas breves palavras:

O homem não nasceu unicamente para se divertir; a sua principal missão na terra é o trabalho.

O trabalho é regra geral; os divertimentos são a excepção.

Temos o encargo de proporcionar á nossa familia o sustento, o vestuario, e todas as commodidades e vantagens possiveis. Nós, os que *os ganhamos de dia para comer á noite*, necessitamos, muito mais do que as classes abastadas, de andar com o prumo na mão;

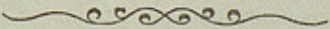
e ai de nós, se dispendermos com os divertimentos o dinheiro que é indispensavel para o pão e para outras necessidades impreteriveis de cada dia.

Ainda isto não é tudo. Cumpre-nos olhar para o futuro; cumpre nos acautelar as eventualidades da doença e da impossibilidade de trabalhar; cumpre-nos antever as funestas consequencias da morte do cabeça de familia, que deixa a viuva e os filhos ao desamparo e na miseria.

Apertei mais o ponto, e observei-lhe que as recreações ruidosas, os ajunctamentos com *amigos*, a demasia no uso das bebidas espirituosas, e outros excessos e abusos, produzem uma fatal excitação nervosa; debilitam as forças phisicas e intellectuaes, arruinam a saude, abreviam a vida... quando não conduzem ao precipicio do crime.

— Afigurou-se-me que as minhas singelas advertencias faziam boa impressão no animo do meu artista; oxalá que tambem a façam no d'aquelles que tiverem a paciencia de me lerem.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



CHRONICA GOTHORUM

(que traz Brandão no Appendice á Monarchia Lusitana)

Não posso perceber por que motivo *André de Rezende*, *Gaspar Barreiros*, *Brandão*, e com a opinião d'elles *Antonio Pereira de Figueiredo*, e finalmente o instruido *Antonio d'Almeida*, designando-a coeva de D. Affonso Henriques, isto é, dos fins do seculo XIII, lhe chamam *Chronica Gothorum*, quando os Godos havia mais de tres seculos que já não existiam, tendo sido supplantados pelos Sarracenos?

Se chamassem á chronica do seculo XIII *Chronica Sarracenorum*, podia ser; mas *Gothorum* do tempo de D. Affonso Henriques, custa a acreditar que homens tão doutos a denominassem

assim! E tanto mais isto é para deplorar, que a excellente Memoria de Antonio d'Almeida, sobre os tumulos de Egas Moniz e de sua jornada a Toledo, sobre um ponto bastante controverso da nossa historia, é tractado com bastante erudição e critica; apezar do tempo que empregou na sua composição, como se vê pela carta de João Pinto Ribeiro, a elle escripta em outubro de 1817, trabalhando já antes d'isso na dicta Memoria e concluindo-a só em 1830, levando por tanto 14 annos a compor 60 paginas, muitas das quaes são de integras e Documentos, ainda que analysados com muita critica.

Outra Memoria, de muito interesse, do mesmo Auctor se encontra neste volume; é «Exame comparativo das Chronicas Portuguezas, relativamente ao Governo do Conde D. Henrique.»

VISCONDE DE SANTAREM.

(De um seu Memorandum inedito).

BIBLIOGRAPHIA

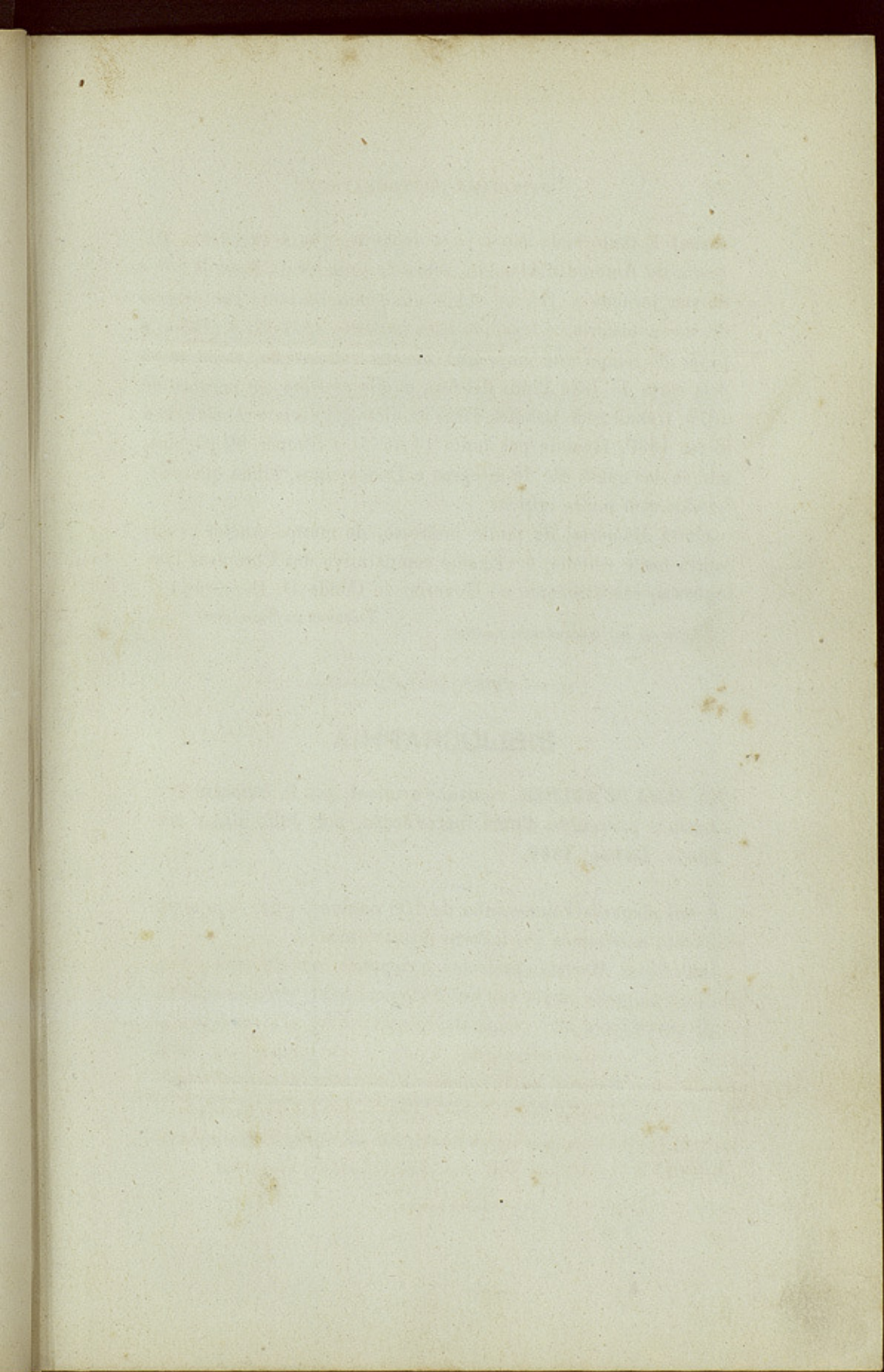
UMA ALMA DE MULHER, romance original, por D. Guiomar Torrezão — precedido d'uma introduccção, por Julio Cesar Machado. Lisboa, 1869.

É um elegante volumesinho de 108 paginas, este, cujo apparcimento noticiamos aos leitores do PANORAMA.

Julio Cesar Machado prefaciou o romance com algumas linhas, escriptas naquelle estylo que nos é tão conhecido como agradável.

Na introduccção não vemos elogio que o livro não mereça. Escripto com bastante correcção, revela, a um tempo, uma bella alma e uma formosa intelligencia. A narração denuncia espontaneidade; e a acção desenvolve-se com a devida naturalidade, e desperta o interesse que todos procuram em obras d'este genero.

Acha-se á venda, por 300 réis, nas principaes livrarias.





Panorama de Portugal

Primeira serie—N.º 5

Sala Grande da Universidade de Coimbra.

SALA GRANDE DA UNIVERSIDADE

A photographia que acompanha este numero do PANORAMA representa a *sala grande* da universidade de Coimbra, construcção magnifica do meado do seculo XVII.

No tempo, em que presidia ao nosso primeiro estabelecimento scientifico o reitor Manuel de Saldanha, achava-se a sala dos actos muito damnificada e ameaçando ruina; e por este motivo representou o claustro pleno a el-rei D. João IV, pedindo-lhe consentimento para se proceder á sua reconstrucção com o dinheiro pertencente á fabrica da capella. Consentiu el-rei pelo seguinte alvará, cujo original se guarda na secretaria da universidade:

«Eu El-Rei como Protector que sou da universidade de Coimbra faço saber a vós Manuel de Saldanha, do meu Conselho, eleito bispo de Vizeu, e reitor da mesma universidade, conselheiros e deputados d'ella, que tendo respeito ao que em claustro pleno me representastes sobre a damnificação em que se acha a sala grande em que ahi se costumam fazer os autos, e juntas, e os assentos dos doutores, e tecto da dita sala, que tudo dizeis necessita muito de remedio, antes que o damno venha a ser maior; que Eu Hei por bem conceder-vos a licença que me pedis para do dinheiro pertencente á fabrica da capella d'essa universidade procedido dos mesmos autos, se poder acudir ás ditas obras, visto achar-se a mesma capella ornada de tudo o necessario para seu uso. E mando a todos os officiaes, e pessoas a quem tocar (se necessario for) que em virtude d'este levem em conta o dinheiro que nas taes obras se dispender, precedendo para a obra conta, e hajam d'elle as mais ordens e despachos necesarios, e isto sem embargo de quaes-

quer leis ou estatutos que em contrario haja. Manuel Paulo de Andrada o fez em Lisboa a 7 de Fevereiro de 1654. Pantaleão Figueira o fez escrever.

Rey . . .»

No anno seguinte já a obra se achava concluida, pois que no tecto se vê pintada a data de 1655.

Tem esta magestosa casa 26 metros de comprimento, 12 de largura e altura proporcionada. O tecto é de madeira, apainelado e pintado de ramagens, laçarias, aves e figuras phantasticas, tudo num gosto bem caracteristico da epocha em que foi feito. No alto das paredes abrem-se grandes tribunas, e entre umas e outras vê-se a longa serie dos retratos de nossos reis representados a oleo em tamanho natural. Estas pinturas, no geral, são inteiramente destituidas de merecimento artistico. Ao longo das paredes, que são forradas de finos azulejos até meia altura, corre uma galeria, levantada alguns metros do pavimento da sala, com vistosa balaustrada, e assentos para os doutores. No topo está a cadeira da presidencia.

Nesta sala se costuma recitar a *oração de sapiencia* com que annualmente se instauram os trabalhos academicos em 17 de outubro, e aqui se celebram outros actos e funcções universitarias, sendo uma das de maior curiosidade e apparatus a graduação de doutor, donde vem chamar-se tambem a esta casa *sala dos capellos*. Reservamos para outra occasião a descripção das cerimoniaes e costumêiras d'esta festa academica, tanto na actualidade como antigamente, quando havia prestito de doutores a cavallo.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

MEDICOS LITTERATOS E POLITICOS

INTRODUÇÃO

Illustres animas.....

Expeditam dictis.

VIRG.

Meu caro Simões de Castro. Os *Quadros Academicos*, insertos no n.º 2 do seu jornal, podem parecer á primeira vista materia ingrata, e até fastidiosa. Uma relação de nomes deve enfadar como um indice; as nomenclaturas nunca estiveram em moda, e foram sempre condimento indigesto para a memoria.

Eu todavia não sigo esta opinião, nem considero assim estes trabalhos litterarios. Avalio-os em muito mais, não só pelo seu valor estatistico, que é grande e precioso, ou pela sua importancia historica, mas principalmente pelo lado esthetico e moral, porque naquelles *Quadros* cada nome revela muitas ideas associadas, já do merecimento intellectual do individuo e obras que o comprovam, já da sciencia que professou e enriqueceu, já da Academia que o laureou e distinguiu, já dos proprios governos que zelaram os interesses da patria, franqueando os aditos das Escolas aos bons ingenhos que as honraram. Em tão illustre recenseamento cada cidadão vale uma biographia, e cada biographia é uma pagina notavel da historia. Deante d'estes nomes a imaginação como que evoca os varões que elles representam, e lembra com respeito seus altos dotes, a sciencia d'um José Anastacio ou d'um Brotero, a dedicação espartana d'um Gomes d'Abreu.

A leitura, pois, d'aquelles *Quadros Academicos* suggeriu-me a idea de compor eu tambem uma relação, a relação não menos valiosa e interessante dos nossos medicos litteratos e politicos.

Como a medicina é uma sciencia vasta e complexa, acontece por isso mesmo que muitos dos seus cultores no curso de multiplicados estudos se vão insensivelmente enamorando d'outras sciencias, que são ás vezes bem alheias da sua profissão. Não as trocam elles umas pelas outras, no que alias lhes não caberia censura, mas ficam cultivando-as todas com egual desvelo. E se nas litteraturas extranhas é copioso o catalogo d'estes homens, em Portugal o seu numero não é menos extenso e variado.

A medicina é uma profissão melindrosa, util e sacratissima, porque, sendo um combate constante entre a vida e a morte, precisa comprehender os mysterios de ambas para sustentar uma e prevenir a outra. O sabio medico allemão Hufeland o reconheceu perfeitamente, quando lhe chamou sacerdocio e demonstrou a necessidade de ser exercida como se fosse uma religião. A sua theoria é bastante complicada, a sua practica ardua e espinhosa; ella é de per si uma lucta, em que se medem todas as forças, onde cabeça e coração reúnem e empregam seus supremos esforços. Não admira por tanto que o medico pretenda suavisar com as amenidades scientificas e litterarias os raros instantes que lhe sobram do seu penoso e laborioso officio.

Tendo por base de todas as suas especulações o exame da admiravel estructura humana, tronco d'onde rebentam ingenitos outros ramos de variados conhecimentos, o medico pode chamar-se com justiça o cosmopolita das sciencias. A sua actividade exercita-se por largos campos, a sua intelligencia domina e impera sobre muitas provincias litterarias, e por isso mais do que ninguem tende a escrever e tractar de assumptos que sejam extranhos á sua arte.

Alem d'isso, meu amigo, a pezar do seu extensissimo circuito a medicina é uma sciencia finita, como filha que é do homem; e os seus enganos fataes amarguram muitas vezes os seus sacerdotes mais distinctos. O doutor Alvaro Coutinho do drama de Gomes de Amorim é um typo e a personificação do medico de todos os tempos.

Estas crises moraes são para o clinico mais dolorosas ainda do que as crises da doença para os seus enfermos. É então que não raro acontece que o medico, longe de ser o philosopho christão do padre Bernardes nos seus admiraveis Novissimos, se torna incredulo como Hamlet, ou cynico como o coveiro de Shakespeare. A morte, que é memoria para esquecidos, eschola de sabedoria e lição para todos, torna-se para o medico um problema insolúvel, como barreira invencivel para a sciencia humana.

Contra estas tempestades íntimas acha-se refugio e porto seguro no bom estudo. Este é o balsamo que sara as feridas, abertas nas agruras d'esta penedia escabrosa, a que chamamos vida. Se este solo esteril pode brotar flor, se d'esta fraga pode rebentar planta, não ha flor mais bella do que a litteratura, nem planta mais viçosa do que um espirito culto.

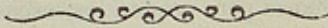
Parece-me que por estas razões se pode explicar a predilecção dos ministros de Esculapio em queimarem incenso noutros altares sem que comtudo reneguem o seu verdadeiro rito.

É coetanea dos primeiros soffrimentos do homem a origem da medicina. Filha da necessidade e do instincto, baseia-se, como todas as artes, na experiencia e na observação. Variam as escholas, multiplicam-se os systemas, e a sciencia tem-se formado lentamente com a lição das enfermidades que atacam a existencia. Pois já nos tempos antigos, quando a medicina quasi que ainda balbuciava seus primeiros preceitos, nos apresenta Platão no seu dialogo do *Banquete* um medico, Erixymaco, ao mesmo tempo receitando e dissertando sobre philosophia. Entre muitos a historia litteraria indica-nos Julio Scaligero como excellentes critico, Arnaldo de Villanova como theologo, como philosophos notaveis Pedro Ramus e Jeronymo Cardan, André Vésale como anatomista, Luiz Lilio como mathematico, Erasmo Darwin como poeta, e até o proprio Eugenio Sue como romancista.

Os medicos portuguezes, que tambem figuram distinctamente nesta relação, merecem commemoração especial; e permitta-me

que a faça aqui d'elles em pequenos esbocetos biographicos, que apenas em serem curtos terão o seu real merecimento. *Vix placent brevitae sua.*

A. A. DA FONSECA PINTO.



PIA BAPTISMAL DA SE' DE COIMBRA

Nunca floresceram tanto as artes em Portugal, como no reinado venturoso de D. Manuel. Opulentada a nação com as riquezas da India e da America, apurava-se o gosto de seus naturaes nas viagens longinquas e no tracto e observação dos povos mais cultos; aperfeiçoavam-se os artistas, practicando com os estrangeiros, que affluíam numerosos ao paiz, nesse tempo o mais rico e poderoso da Europa; transpareciam, emfim, nas obras da arte o genio das empresas gloriosas, a força nacional e a prosperidade publica. As altas ideas, que exalçavam a mente do povo portuguez, reflectiam-se, por toda a parte, na architectura e na esculptura, espelhos fieis das sociedades humanas.

A longa paz, que succedera aos odios terriveis e ás luctas sangrentas do anterior reinado, favorecia o desenvolvimento das artes, bem como a constante harmonia entre a coroa e a nobreza. Os fidalgos, a cujas ambições as empresas maritimas abriam largo campo, proporcionando-lhes meios de as satisfazer, sem disputarem o poder real ou sem opprimirem as classes populares, pretendiam imitar e agradar ao rei, cujo gosto artistico era grande e veheamente.

Entre os principaes do reino, que occupavam os architectos em edificações magnificas, e os esculptores no lavor de alfaias primorosas, distinguíam-se muitos prelados illustres. Num espaço de poucos annos, quando no reino não havia mais que nove dioceses,



Pia baptismal da sé de Coimbra

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

... et de la part de la Cour, l'on a fait ...

achamos nas de Évora, Porto, Braga e Coimbra os seguintes, todos contemporaneos, todos sumptuosos.

Em Evora, de 1485 a 1522, D. Affonso de Portugal, alem das obras que fez na sua igreja e das alfaias com que a enriqueceu, mandou construir uns paços nobilissimos juncto da sé, e outros denominados da *Sempre-noiva*, perto de Arrayolos, ambos ricos de marmores lavrados no estylo manuelino, porem com feições particulares do genero arabe.

No Porto, de 1465 a 1535, os bispos D. João de Azevedo, D. Diogo de Sousa e D. Pedro da Costa deram á sé alfaias de grande valor e a melhoraram com obras dispendiosas.

Em Braga, de 1505 a 1532, aquelle mesmo D. Diogo de Sousa reconstruiu em grande parte o templo da sé, dando á capella-mór e a muitos logares do exterior o character do gothico florido ou manuelino. Dentro e fóra da cidade alevantou innumerados edificios, e, porque transformou em ruas e terreiros o que era antecedentemente bosque ou matagal, lhe chamam ainda alguns o segundo fundador da capital do Minho.

Em Coimbra, de 1483 a 1545, o bispo D. Jorge d'Almeida deu provas não somenos de seu gosto artistico e generoso animo. Mandou fazer o retabulo de madeira da capella-mór da sé, obra de talha admiravel, e uma das mais perfeitas que se conhecem em toda a Europa. A custodia de prata doirada, que esteve com outras preciosidades do cabido conimbricense na exposição districtal do anno passado, e cujo estylo elegantissimo se assimelha muito ao do retabulo, foi tambem dadia d'este prelado, cujas armas tem esmaltadas. Mandou vir de Sevilha (1) e não de Flandres, como julgou Harrisson, os magnificos azulejos que exornam algumas paredes

(1) *Extractos varios tirados do Real Archivo da Torre do Tombo, relativos á Historia Ecclesiastica do Bispado de Coimbra*. Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Uma das grandes photographias que o museu de Kensington mandou tirar em Coimbra representa estes azulejos.

do templo e exornaram outras, d'onde foram arrancados. São obra sua os dois porticos lateraes de pedra de Ançã na fachada septentrional, e ainda o retabulo de pedra da capella de S. Pedro. Mandou, finalmente esculpir a pia baptismal que a nossa gravura representa, e hoje se conserva na egreja da Sé nova, para onde foi trasladada.

Esta pia é de marmore branco. O calix de forma octogona assenta num pé tambem oitavado, que sustentam quatro formosos leões. A forma octogona distingue as pias baptismaes dos seculos XV e XVI das anteriores, que eram commumente arredondadas.

O todo da pia é gracioso e elegante, as partes bem proporcionadas e os ornatos de bom desenho. Nesta como em outras da mesma epocha, e mais em particular nas das sés de Strasburgo e de Friburgo, que se citam por obras primas, manifestam-se esmero e gosto, que debalde se buscarão nas pias mais antigas.

A da sé de Braga, talvez contemporanea da de que tractamos, tem com ella uns longes de similhança. É porem de granito, menos elegante, e está pintada a oleo, por um d'aquelles caprichosos vandalismos em que tanto se comprazem os cabidos.

Na parte superior e exterior de cada um dos oito lados, como bem representou no desenho o seu habil executor, vê-se alternadamente, nuns o brazão do bispo D. Jorge d'Almeida, entre dois anjos; noutros, dois meninos a tangerem instrumentos musicos, e por detrás d'elles uma fita com esta divisa em bellos caracteres gothicos:

Omnes sitientes venite ad aquas. Nequid nimis.

No pé que sustenta a bacia está um letreiro de caracteres similhantes, que diz:

P.º Áriquez e seu irmão a fez.

Os pouquissimos subsidios que possuimos para a historia dos

artistas portuguezes, e cuja melhor parte, por vergonha nossa, devemos a um estrangeiro, nada nos esclarecem ácerca d'este Pedro Henriques. Sabe-se tão sómente que em 1517 trabalhava no mosteiro da Batalha Filippe Henriques. Seria o irmão de Pedro e seu collaborador na obra da pia da Sé de Coimbra? (1)

A. FILIPPE SIMÕES.

AS AMOREIRAS DO PROFESSOR

VI

Levantei-vos do pó da estrada, amoreiras; resguardai-vos no mais elegante dos meus cofresinhos, entre os papeis e as joias a que mais quero; agora que vos transplanto, não consentirei que vos areje as raizes o frio do inverno; rodear-vos-hei d'um alegrete, far-vos-hei uma sebe de flores.

Mas flores neste tempo? Essas flores são um prologo.

Um prologo! sem este sacramento como arribarieis, pobres arvores, no reino da gloria?

Serei vossa madrinha.

PROLOGO

No remanso d'uma freguezia rural, e em casa do parcho, passa alguns dias de verão o auctor das paginas que dou á luz. A distancia do presbyterio, e em quintas suas, moram um amigo do

(1) O auctor d'estas linhas foi baptisado no anno de 1835 na pia de que tractou.

parcho e do seu hospede, Julio, e o professor de instrucção primaria, Adolpho. Conversações de todos estes com vario assumpto eis o das *Amoreiras do professor*.

«Nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu (escreveu Castilho na conversação preambular do D. Jayme), a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos; se ha um que diga que ousava, que me aponte essa estancia fenix, que ao fim de quasi tres seculos está ainda tão lustrosa e juvenil.»

As *Amoreiras do professor* superabunda-lhes seiva para serem lustrosas por seculos; lendo-as, vê-se que o auctor trabalhou para a eternidade; os futuros escriptores virão sentar-se á sombra d'estas arvores, rebentos da arvore edenica da vida, arvores de immortalidade, e nos seus ramos sempre virentes pendurar-se-hão, para se afinarem, os laúdes e harpas dos poetas do porvir. Mas enge-lhadas que fossem as vossas folhas, pedrados que fossem os vossos fructos, para alizar umas e dar polpa aos outros, não bastava a varinha de condão dos Merlins da nossa litteratura? Uma palavra sua? um ar do seu riso?

Em nome dos que fabricando prefacios sobem os pobres de genio ao reino da gloria; em nome dos que se erigem e se mandam erigir estatuas; em nome dos que na sombra e embuçados se cosem a punhaladas, e encontrando-se de dia se protestam amizade e trocam abraços, para não envelhecerdes como o Camões, eu vos abluo de toda a macula, amoreiras, e vos faço insenescentes, perfeitas.

Ide em paz.

Castello de Vide, Quinta da Amieira,
2 de janeiro de 1870.

TECLA DA LUZ.

AS AMOUREIRAS DO PROFESSOR

CAPITULO PRIMEIRO

Os brindes

«Á missa e á meza ninguem se faz velho, diz um adagio, e os adagios, diz outro, são evangelhos pequeninos; conversemos pois e bebamos; á saude de tua sobrinha, Alberto.»

«Á sua saude» disseram, seguindo-me, o parcho e Julio.

«Muito obrigada — respondeu-nos, travando-se com a nossa, uma voz argentina.

«Não é só dizer — muito obrigada; a uma saude responde-se com outra.»

«Bem vê, replicou ella, não me pozeram copo.»

— Os gregos... começava Julio.

«Mas a que vêm os gregos, a que vem isso agora? interrompi eu.

— Vem a dizer que eram elles muito mais assisados do que nós no modo de fazer saudes e brindes; eu não sei porque o vinho, que é muitas vezes a origem de rixas, ha de ter num banquete magnifico e num jantar amigavel o privilegio de ser o interprete da sympathia e do respeito, da amizade e do amor. Gregos e gregas não se corriam de brindarem com uma cereja ou com uma tamara, com um pêcego ou com uma laranja, com qualquer coisa, enfim, de sabor delicado.

«E até, disse Alberto, me lembro de ter lido que faziam saudes espedaçando loiças riquissimas.

— É verdade tambem. —

«E donde sabes tu, Julio, perguntei eu, ambas essas coisas?»

— De Aristophanes, disse elle; não sei em qual das suas peças

um grego diz a sua mulher que ella espedaça a loiça de mais delicados lavores em honra do seu namorado, e que não come um só pomo que seja, que não diga na sua alma, quando está juncto d'elle, e em voz alta, quando está só: á saude do meu amante. —

«As portuguezas, disse eu, formosas como as gregas, querias então que não fossem menos amaveis que ellas, e que se não obrigassem, quando se lhes erguem brindes, ou a ser mudas ou violentas?»

— Exactamente — respondeu elle.

«Se existissem ainda as côrtes d'amor, continuou Alberto, pois que não podia ser dos seus membros, eu acabaria com algum que propozesse o hellenisarmo-nos no que respeita a taes usos.»

— E eu, proseguiu Julio, já sabeis que ou seria o proponente ou não me opporia. —

— Nem tu, Alberto, lhe disse eu, te opporás a que tua sobrinha responda á grega ao brinde que lhe eu fiz.

«Não; faço até mais; Beatriz, responde como as damas gregas á saude d'este senhor.»

«Quebrando os pratos, meu tio?»

As cigarras

A réplica da pequena Beatriz, maliciosa e cheia de bom senso, fôra ampla e variadamente applaudida e commentada; dissipara-se o riso que nos ella abrira, e, para as fazermos correr, as horas que nos restavam da tarde, julgámos que as deviamos passar na companhia do professor de instrucção primaria, cuja morada, para onde nos dirigimos, ficava a distancia.

Ia o sol ainda em todo o seu vigor; palhetas de oiro que se moviam a tremeluzir, separando-se, unindo-se e combinando-se de mil modos, ondas e recochetes de luz, que se alargavam e se

estreitavam sem lei, e encontrando-se se partiam em arcos e linhas, para os substituirem outros, incandesciam a atmospheria, cegavam a vista, e obrigavam a descer sobre os olhos as cortinas franjadas de que, para os proteger, a natureza os cercou.

Vegetação agreste, penhascos que em meio d'ella abrigavam nos seus oucos e fendas alguns lagartos, que fugiam ao passarmos, eis as margens pouco ridentes do caminho que seguíamos; ao longe havia oasis de verdura, castinças que não despejavam, doces ricos de sombra, pomares que sem escurecerem a luz do sol lhes deviam quebrar a quentura dos raios, e converter os resplendores ardentes d'aquella hora nas meigas incertezas e delicados reflexos d'um crepusculo suavissimo. Sítios tão amenos, tão proprios para se esconder nelles a perturbações e a invejas uma vida feliz e remançosa, não os gosavamos nós; corriam nos a fio as camarinhas do suor, arfavamos de encalmados, paravamos de cansaço.

«Para coroa d'este eden, dizia eu, falta uma cigarra que nos saude ahi de qualquer carvalheira com o seu lindo gorgoeio.»

E uma cigarra a cantar!

E o parochio a rir-se.

«Maldicta! praguejava eu, nem galan de comedia, espreitando a sua vez por detrás dos bastidores, entrava assim tão a ponto!»

«Pelo menos, gracejava Alberto, sabe discernir o que vem a tempo e o que não; pelo muito que é sensata se lhe pode perdoar o não ser boa musica.»

—Vou outra vez, disse Julio, fallar-vos de gregos; se vos elles ouvissem, taxar-vos-hiam de barbaros pelo que dizeis das cigarras; animalsinho tão rouxinol nunca o houve na Grecia. Os gregos, elles que sentiam a harmonia das espheras, que ouviam o canto dos cysnes perto da ultima hora, harmonia e canto nimio delicados para nossos ouvidos grosseiros; elles que adormeciam, despertavam, lidavam no foro, pelejavam no campo, pensavam até ao som da musica; que travavam os cuidados d'esta com os cuidados mais serios e importantes da vida; não conheciam, vos affirmo, melodias mais doces do que estas da cigarra. —

«Bello gosto!» respondi eu. «Zombas?» perguntou Alberto.

— Não; caminhemos, e conversando vos provarei que o não faço.

Na Grecia a custo o divino Homero rivalisa com a cigarra; a cigarra foi realmente a muzica official d'aquella nação, e a ponto esteve de o ser da nossa; Castilho quiz-lhe dar fôro de cidadã em a nossa terra, e, se lh'o não recusassem, a cigarra de Anacreonte, que cantava nas arvores do seu Tibur, seria hoje e por muito tempo o symbolo da poesia; nas balsas e loureiraeas que defrontassem com a janella rendilhada de qualquer Joanninha, como a de Garrett, para cantarem ao desafio as cigarras de Anacreonte ou de Castilho, emmudeceriam de certo os rouxinoes de Bernardim Ribeiro.

Não se gostou de Tibur, regeitaram-se as cigarras, Castilho vingou-se traduzindo Anacreonte, e aprimorando-se, pondo todas as complacencias da sua arte na versão da ode á cigarra:

Estimam-te as Piérides.

Ama-te o nume delphico;

D'elle te veio em dadiua

esse primor de voz.

Da terra ó filha ingenua!

A todos tão sympathica!

Exempta dos descommodos

que pesam sobre nós!

Toda fervor poetico!

Em hymnos sempre extaticos

Soltando de continuo

delicias musicaes!

Leve, subtil corpusculo!

Quasi incorporeo espirito!...

Dás-me ares, minha aligera,

dos entes immortaes.

Eis parte do que disse Anacreonte do animalsinho a que tendes odio; já vêdes que a estimava em mais do que vós o risonho representante da Grécia.

«Linda poesia e harmoniosa traducção, em verdade, disse Alberto, mas estupendo paradoxo!»

«Extranha aberração, acudi eu confirmando, do gosto d'um povo, que o tinha tão apurado!»

Julio sorria.

— As cigarras, continuou elle, são medianeiras entre as musas e os poetas; no seu Phedro nol-o diz e nos dá a razão d'isso Platão, dilecto tambem d'ellas, o Homero da philosophia. De o traduzir de Dacier lembra-me o trecho; ora escutae:

Ha, eu penso, diz Socrates a Phedro, tempo para conversarmos. E parece-me que as cigarras que cantam acima de nós, e palestram entre si, como costumam sempre que o calor abafa, nos olham com attenção. Se pois ellas nos vissem, como o povo, em vez de nos entretermos, sestear ao meio dia deixando-nos embalar pelos seus cantos sem empregarmos o pensamento, rir-se-hiam de nós, e fariam bem; julgariam ver escravos que vieram dormir neste remanso, como ovelhas que ao meio dia adormecem á beira da fonte. Se, pelo contrario, nos vêem conversar e passar juncto d'ellas como Ulysses juncto das sereias, sem nos deixarmos encantar, admirar-nos-hão, e quinhoarão connosco talvez o beneficio que os deoses lhes permittiram que concedessem aos homens.

PHEDRO

Qual é esse beneficio? Nunca, se bem me lembro, ouvi fallar d'elle.

SOCRATES

Não fica bem a um amante das musas ignorar estas coisas. Contam que as cigarras eram homens antes de as musas nascerem.

Quando foram nadas e o canto com ellas, houve homens a quem seus accentos tanto transportaram de prazer, que a paixão de cantar os fez esquecer de se alimentarem, e da vida passaram á morte sem d'isto se apérecberem. D'estes homens nasceram as cigarras, e as musas lhes concederam o privilegio de se sustentarem sem algum alimento; desde o instante em que nascem até que morrem ellas cantam sem comer nem beber, e depois d'isto vão annunciar ás musas qual é dos mortaes o que rende homenagem a cada uma d'ellas, e assim, fazendo-lhes conhecer os que as honram, tornam estas divindades cada vez mais propicias aos seus favoritos.

Eis o que diz Platão; sereis ainda contra as cigarras?

«Pois que já as não ouvimos,olveu Alberto, e temos a casa do professor a dois passos, deixemol-as em paz. Foram as cigarras, disseste, musicas officiaes da Grecia. Triste elogio! Pode haver no que é official utilidade e bondade, mas nunca belleza; não lhe faltam, para a ter, a individualidade e a liberdade, dois attributos sem que o bello não vive?»

— Pobres cigarras! exclamou Julio, tendes de confessar-vos vencidas. —

«E os vencedores?» perguntei eu.

— Os rouxinoes. —

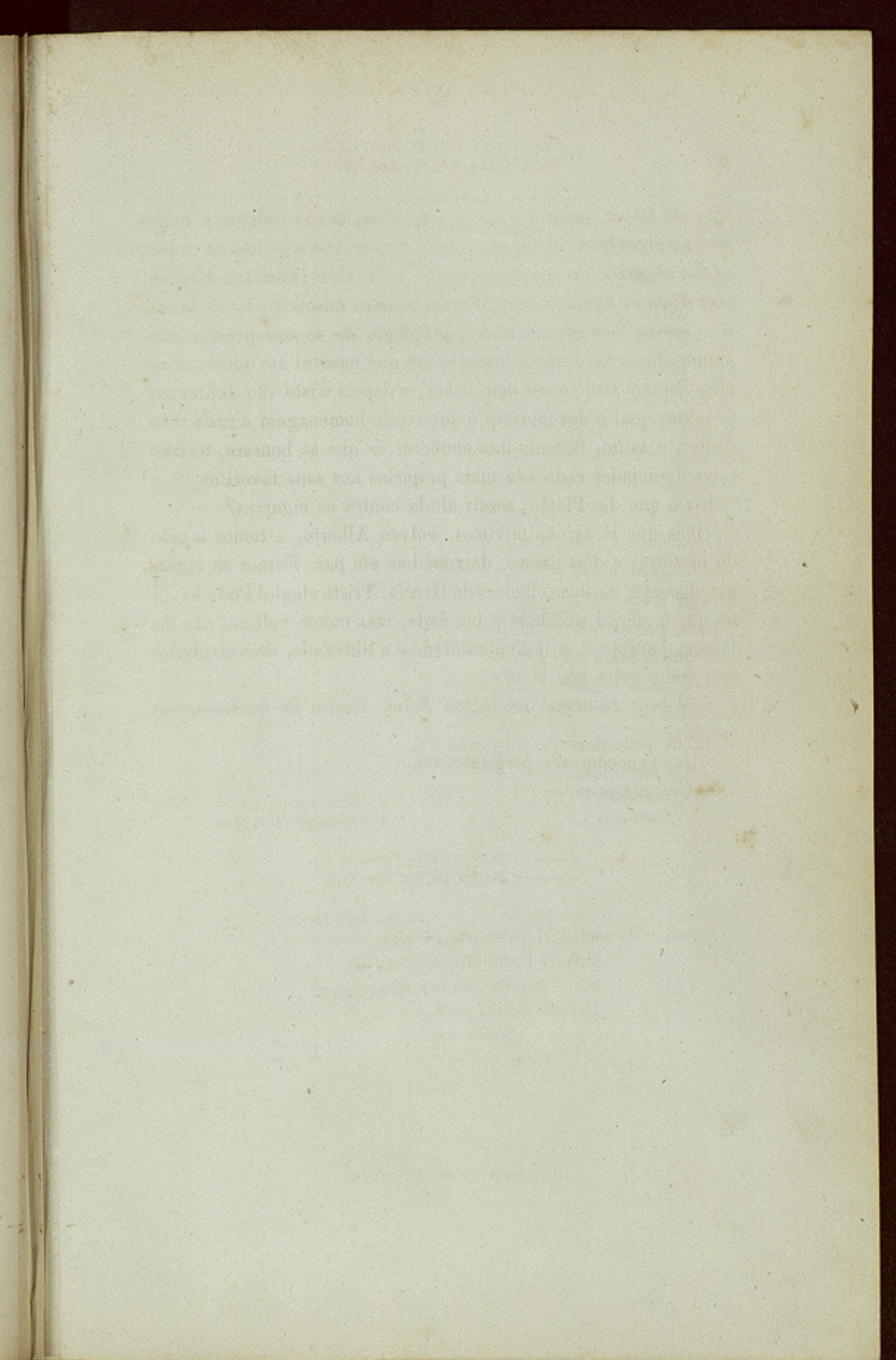
(*Continua*)

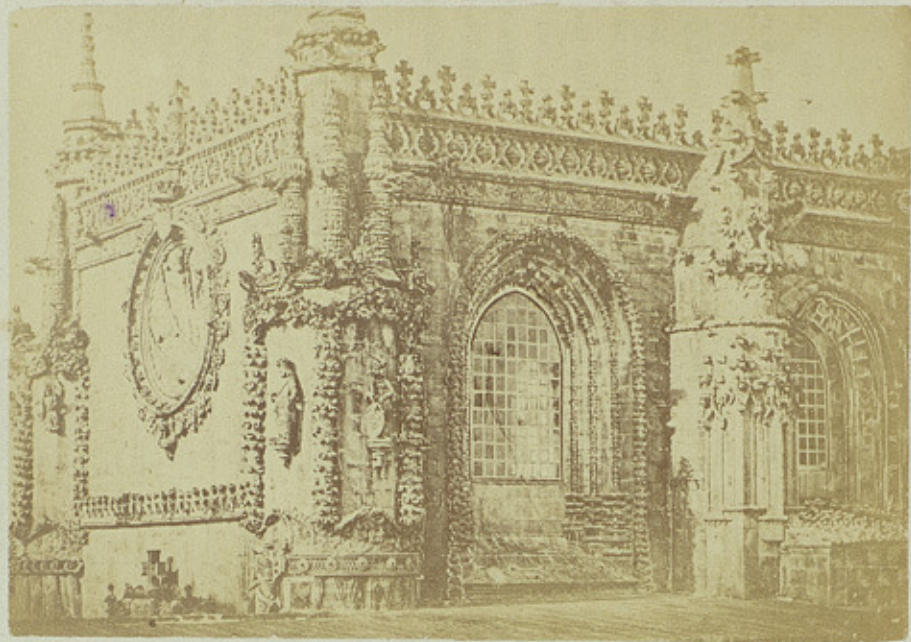
J. FREDERICO LARANJO.



Errata — Na pagina 57 a estrophe primeira deve ler-se:

Criança louca, esvoacei contente
Sobre alcatifa que exprimia dor;
Hoje caminham sobre a cinza quente
Do meu amor,





Panorama de Portugal

Primeira Serie — N.º 6

Corpo da egreja do convento de Christo

na cidade de Thomar.

EGREJA DO CONVENTO DE CHRISTO

EM THOMAR

O monte que abraça quasi em hemicyclo a cidade de Thomar está coberto de monumentos ricos de nobres tradições e de memorias gloriosas.

Theatro das proezas titanicas dos templarios, residencia de seus illustres successores, os cavalleiros da ordem de Christo, pousada de reis e de principes, a sua historia começa com a da monarchia, e com ella se enlaça em muitas paginas das mais brilhantes. Esboçou-a já com bem aparada penna um nosso distincto escriptor. Recorra aos seus interessantes artigos, publicados no tomo X do *Archivo Pittoresco* o leitor que se não contentar com estas breves linhas, em que, pelo pouco espaço de que dispomos no *Panorama*, nos cingiremos ao objecto da photographia.

A igreja do convento de Christo em Thomar tem duas partes de mui differentes edades, cujos estylos, por mui differentes tambem, fazem um notavel e singular contraste. A primeira é a capella-mór, a igreja antiga dos templarios, construida no seculo XII pelo estylo romano-bysantino de transição. A segunda é o corpo da igreja, accrescentado no seculo XVI por el-rei D. Manuel ao templo primitivo. Uma singela, pura, desaffectedada, como esses valerosos guerreiros que sellaram com o proprio sangue a independencia da patria; outra vistosa, louçã, requebrada, como a esplendida côrte que se arreiava do ouro e pedraria d'alem-mar. Numa desponta ainda mal delineada a ogiva, que só mais tarde tem de produzir as grandezas do estylo gothico; noutra superabunda o luxo de ornamentação que prenunciou a total ruina d'este mesmo estylo, substituido poucos annos depois pela arte greco-romana,

renovada senão com a graça original, pelo menos com toda a primitiva regularidade.

Comtudo, apesar de ser já uma degeneração do ogival, o estylo que entre nós recebeu o nome de *Manuelino* tem bellezas e primores que encantam e agradam á vista. Se em Belem e em Thomar falta aquella expressão pura e sublime do sentimento religioso que transluz no magestoso templo da Batalha, sobejam as esculpturas delicadas, os lavores de bom desenho, as galas d'uma ornamentação elegante, graciosa e variada.

É admiravel, sobre tudo, o exterior da egreja. Decoram os gigantes, proeminentes nos cunhaes e nas fachadas, estatuas de santos, baldaquinos e molduras em alto relevo São formosos os corucheus que os terminam, posto que se não elevem tanto ao céu como os da Batalha.

Nas archivoltas das janellas e portas, admiram-se os lavores delicados dos arcos, feitos de folhas entretecidas, á maneira de vistosas grinaldas. Guarnece, em cima, todo o corpo da egreja um largo rendado de pedra em que destacam, da mesma sorte que em Belem, as cruces de Christo, emblematicas da ordem e de seu mestre e edificador el-rei D. Manuel.

O architecto da egreja, Ayres do Quintal, deixou-lhe o interior ao contrario do exterior, pobre de enfeites e ornatos, talvez para menos destoar da singeleza da capella-mór. Houve no côro cadeiras magnificas de talha, obra do insigne esculptor Olivel de Gand, das quaes os francezes em 1810 ou 1811 fizeram lenha para se aquecerem. Os invasores de Portugal do seculo XIX não pareceram, neste e noutros feitos, menos barbaros que os que na idade media mereceram esse nome.

A. FILIPPE SIMÕES.

EPISTOLOGRAPHIA

A João de Deus

Meu amigo. É grande indiscrição talvez confiar da curiosidade publica um segredo doloroso, que entre nós devia ficar. Mas não posso, porem, em vista da minha natureza demasiadamente expansiva, guardar um silencio obstinado sobre soffrimentos ignorados e martyrios desconhecidos.

Quero fallar-lhe de Luciano Cordeiro e Manuel d'Arriaga; — duas intelligencias formosas, mas almas mais formosas ainda.

Lembra-se, João de Deus, d'aquellas nossas prolongadas e affectuosas conversações, em que eu lhe dizia ter um pouco de sceptico, e ser pronunciadamente atreito a rir de tudo? Deve lembrar-se. Eu então, ouvindo-lhe as palavras graves e sinceras, respondia com a gargalhada estridula ás suas esperanças de melhor futuro, e ás suas crenças de poeta idealista.

Mas como eu era feliz no meu scepticismo, que sem privações e dores, sem contrariedades e desalentos, se me apoderara do espirito, no momento precisamente em que ahi desabrochavam as mais confortadoras esperanças, as mais anciosas aspirações!

Como explicar este mysterio?!

Quando viamos aquelle brilhante espirito de Manuel d'Arriaga contorcer-se nas alternativas dolorosas d'um desconforto profundo; quando observavamos em Luciano Cordeiro a lucta travada por sua alma com os odios e rancores miseraveis dos que o perseguiam com o apedrejamento da inveja; João de Deus pendia a frente sobre o peito, e dizia com o excesso do soffrimento intimo: descreio!

E eu estremeia então quando lhe ouvia proferir aquelle mote fatal.

Onde estava o meu riso ironico e epigrammatico, que me não transparecia nos labios a escarnecer do seu tormento?

A alma estorcia-se-me em horriveis angustias, porque o ferro que a golpeava feria profundo e desapiedado.

Os scepticos tambem soffrem; dizia eu.

.....
 Nem esperanças, nem expectativas de gloria, nem dedicações sinceras, valem para quem tem de representar no proscenio ignobil d'este mundo um papel vilipendiosamente social.

Quando, exorbitando do estadio restrictissimo, marcado pela prescripção positiva da sociedade, a alma se dilata com os effluvios da inspiração, e se regosija pelos páramos da eterna luz, grande crime se commette, sobre que em breve se ha de pronunciar sentença inflexivel, e impor expiação cruel.

Sentir no peito a effervescencia das affeições puras, conhecer na frente os lampejos de uma auréola que se não manifesta ao vulgo, é remover os obstaculos para o sacrificio immediato, onde o cutelo social vai embeber-se de sangue, ou o pelourinho do opprobrio erguer-se como alvo convidativo ao arremesso da lama, ao tiro do insulto.

Então a plebe passa orgulhosa, cuspindo na frente do martyr, porque elle está alli estrictamente a receber o obolo generoso do escarneo, prodigalisado em vaias e apupos, tornados mais torpes e ignobeis pelas boccas que os proferem.

Já vê, João de Deus, que o scepticismo consola-me, convencendo-me dos martyrrios preparados para os que, sem respeito pelas demarcações mesquinhas da vulgaridade, sobem a mostrar a belleza de sua alma e o esplendor da sua frente.

J. DE SOUSA ARAUJO.

COIMBRA

Coimbra! Luso berço da sciencia
De Portugal no coração intrepido!

Ó Nayade formosa do Mondego
Em seio de verduras reclinada,
Á sombra dos salgueiros do teu rio
Quem já deixou de suspirar amores!

Gemea irmã do prazer e da ventura,
De Portugal Oasis! — Lusa Athenas,
Do genio e do talento eterna patria!

Como a pomba da arca do diluvio
Mostrou no bizzo um ramo de oliveira,
Signal de paz divina — alana pomba (1)
Cercada de olivedo estás mostrando
Mil symbolos de paz em cada geira
D'essa terra tão nobre e tão antiga!

Cidade veneranda! Nos teus templos
Nos teus conventos e mosteiros tantos
Bem mostras piedade e penitencia!

Aurora do saber! Excelso throno!
Que de thesouros no teu seio augusto!
Que de crystaes na placida corrente!

(1) De Ataces, fundador, rei dos Alanos.

Sá de Miranda outr'ora — estro Apollineo,
 E hoje Amelia Janny, estão provando,
 Que no regaço teu têm culto as musas
 E amor de ambos os sexos!

Raro exemplo!

Quem dos amores não conhece a fonte
 Da decantada Ignez? E a negra historia
 Da desditosa Telles? — Quem não ama,
 Á sombra dos teus cedros seculares,
 Do rouxinol a fina cantilena
 Matizada de poeticos modilhos?

Oh! Salve! Brando cysne donairoso
 Vogando em mar de rosas — vela panda,
 Manhã da sciencia, aurora do progresso!

Em cada tosca pedra tens vestigios
 De heroicos feitos, immortaes façanhas!

Em teus sarcophagos delidos... guardas
 A etherea chamma dos varões famosos,
 E o pó das tradições da monarchia.

Em Santa Cruz escondes as corôas,
 Que em Ourique e no Algarve nos ceifaram
 De Affonso e Sancho os validos montantes.

Mas... não cabem num canto as epopêas
 Immarcessiveis louros... harmonias...
 Que encerras nos teus muros triumphantes!

Cindazunda gentil, gentil cidade!
Brazão perenne de Martim de Freitas
Em triclinio de flores delicadas.....

Quem já deixou de suspirar amores
Á sombra dos salgueiros do teu rio
No thalamo sem fim de teus esmaltes?

ALFREDO ANSUR.



COISAS PHILOSOPHICAS E POETICAS

I

Meu caro Simões de Castro. Promettera-lhe ha tempos duas linhas para o seu excellente PANORAMA; e, se bem me não fallecia boa vontade de cumprir a promessa, obrigações impreteriveis me têm tomado o tempo, e impedido a satisfação.

Chegou agora a vez. Envio-lhe essas cartas, e não estranhe que lhes puzesse á frente o titulo — Coisas philosophicas e poeticas.

De Portugal, d'este velho Portugal, que só tem de seu a honra que lhe legaram antiga sgerações, regurgitam economistas profundos, estadistas consummados, politicos finissimos, moralistas severos, varões mais amantes de gloria patria que de interesses de bolço. Abundam por cá os Nekers, e os Richelieus, e os Girardins, como cigarras nos olivae, quando o sol de estio ameaça derreter a terra com os seus raios de fogo. Mas homens que se elevem um pouco acima das paixões do mundo, que comprehendam os grandes sentimentos e as grandes verdades, que se lancem no abysmo da sciencia, e inquiram, e indaguem, e investiguem, e analysem; que

procurem o fio d'esse labyrintho impenetravel, chamado a philosophia, aonde a cada passo se encontra uma barreira, aonde o espirito pára confuso e desalentado, aonde cada principio é um gigante que se levanta diante de nós, e com quem é preciso arcar frente a frente, braço a braço; esses são tão poucos, que nem a custo o velho Diogenes os encontraria, ainda mesmo com o auxilio da sua lanterna.

E para que serve a philosophia, a sciencia que estuda o homem na sua natureza e na sua finalidade? a sciencia que anda em busca do principio creador, e se empenha na explicação dos phenomenos do mundo? De que vale estudar o espirito nestes ditosos tempos, em que a materia é tudo, em que a gente anda aos encontrões com os fidalgos pobres e com os burguezes ricos, e em perigo constante de ser ajojado pelo peso do orgulho balofo, ou do pedantismo ridiculo?

Ai, sciencia, sciencia, os teus apostolos são escarnecidos e vilipendiados, como o Christo; mas tambem, como ao redemptor, chegará o dia do seu triumpho. Os teus propugnadores são ás vezes espinhados pelos que se arrastam nos tapetes da Persia, e contam pelos dedos os milhões de sua riqueza; mas um dia virá em que a sciencia, radiante de gloria e magestade, fará curvar os modernos Cressos, fascinando-os com o seu esplendor divino!

Eu chamei a isto — coisas philosophicas e poeticas; e não sei se melhor lhe quadraria o de — paginas intimas.

A historia d'ellas tem alguma cousa de tocante e internedor.

Era um bello rapaz; grande alma, coração sincero e apaixonado. Nascera sob a influencia d'um agoiro funesto — dizia elle; e eu creio-o.

Mas a aurora da sua vida despontara-lhe risonha e serena; os anjos bafejaram-lhe o berço e engrinaldaram-lh'o com os seus sorrisos; e a estrella da felicidade começara a luzir, prenunciando-lhe um futuro brilhante.

Um dia os anjos, que sempre lhe tinham feito roda, fugiram

espavoridos diante d'um phantasma negro que lhe apparecera; e a estrella sumiu-se num montão de nuvens, que se tinham levantado lá do extremo horisonte.

Foi como no mar. Navega o batel com as velas enfunadas pela briza, as aguas beijam-lhe docemente o costado, e os marinheiros saltam e brincam alegres e prasenteiros no convez. Mas de repente apparece ao longe um ponto negro, que vae augmentando até se fazer um volume enorme, negro como as trevas, lugubre e pesado. E depois a brisa transforma-se em vento, e o vento degenera em tufão; e o oceano principia a revolver-se desde o fundo, e o batel a vogar á mercê das ondas. D'ahi a pouco, a tempestade desencadeia-se horrivel e medonha, o raio fusila no espaço, a chuva despenha-se do alto em torrentes, a maestração do navio geme nos ultimos extorcimentos, e, apesar de todos os esforços dos navegantes, o mar abre a bocca voraz e engole para o seu seio barco e marinheiros. E depois as nuvens fogem do horisonte, o sol reaparece esplendido no ceo, e as aguas como que desatam uma gargalhada cynica — unico epitaphio sobre o tumulto das suas victimas.

Tambem Julio, o signatario das cartas que vão ler-se, navegou primeiro em mar de rosas, depois luctou peito a peito contra as tempestades da vida; e, mais tarde, quando viu apagar-se o ultimo lampejo da esperanza, cahiu extenuado em terra, como o tenro arbusto a quem faltou o apoio em que se firmava.

Matou-o a sciencia, e o amor — a philosophia e a poesia — estas duas irmãs que se estreitam num abraço apertado, e são para uns a escada do Pantheon e para outros a via dolorosa do Calvario.

O amor, tambem; e agora noto que ainda o não dissera. Julio amou, e amou extremosamente. Aquelle coração de vinte annos, aquecido ao sancto fogo dos grandes affectos, sensivel como corda de lyra, que o vento faz soar, respirando sempre um perfume de bondade e ternura, era uma joia preciosa, que muito poucos souberam apreciar. Offereceu-o puro e immaculado a uma mulher

formosa como uma estrella — como um anjo, dizia elle, nos seus devaneios amorosos — mas que sob um rosto de anjo occultava um character falso e violento, uma indole perversa e maldicta. Ella, — a miseravel — arrancou uma a uma as folhas d'aquella rosa, aspirou-lhe os aromas, e calcou-as aos pés; e, quando só restava a haste que as sustentou, quebrou-a tambem, e atirou os fragmentos ás auras, que corriam descuidosas.

Eis ahi porque Julio, depois de muito anceiar, depois de esgotar até ás fezes o calix da amargura, com a alma e o coração dilacerados, succumbiu ao peso d'uma dor immensa. Quem o visse na ultima quadra da sua vida, com a descrença e a desesperação estampadas no rosto, vociferando contra esta sociedade mesquinha e sordida, que não respeita o que é nobre, e que despreza o que é bom, condoer-se-hia da triste sorte do mancebo que tão desgraçadamente se finava.

Coisas do mundo. Morreu de amor pela sciencia e pela mulher. Epilogo fatal do drama intimo que lá na sua alma se passou.

Agora leiam as cartas; ellas deixam transpirar o sentimento de Julio, que, na soledade da sua vida, só desabafava com o amigo estremoso, que desejava consolal-o. Debalde. Ha feridas que não têm cura; doenças que não têm remedio.

Mas quantos homens prestantes se perdem, porque a sociedade, tão depravada como egoista, os desampara?

S. ROCHA.

BREVE MEMORIA HISTORICA

DA VILLA DE GOES, NO DISTRICTO DE COIMBRA

Num leito de verdura e flores, graciosa repousa desde o principio da monarchia portugueza a villa de Goes, no districto de Coimbra, remirando-se nas aguas do seu aurifero Ceira. (1)

Como feudal castellã que podesse subsistir ainda, a antiga villa

(1) «Entre as areias, principalmente do Ceira, apparecem algumas de ouro. Não ha ainda muitos annos que entre ellas se achou um pedaço que pesou dois mil réis.»

Descripção topographico-geographico-historica de Goes, inedita, por Joaquim José Dias Corrêa, medico do partido d'aquella villa, por muitos annos, e fallecido em 1859 ou 1860.

Crê-se que na mais remota antiguidade, fóra mesmo dos tempos historicos, toda a baixa em que assenta Goes, Varzea, Bordeiro e outras terras seria como uma vasta bacia de aguas a que algum cataclismo da natureza poz termo:

«..... a corrente dos dois rios Ceira e Sotam, que confluem ao entrar no Cabril, devem ter cortado e desmoronado aquella elevada collina de granito para formar o alveo actual entre os dois rochedos. Então nessas primeiras epochas da natureza, antes do corte da collina devia a freguezia da Varzea e toda a parte plana de Goes constituir um vasto e profundo lago, ou bacia.»

Descripção, etc., por Joaquim José Dias Corrêa, *in fine*.

«Em um sitio chamado a Senhora da Candosa, ao poente da Varzea, presume-se que foi cortado um grande rochedo por onde o rio Ceira devia despenhar-se em forma de cascata. D'ahi até Goes diz-se que o rio formava uma grande lagoa abrangendo até perto de Bordeiro na distancia de mais de 5 kilometros e que esta lagôa se chamava *Lagôa de Sacon*, hoje Sacões.»

Apontamentos ineditos que nos enviou o sr. Antonio da Cunha e Frias.

«Singularmente acima de Penacova dois enormes penedos, a prumo sobre o alveo, apenas lhe deixam uma estreita passagem: a sua configuração identica, e exacta correspondencia de camadas e veios d'um e d'outro lado, faz lembrar que outr'ora formaram um todo, que uma força superior rasgou depois de alto a baixo. Ao mesmo tempo quem lançar uma alongada vista de olhos

de Goes vive do seu passado, ufana-se com elle; e, sem perder uns vislumbres de vergonha e pejo que lhe deram a beber com o leite da fidalga educação, considerando as transformações do progresso como tantos golpes vibrados contra a arca santa do passado, definha de pura ignavia; e, a fundar fabricas, desbravar montes, fazer plantações pomíferas prefere expatriar seus filhos por essa Europa e America.

Se o agudo silvo da locomotiva echoar um dia por aquellas varzeas, talvez que com elle resoem vozes de rebate de uma vida nova, para tão pobrissimas terras. (1)

Coeva da monarchia portugueza, a villa de Goes deve sua fundação a um companheiro d'armas do conde D. Henrique por nome Anião Estrada, que de Castella, Asturias ou Galliza viera para Portugal pelos annos 1095 ou 1096.

Opiniões ha tradicionaes que admittem a existencia de uma antiquissima povoação, com o mesmo nome, perto do logar em que assenta esta villa, mas na margem esquerda do Ceira, a que alli chamam hoje a *Forca*. (2)

Não cremos que seja de todo o ponto infundada esta tradição, de algum dos mais elevados cumes ahí proximos, observará uma como immensa caldeira, formada pelas serras do Bussaco, Caramulo, Estrella, Bassó, Goes, Louzã, etc., ao terminar ao poente naquellas penedias. Parece que este recinto já foi um grande lago, até que um dia o peso das aguas, ou uma revolução subterranea, rompendo a cordilheira... deixou a terra em secco...»

Padre José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvêa — *Poesias*, 1.^a edic., 1836, pag. 23 e 24.

Balbi, tom. 1.^o, pag. 139.

(1) Um dos traçados do projectado caminho de ferro da Beira, commettido ao engenheiro Pedro Ignacio Lopes, partindo de Coimbra passa na *Quinta da capella* dos Barretos, junto a Goes.

(2) É constante que esta terra existira primeiramente em a margem esquerda do Ceira, um pouco mais abaixo do logar em que hoje se acha na margem opposta, onde se têm encontrado alicerces de casas e vastos montões de pedras em não pequena extensão, e ainda agora se denomina *Goes velha*.»

Joaquim José Dias Corrêa, cit. *Descripção*.

porque sendo mui aurifero aquelle pequeno rio, e dilatada na península a occupação romana especialmente, provavel é que esses povos explorassem, ou mesmo os arabes seus successores, aquella veia tão rica e aquellas varzeas tão abundosas e ferteis. (1)

Filha d'um cavalleiro que na expulsão dos mouros relevantes serviços prestara a Portugal, esta villa não apresenta hoje vestigio algum de tão remota antiguidade.

O *Nobiliario* chamado do *Conde D. Pedro*, se mais verdade e rigor chronologico tivera, dar-nos-hia a mais antiga noticia da villa, porque diz em nota marginal a pag. 332 que D. Affonso Henriques, sendo infante ainda, conjunctamente com sua mãe, a rainha D. Theresa, doara o castello de Goes a Arnaldo Vestariz e a sua mulher Ermizenda em 1110. (2)

Mais tarde D. Affonso Henriques, doou a villa de Goes a Anião Estrada em 1170. (3)

Foram seus filhos D. João Anião, bispo de Coimbra (4), D. Mar-

(1) «... a exploração do ouro, que ainda hoje no rio apparece... tornou-se uma fonte de abundancia que chegou até á actualidade.»

Apontamentos ineditos que nos enviou o sr Antonio da Cunha e Frias.

«Nas margens tanto do rio como das ribeiras que o compõem ha fazendas e algumas muito boas e de excellente producção em milho, feijão, vinho verde e arvores.»

Joaquim José Dias Corrêa, cit. *Descripção*.

(2) «La donacion del castillo de Goes, y de Berdueiro fue hecha por la Reyna D. Theresa, y por el Rey D. Alonso Henriquez (entonces Infante) en el año despues de la resurrecion de Christo de 1143 que es del nacimiento 1110... a Analdo Vestariz y a sua muger Ermisenda...»

Nota A, *Nobiliario* cit., pag. 332.

(3) «A este Dom Anião Estrada deu el-rei D. Affonso Henriques esta terra pelos annos de 1170.»

Carvalho, *Corographia*, t. 2.º, pag. 49.

(4) «D. João Anania (26.º) Bispo de Coimbra foi filho de D. Arnaldo Trastamires, ou Trastares syncopadamente que nas nossas historias anda com o nome de D. Anião Estrada, e dizem veiu a Portugal com o conde D. Henri-

tim Anião, alcaide da mesma cidade e D. Maria Anião, mulher de Diogo Gonçalves, senhor de Goes.

Parece que d'esta familia *Vestariiz*, e mais tarde *Estrada*, procedem os *Goes* e os *Silveiras*. (1)

Vasco Pires Farinha, descendente do primeiro povoador, fundara alli um grande morgado, que, por casamento, viera aos Silveiras, condes de Sortelha e de outras terras, como adiante diremos. (2)

Abundam as doações nos livros 1.º e 2.º da Beira, feitas aos *Goes*, *Silveiras* e *Lemos* desde 1426 até 1475 e posteriores. (3)

que, e foy Rico-homem neste reyno, e senhor de Goes, e de sua mulher D. Hermisenda Martins.»

Leitão Ferreira, *Catal. dos Bispos de Coimbra*, pag. 67.

«D. João Anaya, bispo de Coimbra, morreu em Çamora. Legou o que tinha á Sé, e está nella sepultado, pegado com o arco que vae para a Claustra em um moimento pequeno todo de pedra.»

Leitão Ferreira, *Noticias ecclesiasticas do bispado de Coimbra*, Codice da Bibliotheca publica de Evora $\frac{ciii}{2-2}$ tomo 2.º

(1) Veja-se o *Nobiliario* nos Appellidos Goes, etc.

(2) Carvalho, *Chorographia*, t. 2, pag. 49.

(3) «Dm. Affonso ccc A quantos esta carta virem fazemos saber que anos disserom que o logar de gooees com todas suas pertenças pertence anos e que de direito o podemos dar quem nossa mercee for E ora querendo nos fazer graça e mercee a gomez miiz de lemos fidalguo de nossa casa por muytos seruiços que delle e de sua linhagem Recebemos E ao diante estendemos de Receber do nosso motu proprio liure vontade çerta sciencia poder absoluto se assy he como nos disserom. Teemos por bem e fazemos lhe mercee liure pura irreuogavell doaçam antre os viuos valedoura deste dia pera todo sempre psra elle e todos herdeiros sobçessorees, que depos ell veerem ao dito logar de gooees com todas suas terras Rendas jurdiçoõees herdadees pertenças que ao dito lugar pertencem E porem mandamos atodollos nossos corregedores juizees & justiças E aos outros officiaees aque esto pertencer E esta carta for mostrada que sendo fernam gomes de gooees que odito lugar possuy çitado E ouuido segundo diretamente deue saybaees desto oçerto & hy per este feito emdiante como for direyto & se achardees que assy he como

Em 1526 el-rei D. Manuel lhe deu foral, por sentença da nova Relação de Lisboa de 20 de maio d'aquelle anno. (1).

A este monarcha deve a mesma villa uma solida ponte de tres arcos que tem sobre o rio Ceira, na qual se vê ainda uma pedra com as espheras d'aquelle rei.

(*Continua*)

A. F. BARATA.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e muito agradecemos as obras seguintes:

MARIA SEVERN — romance original pela ex.^{ma} sr.^a D. *Francisca d' Assis Martinz Wood*.

A HOSTIA DE OIRO — poema heroi-comico por *J. Simões Dias*.

ALBUM DE HOMENAGENS a Luiz de Camões. Editores — *Silva e Netto*.

Maria Severn tem o raro merecimento de ser composição original d'uma senhora, a qual é já conhecida na imprensa jornalística. Se a mulher tem inquestionavelmente o primeiro lugar no lar domestico, é tambem de justiça que não tenha o ultimo nas lides intellectuaes. Reina pelo coração; não reina menos pelo espirito. Ensina-nos como mãe, ajuda-nos como esposa, deleita-nos

nos disserom & que o dito logar de gooees com todas suas pertenças anos de dereicto pertence ojugay assy per vossa sentença & fazee meter em posse delle odito gomez martiz E lhe leixaae todo teer & auer pera elle & todos seus herdeiros porquanto lhe fazemos de todo al sempre (?) mereçe & doaçam como dito he se anos de direito pertence E se apellarem da dita vossa sentença daaelhee apellaçam E agrauo nos casos que o dereito.outorga guardando-lhe sobre ello seu dereito compridamente como he ordenado dante em santaren a vinte e trees de julho antam gomçalliiz affez anno denosso Senhor ihu xpo de mill e quatrocentos e quorenta e oyto annos : .

Cartorio da *Torre do Tombo*, Livro 1.^o da Beira, pag. 200 v.^o

Para não sobrecarregar com notas este breve artigo omittimos muitas mais doações de que havemos copia.

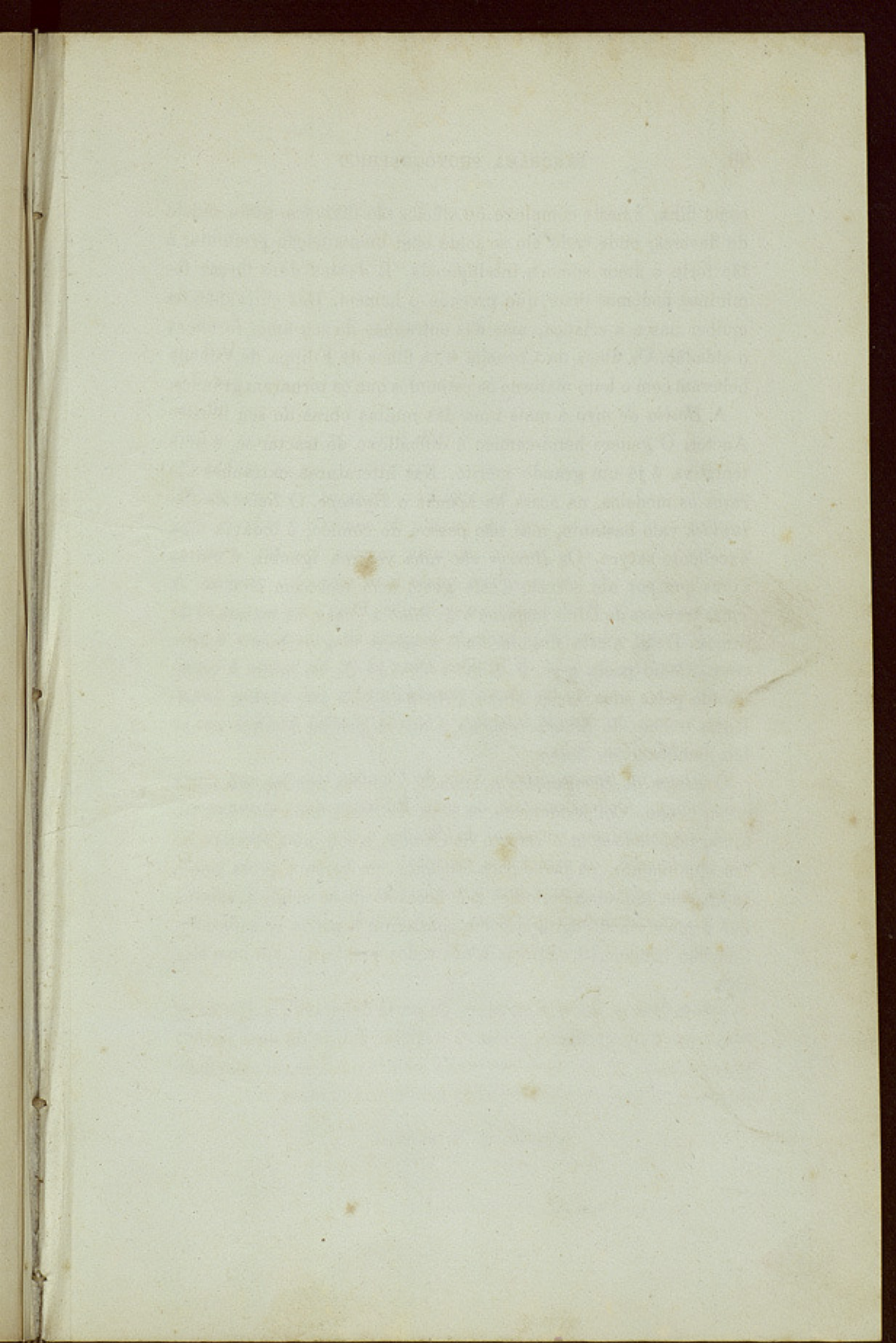
(1) Carvalho, *Chorographia*, T. 2.^o, pag. 49.

como filha, e neste complexo de officios tão diversos, nesta cadeia de deveres, onde cada elo se solda com uma afeição profunda, é tão forte o amor como a intelligencia. E d'estas duas forças femininas podemos dizer que procede o homem. Das entranhas da mulher nasce a criança, mas das entranhas do seu amor forma-se o cidadão. Os filhos de Cornelia e os filhos de Filippa de Vilhena beberam com o leite materno os estímulos que os tornaram grandes.

A *Hostia de oiro* é mais uma das muitas obras de seu illustre Auctor. O genero heroi-comico é difficillimo de tractar-se, e uma tentativa é já um grande merito. Nas litteraturas extranhas são raros os modelos, na nossa ha apenas o *Hyssope*. O *Reino da Estupidez* vale bastante, mas não passou do comico; é todavia uma excellente satyra. Os *Burros* são uma verrina ignobil, e outras obras que por ali correm d'este gosto nem merecem citar-se. A musa travessa de Diniz inspirou o sr. Simões Dias e na mesma sé do famoso Deão, e esta singularidade desperta singularmente o interesse. Como poeta o sr. J. Simões Dias já de ha muito é considerado pelas suas varias obras, principalmente por alguns excellentes trechos do *Mundo interior*, e outras poesias avulsas que se têm publicado na *Folha*.

O *Album de Homenagens* a Luiz de Camões tem no seu nome o seu elogio. Colleccionaram os seus Editores num formoso volume, adornado com o retrato de Camões e com uma estampa do seu monumento, os principaes escriptos em verso e prosa publicados pela imprensa periodica por occasião de se erigir a estatua que á memoria do egregio poeta consagrou a patria reconhecida. Com tão benemerita empresa a nós todos prestaram um bom serviço.

Maria Severn são dois volumes de prosa delectavel; a *Hostia de oiro* é um livro de amena poesia, e o *Album* consta de duas partes, prosa e verso. D'este gracioso matiz resulta um amavel ramalhete litterario, o qual recommendamos aos nossos leitores.



Photographia Academico-Coimbricense



Panorama de Portugal

Primeira Serie—N.º 7

*Não estiveram os conventos
nos 5 arcos, a contar
de Coimbra*

Conventos de Santa Clara e de S. Francisco em frente de Coimbra

CONVENTOS DE S. CLARA E S. FRANCISCO

EM FRENTE DE COIMBRA

Representa a photographia d'este numero os conventos de Sancta Clara e de S. Francisco, situados em frente da cidade de Coimbra.

Ambos em seu principio foram edificados em sitio baixo nas margens do Mondego, o primeiro do lado de cima da ponte, o segundo da parte de baixo; e ambos em virtude das alluviões do rio tiveram de ser abandonados, edificando-se outros, os que se vêem agora, no visinho monte da Esperança, fugindo os religiosos aos insultos das aguas e das areias.

Resumiremos em breves linhas a historia de cada um.

O convento de S. Francisco pertenceu aos frades da ordem serafica, e foi-lhes fundado pelo infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, pelos annos de 1247 para 1248. Não pôde o infante concluir a construcção do convento; por logo sahir do reino, e por isso encarregou sua irmã natural, D. Constança Sanches, de o levar a cabo. Fallecendo esta senhora em 1269, não logrou tambem dar o devido remate ao edificio, mas nas suas disposições testamentarias consignou algumas verbas applicadas para a conclusão da igreja.

O primitivo convento desapareceu de todo afogado nas areias do Mondego, não obstante a altura de vinte degráus em que estava sobranceiro ao rio no tempo da fundação. Pelos annos de 1506 já o edificio era de tal modo aggreddido pelas aguas, que el-rei D. Manuel houve licença do papa Julio II para mudar o convento, assim como o de S. Domingos, e os mosteiros de Sanct'Anna e de Sancta Clara, contra os quaes o Mondego havia empregado tambem a sua sanha destruidora. Os franciscanos, po-

rem, só em 1602 começaram a edificação de nova casa, que se fez com esmolos dos fieis. A trasladação dos religiosos effectuou-se com solemne pompa no dia 29 de novembro de 1609.

A fundação do mosteiro de Santa Clara é devida a D. Maior Dias, senhora nobre e virtuosa, possuidora de muitos bens. D. Maior havia tomado habito no mosteiro de S. João das Donas; mas no acto de o receber não fez profissão solemne, e declarou que, posto entrasse na clausura, poderia de futuro dispor livremente de seus bens e pessoa. Passados tempos, usando dos direitos de que fizera declaração, deliberou-se a sahir do convento das Donas para fundar o de Sancta Clara, cuja primeira pedra se lançou no dia 28 de abril de 1286.

Vendo os conegos de Sancta Cruz que D. Maior empregava seu patrimonio no novo mosteiro, e que assim ficava d'elle privado o de S. João, allegando que ella era Dona professa na sua ordem canonica, e que como tal não tinha auctoridade para mudar de estado, nem sahir da sua obediencia, nem dotar o mosteiro de Sancta Clara com as suas rendas, moveram contra D. Maior uma renhida demanda, que, durando toda a sua vida, só terminou depois do seu fallecimento a favor dos conegos, e segundo alguns auctores (*) mui injustamente.

Foi arbitro nesta questão o bispo de Lisboa, o qual, alem de outras cousas, determinou que os bens que D. Maior havia dado ao mosteiro de Sancta Clara ficassem pertencendo ao de Sancta Cruz, e que o novo mosteiro fosse supprimido, dando-se o edificio aos frades de S. Francisco e recolhendo-se as religiosas a outros conventos.

Condoida a rainha S. Izabel da triste sorte da instituição de D. Maior, deliberou-se a tomal-a sob a sua protecção, empenhando-se em que fossem restituídos ás filhas de Sancta Clara o abrigo e bens de que tão injustamente haviam sido esbulhadas. No fim de

(*) Vide *Memorias das Rainhas de Portugal*, pelo sr. Figanière.

algumas altercações com os conegos alcançou D. Izabel que se terminasse a questão, accordando elles em cederem ao convento de Sancta Clara apenas onze casaes e mais algumas propriedades dos muitos bens com que tinha sido dotado pela fundadora. A liberalidade, porem, de D. Izabel compensou a mesquinhez e injustiça dos conegos assás vantajosamente, pois não só fez ao convento mui importantes doações, mas tambem augmentou consideravelmente o mosteiro, e reedificou com sumptuosidade a sua igreja.

Continuou a Sancta Rainha a dedicar extrema affeição ao seu convento, illustrou-o com a sua assistencia nelle, e por fim ordenou que elle fosse o logar da sua sepultura.

Como ao convento de S. Francisco, tambem o Mondego foi damnoso e prejudicial ao de Sancta Clara. Já dissemos que no anno de 1506 D. Manuel alcançou licença para se fabricar novo convento noutra sitio. Isto, porem, só se realisou no tempo de el-rei D. João IV.

Escolheu-se para a nova fundação a crista do monte da Esperança. Lançou-se a sua primeira pedra no dia 3 de julho de 1649, e trasladaram-se para elle as religiosas e o corpo da Rainha Sancta com solemniissimo apparato no dia 29 de outubro de 1677.

Ao antigo convento de S. Francisco e ao de Sancta Clara estão ligados muitos factos importantes da historia portugueza, que nobilitaram os seus annaes e os tornaram muito celebres. Omittimos por não podermos dispor de grande espaço, remetendo os curiosos para o nosso *Guia do Viajante em Coimbra*, onde damos noticia mais circumstanciada d'estes edificios.

OREMOS

Silencio! dos orgãos o canto mavioso
Reboa no templo chamando á oração.
Que jubilo na alma! que fundo repouso
Tão sancto e saudoso
No meu coração!

Archanjo perdido nas urzes da vida,
Os orgãos da igreja já clamam por ti.
Entremos no templo, dos pobres guarida,
Entremos, querida,
Que o céo está ali!

A igreja nos chama com a voz argentina
Dos orgãos, dos sinos, dos céos, que sei eu?
Entremos depressa, que o altar se illumina
Da graça divina,
Baixada do céo!

A luz dos tocheiros, ondeando, rebrilha,
Os padres se prostram deante do altar,
E ao fundo dos padres o povo se humilha;
Os joelhos, ó filha,
Dobremos; a orar!

Não vês tantos filhos das lagrimas de Eva
Gemendo e chorando nos canticos seus?
Minha alma com a d'elles sublime se eleva
Rasgando na treva
Caminho até Deos!

Oremos, oremos, que Deos nos escuda;
Junctemos aos cantos do altar nossos ais;
E já que o destino dos pobres não muda,
 Que Deos nos accuda
 Nas horas finaes.

J. SIMÕES DIAS.

AS AMOREIRAS DO PROFESSOR

A Lili do Goethe

E não morria á fome!

E era professor de instrucção primaria em Portugal!

Ao entrarmos na quinta que lhe pertencia, vasta e formosa, demos com os olhos num quadro cheio de poesia: uma mulher elegante, em cujo rosto formoso, como em crystal sem jaça, transparecia a formosura da alma, acurvando-o, sustinha com uma das mãos o avental cheio de milho, que derramava com a outra sobre a terra calcada do pateo.

Rodeava-a um rebanho de gallinhas a recolherem com rapidez os grãosinhos de ouro que lhe cahiam por entre os dedos compridos, afilados e brancos de neve. Pombos, que em parte se beijavam intermeiando os beijos de arrulhos ternissimos, em parte tufavam as pennas, ou erguendo, dobrando e torcendo o collo, as afagavam e lustravam com o bico, baixavam da beira do telhado, poisavam-lhe na cabeça, nos hombros e braços, e, quebrando alli o vôo, iam depois terminal-o no chão.

D'um tanque que se via ao lado, mas a distancia, alguns marrecos acudiam ao banquete, vindo aos pares, espanejando-se alegres e a saracotear-se cheios da pressa. Ao lado e desviados os perús passeavam soberbos, arrastando o monco, expandindo e ex-

plicando o leque da cauda, e com a ponta da aza batendo a terra em signal de desprezo. Á multidão domestica misturavam-se os pardaes atrevidos, e, como ladrões, que houvessem vergonha de roubar de noite, a occultas e a medo, agora um, logo outro, erguiam-se nas rugas do terreno, empoleiravam-se nas pedrinhas, empavezavam-se e piavam, tomando um ar todo vaidoso e um tom, que se podia dizer insultante e contente.

Ao ver-nos, ella, abrindo-a, agitou em semicirculo a mão direita, soltou da esquerda o avental, e chovendo d'esta e d'aquella o resto do milho sobre os animaesinhos, que o andavam bicando irriquetos e soffregos, adiantou-se para nós.

«É um nosso amigo, e sel-o-ha do nosso Adolpho (disseram-lhe, apresentando-me, Julio e o parochó) estuda em Coimbra, veio a visitar-nos e a desenfadar-se...

— Ou a enfadar-se (interrompeu ella); mas se querem, em quanto o Adolpho está com as suas crianças, dar um passeio pela quinta...

«Com muito gosto» respondemos-lhe todos.

Quando ella entrava, guiando-nos, numa arruada, Julio cochilou-me ao ouvido: «Que tal? Gostas?»

— Muito; e quem não ha de sympathisar com esta mulher tão amiga das aves, e tão familiar com ellas? É encantadora; parece-me...

«Vamos a ver quem.»

— A Lili do Goethe.

O jardim e a livraria

— Gosta de morangos? — perguntou-me ella.

«Contentam tres sentidos; recreiam os olhos, deleitam o olfacto e agradam ao paladar.»

— Pois colha-os.

Havia-os no seu jardim; da areia que branqueava, cobrindo-o, o tracto de terra em que se elle estendia, rebentavam, como oasis,

taboleiros limitados uns por buxo, outros por margaridas, e muitos alcatifados com a verdura elegante dos morangueiros; as folhas d'estes, continuando-se, sobrepunham-se umas ás outras; as flores brancas e estrelladas resahiam d'entre ellas; e dos morangos encarnados, lindos, mais flor do que as flores, uns encostavam-lhes no centro, como em regaço, as cabeças pesadas, outros emboscavam-se, acoitando-a, onde a verdura era mais espessa. De flores que não promettessem ser fructos poucas leiras havia que se cobrissem; emmaranhavam-se e cresciam as violetas em torno do caldeirão humido e limoso excavado ao pé das lorangeiras; a distancia d'ellas levantavam-se alguns medronheiros, e entre aquellas e estes, para temperar e ao mesmo tempo relevar a côr viva dos seus fructos, passava o arremedo d'um olival. D'um tanque com sobrecêco de rosas de tocar e mosquetas cahia uma telha de agua, que, retalhando-se em fios diversos, cobrejava, agora estendida em ramos tortuosos e varios, logo reunida num sulco ou represada num concavo do terreno, levando a toda a parte a frescura.

«Foi v. ex.^a (perguntei eu, colhendo morangos) a inventora d'este systema de jardins?»

— Foi meu marido. — E accrescentou sorrindo — Mas estou tremendo pelos meus morangos, deixe-os e vamos á livraria e depois ao parque das amoreiras.—

Fomos; a livraria era uma casa que dominava o jardim, estava edificada num socalco que lhe ficava a cavalleiro, repartia-se numa varanda envidraçada e numa sala forrada de estantes.

— Aqui (disse ella, indicando a varanda) passamos, eu e o Adolpho, parte das noites de primavera e do verão; os dias feriados tambem os aqui levamos; nalguns faz-nos companhia o sr. Alberto e uma ou outra criança das mais espertas da escola e com que o Adolpho sympathisa; elle lendo, eu costurando e ás vezes ouvindo-o, vivemos contentes em sociedade com as creações de phantasias privilegiadas e forcejando por imitarmos as que mais nos agradam.

«Mas (respon-di eu, começando a ver os livros) não tenho ainda a honra de saber o nome de v. ex.^a»

«Lucilla» respondeu Alberto.

«É um lindo nome, (perguntou Julio) não é?»

«É celebre, o da irmã querida de Chateaubriand.»

— Mas o meu Chateaubriand (fallou ella, sorrindo) teimou em ser um Chateaubriand de palmatoria; a principio temia-o, porque receiava que me batesse com ella, depois porem assegurei-me de que eram outras as suas intenções, consolei-me e até gósto já das crianças.—

Os meus amigos encostaram-se á janella, eu percorria rapidamente as estantes, lendo nas lombadas os titulos dos livros.

Singular classificação!

As comedias de Aristophanes e as de Simão Machado, mysterios, entremezes, autos e magicas modernas, tudo se reunia e se embaralhava num repartimento da estante; noutro enfileiravam-se obras philosophicas da Grecia, da Allemanha e da França e encostavam se a ellas o D. Jayme, a Delfina do Mal, poemas e dramas nossos e extranhos. Escriptos de Sanctos Padres, sermoneiros antigos e modernos, Fleury e Labruyére habitavam a mesma casa. Noutra parte, sem distincção de linguas, de disciplinas, nem mesmo de volume, viam-se compendios de aulas uns sobre os outros.

Lucilla sentara-se junto d'uma meza, que ficava ao cimo da sala e seguia-me com os olhos.

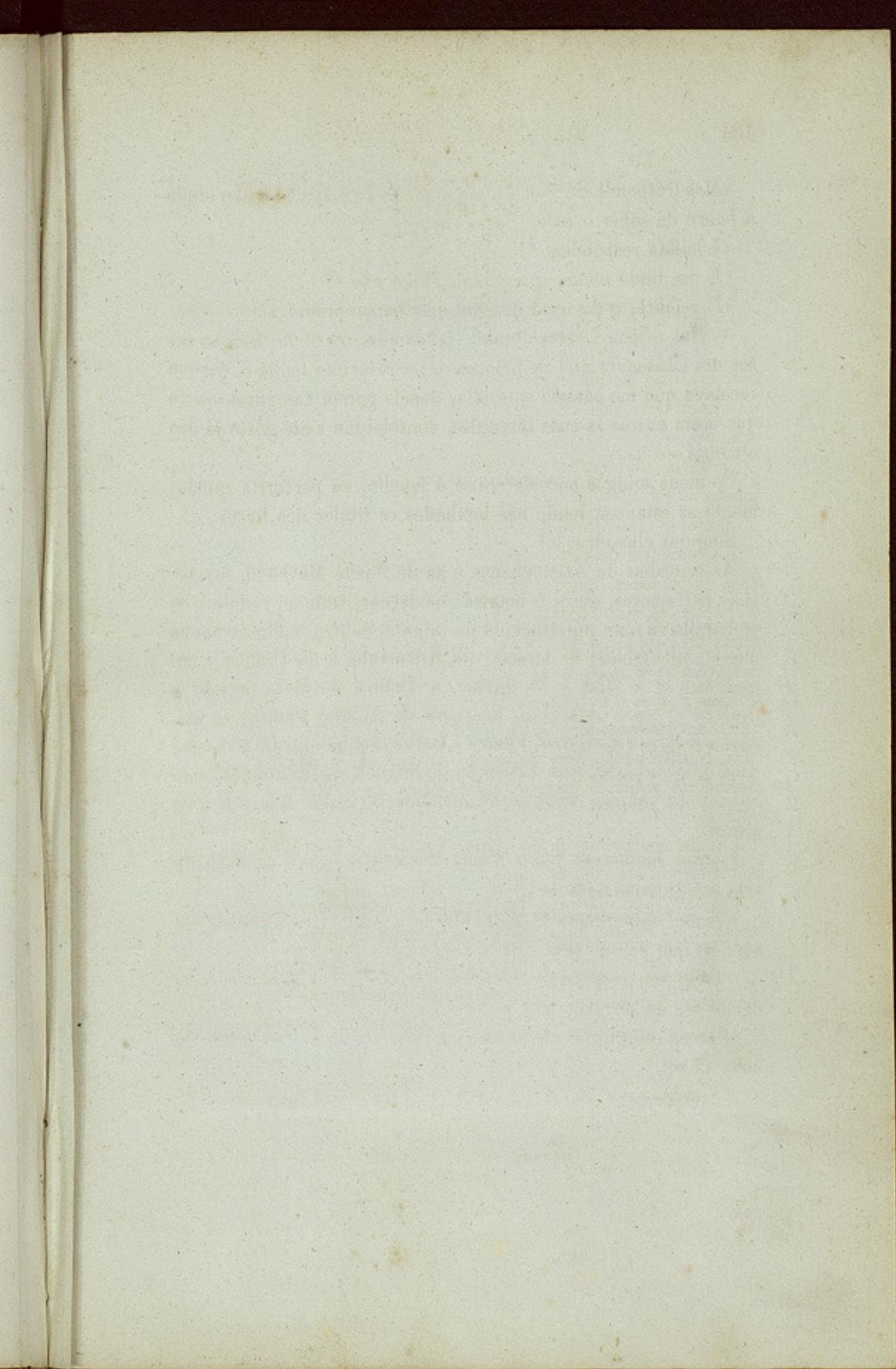
«V. ex.^a sabe dizer-me (perguntei-lhe, sem poder disfarçar um sorriso) que pensamento dispoz assim estes livros?»

— Não sei (respondeu ella corando, como se entendesse e se offendesse do sorriso), mas pedirei que lh'o digam.—

«Parece (murmurei eu comigo) a bibliotheca dos pedreiros de nova Babel!

(Continua)

J. FREDERICO LARANJO.



Photographia Academico-Conimbricense



Panorama de Portugal

Primeira Serie—N.º 8

Universidade de Coimbra

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Eis-nos em frente d'um edificio singularmente notavel. É o paço das nossas eschololas, não das eschololas de Lisboa ou do Porto, ou de qualquer outra cidade importante, mas de todo o reino, do antigo e do novo Portugal.

A Universidade de Coimbra, que antigamente era quasi que o nosso unico estabelecimento scientifico, conserva ainda hoje o primeiro logar entre os outros que a revolução liberal creou e engrandeceu. Entre os seus antigos alumnos ou professores contou ella sempre homens illustres, taes como Luiz de Camões, Gabriel Pereira de Castro, Sá de Miranda, Antonio Ferreira; depois os dois Elpinos, Durão, Mello Freyre, Brotero, José Anastacio, S. Luiz, Sacra-Familia, Garrett, Castilhos, Coelho da Rocha, e outros muitos. Os partidos politicos deveram-lhe e devem-lhe ainda hoje alguns dos seus principaes caudilhos e ornamentos; J. A. d'Aguiar e F. A. Lobo, Antonio Ribeiro Saraiva, Bruschy, Gomes d'Abreu, José Estevão e os dois Passos honram este alcaçar das letras. A litteratura contemporanea recebeu d'aqui muitos dos seus melhores florões; João de Lemos, Soares de Passos, João de Deus, João Penha, e outros que continuam as tradições gloriosas da nossa historia litteraria, receberam das auras do Mondego as inspirações das suas musas.

Bem conhecido é o que de Coimbra e de sua Universidade escreveu o distincto humanista e infeliz patriota Frei Heitor Pinto. Diz elle na sua obra dos *Dialogos*: «E assim como quem edifica em terra alheia, por mais que faça, sempre fica devendo o foro ao senhorio de cuja mão tem a terra, assim por mais que os moradores de Lisboa, Evora, Santarem e d'outras cidades e villas

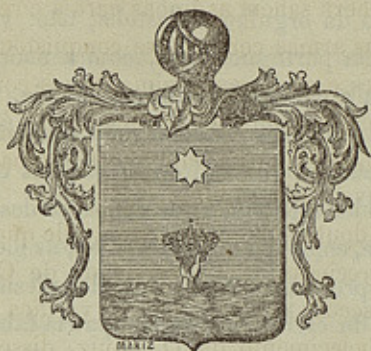
nobres d'este reino edifiquem, sempre ficam devendo o foro a esta tão antiga como excellente cidade de Coimbra... E assim como do centro da esphera sahem as linhas para a circumferencia, assim d'aqui sahiram as armas com que se conquistou o reino, e d'aqui sahem as virtudes e as letras, assim divinas como humanas, com que elle é ornado e ennobrecido. E finalmente é esta cidade como alma d'este reino, coroada e sempre leal, e uma formosa imagem em que todas devem pôr os olhos.»

Tinha razão o douto monge jeronymo, elle que foi tambem uma das joias mais preciosas da Universidade de Coimbra. E o que elle escreveu no seculo XVI ainda hoje se verifica em grande parte.

O antigo estabelecimento de D. Diniz, disse alguém ha bem poucos annos, é como a cidade da sua séde — nunca envelhece. Remoça constante numa juventude perpetua; impregna-se d'aquella florescente mocidade de seus filhos, que são os filhos de todo o Portugal, que para aqui faz convergir de todos os pontos o mimo das suas povoações. Por isso esta terra é como espelho de todas as outras, centro de muitas attensões, alvo de innumeradas esperanças, onde os paes concentram futuros auspiciosos, e as mães as suas longas saudades. ✓

Seriam precisas largas paginas para tractar do mais importante edificio da nossa Instrucção publica; não o permite o acanhado ambito de que dispomos, mas a nossa photographia dispensa tudo. Quem ha ahi em qualquer ponto do reino que não conheça a Universidade?... e quantos, pondo nella os olhos, não sentirão pulsar-lhes o coração no peito com entranhadas e affectuosissimas saudades dos tempos em que a frequentaram?... Edificios taes não carecem de descripção, porque todos os conhecem; não precisam historia, porque estão identificados com a historia intima e familiar de todo o reino.

A. A. DA FONSECA PINTO.



O BRAZÃO DO APPELLIDO DE CACHEIRO

Este sempre as soberbas castelhanas
 Co'o peito desprezou firme e sereno,
 Porque não é das forças lusitanas
 Temer poder maior, por mais pequeno.

.....
 CANÇÕES, Cant. III, Est. xcix.

Tem por armas em campo azul pé de agua, d'esta, sabindo a mão, que segura
 uma coroa real de ouro, em chefe estrella de prata de oito raios. Elmo de
 prata aberto e guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas.

I

É pequeno este brazão; mas, no seu todo, paginas de historia
 contém, que nos mostram fidelidade, amor da patria, honra e brios
 de um homem, votado á independencia da terra que o viu nascer,
 e que hoje, mau grado ás ideas da epocha, bem pode ser tomado
 como exemplo a muitos, que tão pouco timbram de verdadeiros
 portuguezes.

Não se vêem em seu campo brilhar os Lizes de França, a Aguia

bipartida dos imperadores, o Leopardo da soberba Albion, nem tão pouco o Leão da orgulhosa Castella; não: vê-se a mão vigorosa e forte de um portuguez, que, com a maior abnegação, fez por alcançar para a patria a sua independencia, para um principe o throno dos seus maiores. Vê-se a mão que não se estendeu a Christovão de Moura, e que retirou de si essas cedulas, que compraram tanto traidor á patria, e que depois se descontentaram com o novo rei; porque, como diz um historiador, as mercês foram muito menos do que as promessas, ainda áquelles mesmos, que vencidos d'ellas quizeram da escravidão da sua patria fabricar a esperança vã de suas melhoras, tão vãs, que, não chegando a ver das melhoras mais do que as promessas, com infaustos fins acabaram todos a vida, da sua propria infamia castigados.

Este brazão, em tudo portuguez, é um episodio da vida d'esse infeliz e pouco duradouro reinado do filho do Duque de Béja, e que bem merecia nelle continuasse a nobre dynastia portugueza.

II

Os campos de Alcacer Quibir acabavam de sepultar um rei, e com elle a flor da nobreza de uma nação de heroes (1578). A occupar o throno, ainda coberto de negro crepe, sobe o velho cardeal, cuja idade e molestias mal podiam sustentar o peso de uma coroa, e que morreu deixando o reino cheio de ambiciosos pretendentes, que todos queriam ter o primeiro direito, sem que tivesse coragem, como o senhor D. João II, para nomear quem lhe deveria succeder. Ou, o que mais verdadeiro é, Christovão de Moura, já desde muito vendido a Philippe de Hespanha, tinha tudo aparelhado para que este succedesse no reino, porque de todos os pretendentes era de quem esperava mais conveniencia.

Morreram o reino e o rei onde tinham nascido, o reino em Henrique, e o rei em Almeirim: e, coincidencia notavel, — em 1112 fundou a monarchia um forte Henrique, — em 1512 um fraco Hen-

rique, cavando a sua ruina durante o seu curto reinado, a sepulta no abysmo.

Foi difficil aos governadores poder conter a onda popular; esta nunca esquece as suas antigas tradições. Foi ella que no campo de Ourique, desembainhando a valente espada, e ainda quente do sangue mauritano, ao grito de — *somos livres, e o nosso rei tambem é livre* — collocou a coroa na cabeça do primeiro Affonso: em Aljubarrota egual grito se fez ouvir com o primeiro João.

Com a morte de Henrique a nobre e sempre memoravel villa de Santarem acclama rei de Portugal a D. Antonio. É a onda popular que põe nelle os olhos como o unico principe capaz de defender a liberdade e independencia do reino: é o povo que lança de si as algemas, com que lhe pretende roxear os pulsos Christovão de Moura: é a *canalha*, como diz um historiador, que, vendido a Castella, até de escrever na sua propria lingua se envergonhou, que em Setubal fez sahir pela janella os governadores, que medrosos só pararam em Ayamonte.

Infeliz, e bem infeliz foi D. Antonio, que por toda a parte só encontrou traidores! Dos portuguezes já degenerados da nobre e valorosa raça dos de Aljubarrota, só quatro mil lhe foram fieis; mas fizeram parar vinte mil na ponte de Alcantara, que eram commandados pelo maior cabo de guerra da Hespanha — Sancho de Avila.

Quatro mil, e a maior parte d'elles, *sem armas, e os que as tinham, pouco conhecimento tinham d'ellas*, continúa o mesmo historiador, que de portuguez só tinha o nome, chegaram de noite até ás margens do Lima.

III

Thomé Cacheiro, homem fidelissimo e animoso, aproxima-se de D. Antonio, e lhe diz: — é necessario, Senhor, que hoje não pernoiteis aqui. — Conheço a vossa muita fidelidade, Thomé Cacheiro, lhe respondeu D. Antonio; mas não vejo meio de poder

passar este rio; pois, como vêdes, toda esta margem está despida de barcos. Ao que respondeu o nobre portuguez, e talvez o unico amigo do infeliz principe: — Sou eu que terei a honra de vos passar, Senhor; confiae em mim.

Thomé Cacheiro, cortando as ondas, e nadando com D. Antonio sobre os hombros, a salvo o pñe do lado de Vianna.

A noite estava serena e pura, e só alumiada foi por uma chamma ou estrella de extrordinaria grandeza, que repentinamente cruzou o espaço.

IV

O rio Lethes, que foi chamado do esquecimento, deu passagem a D. Antonio para França: o seu pequeno exercito teve a sorte dos Turdulos e Celtas, que esquecidos ficaram por esta ribeira; não quizeram fazer o que mais tarde, no dominio romano, practicou Junio Bruto, que, receiosos os soldados de passarem estas aguas, arrancou das mãos do alferes a bandeira, e atravessou para a opposta margem; facto que obrigou o seu exercito a fazer o mesmo, pois tinham receio de que com esta passagem se esquecessem de Roma, sua patria.

A Paris, acompanhado de poucos fidelissimos portuguezes, chega D. Antonio, e requerendo elle mesmo soccorro a Henrique III, não foi mais feliz. Fugitivo e peregrinante, morreu longe da patria e com a patria.

Mas antes que findos fossem seus dias, quiz o infeliz principe levantar um padrão de eterna gloria, que para sempre memorasse a acção mui nobre, de fidelidade, practicada por Thomé Cacheiro: mandou que se lhe passasse alvará de brazão de armas, que em tudo mostrasse o corajoso feito de valor que teve logar na ribeira do Lethes — no seu Portugal.

Cobriu o campo do brazão com o azul do firmamento, pois que foi no escuro da noite que esta brilhante acção foi practicada: a

ribeira, no pé do escudo; branda e descuidosa como corre — parece que se arrepende

De levar agua doce ao mar salgado,

como bem sentiu Bernardes na sua Egloga xv: a nascer das mansas aguas vê-se *a mão* do nobre cavalleiro, que segura com firmeza *a coroa real*, de oiro, e tão cioso a leva, que parece que, nem de leve, consente que as aguas lhe toquem: tal é o precioso thesoiro que furta a Sancho de Avila, que grande premio receberia de seu amo se lh'o entregasse: em chefe vê-se *a estrella* luminosa que foi testemunha da acção do vassallo fiel, do portuguez que não duvidou expor a sua vida, para salvar a ultima vergontea d'essa mui fertil arvore emmanuelina, que, ainda que bastarda, era implantada no solo portuguez, e portugueza a dynastia que d'ella brotasse.

Bem combinado assim o brazão, que em tudo respirasse zelo e lealdade, foi elegantemente escripto pelo secretario Diogo Botelho, rubricado por D. Francisco, Conde de Vimioso, e assignado pelo proprio punho de D. Antonio, prior do Crato.

Thomé Cacheiro muito honrado foi com este alvará de brazão, que recebeu em Paris; e a historia, mencionando o honroso facto que obrou, mais nada d'elle nos falla, nenhuma luz sobre a sua ascendencia e descendencia temos. É que Thomé Cacheiro, a nosso ver, não pertencia á essa raça de privilegiados, que ainda alem da campa as trombetas da fama apregoam pelas suas acções, e muitas vezes bem mal cabidas.

Ao soldado fiel não podia o historiador negar-lhe o facto heroico, que corajosamente lhe fez jogar a vida; mas provavelmente era sahido da — *canalha*; e este facto era bastante para não mais se fallar d'elle.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

BIBLIOGRAPHIA

Agradecemos muito as novas publicações que nos remetteram. São as seguintes:

TASSO — poema dramatico, baseado em factos do seculo XVI, por *Candido de Figueiredo*.

O ANJO DO PUDOR — poema por *Sousa Viterbo*.

Pesa-nos que seja pequeno o espaço para fallarmos d'estes dois livros, que revelam dois dos melhores talentos litterarios da nossa epocha. Quando dois mancebos apresentam nas mãos dos leitores primicias que parecem já fructos sazoados, devemos congratular-nos pelo futuro da litteratura. E não adulamos, porque não duvidámos nunca dizer o que entendemos nestes assumptos, embora tenhamos desagradado por vezes pela nossa franqueza.

Candido de Figueiredo é um poeta infatigavel; em quasi todos os jornaes e por toda a parte apparecem produções suas, e a sua musa é sempre feliz. Não ha poesia em que não revele inspiração e mostre uma metrificacão singela, natural, e por isso mesmo sympathica. Os raros ocios que lhe sobram das lides academicas enriquece-os com opulencia. E aos *Quadros Cambiantes*, e ao *Anjo Martyr*, e a innumeradas poesias publicadas na *Folha*, no *Tribuno Popular*, no *Recreio Litterario*, no *Diario de Noticias* e noutros jornaes accresce agora o TASSO, poema dramatico. Não gostamos muito do genero, talvez pela extranheza de não ter sido ainda usado entre nós; mas o joven poeta escuda-se com o exemplo de Edgard Quinet, e precede a sua obra d'um excellente prologo, introito maravilhoso de tão amavel poema.

Sousa Viterbo canta o pudor, a caracteristica dos anjos, e a sua poesia é evidentemente angelica e por vezes sublime. O Epilogo é um trecho de lyrismo notavel, cuja superioridade não pode ser contestada.

Saudamos muito affectuosamente os dois poetas, que são já ornamentos das nossas letras.

REPUBLIC OF THE UNITED STATES

OF AMERICA

FROM THE FIRST SETTLEMENTS TO THE PRESENT

BY

W. H. RAY

NEW YORK

1875

THE HISTORY OF THE

REPUBLIC OF THE UNITED STATES

OF AMERICA

FROM THE FIRST SETTLEMENTS TO THE PRESENT

BY

W. H. RAY

NEW YORK

1875



Panorama de Portugal

Primeira Serie—N.º 9

PORTA DA CAPELLA DA UNIVERSIDADE

PORTA DA CAPELLA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A porta que a photographia representa e as janellas proximas são os vestigios mais notaveis que restam da reedificação dos antigos paços das Alcaçovas, em Coimbra, por el-rei D. Manuel. Os emblemas, as voltas polycentricas, os cordões torcidos e entrelaçados, os ornatos floridos e de bom desenho, denunciam logo, á primeira vista, essa architectura elegante e graciosa, esse estylo grande e opulento como a epocha memoravel que representa.

Um accrescentamento de mau gosto faz acanhada e desaprazivel a forma esbelta e correcta da porta.

É a columna romana da ordem corinthia, como nunca se usou em nenhum dos periodos da architectura ogival, que divide ao meio o vão da porta que deveria ser unico e indiviso, á semelhança das outras da mesma epocha e do mesmo estylo, que se conservam ainda numerosas, não só em Coimbra, mas em outras cidades.


Já por vezes censurámos deturpações e attentados d'este genero commettidos pelos Cabidos, dispostos quasi sempre a estragar as obras sumptuosas dos tempos que foram. A Universidade, porem, a primeira corporação scientifica do paiz, de modo nenhum deveria permittir tal vandalismo, ou consentil-o depois de practicado. É possivel que o estado das voltas da porta ou da parede superior exija aquella segurança. Mas pode tambem ser que alli se pozesse a columna só como simples ornato. Qualquer architecto resolverá facilmente a duvida.

No primeiro caso importa substituir a columna corinthia por

outra de estylo manuelino, que entre naturalmente e não forçada no desenho geral da porta. No segundo caso convem desobstruil-a deixando-a em toda a sua pureza e elegancia primitivas.

Não nos fallece a esperança de que a Universidade attenda as nossas racionalissimas indicações. Não ha muito tempo que de um Cabido obtivemos restituição de maior tomo.

A. FILIPPE SIMÕES.



MODAS PORTUGUEZAS EM 1381

A 17 de outubro da era de 1417, correspondente ao anno de Christo de 1381, o juiz Vasco Gil e os vereadores da cidade de Evora mandaram chamar João Salvado, alfaiate, homem bom e antigo, que não usava já do mister, «pera saberem per ell e sserem certos daquello que cõ Razom aguysada os alfayates mereciam em os vestires que fezessem.» Mandaram chamar tambem Martim Anes e Martim Esteves, alfaiates veadores dos da cidade. E estando todos presentes e sendo dado juramento aos Evangelhos ao dito João Salvado para que dissesse a verdade, declarou este que avaliava o trabalho de coser um pelote e seu forramento (forro) em 10 soldos.

O pellote era uma veste antiga que se usava já em 1314 e ainda nos fins do seculo XVI. Havia pellote de homem e pellote de mulher. Servia para trajar por debaixo de capa ou opa e por isso se dizia *andar em pellote*, como hoje *andar em corpo*.

Cada soldo valia real e meio, pouco mais ou menos. Um alfaiate pagava-se, por tanto, com 15 réis de um trabalho por que qualquer remendão levaria hoje 100 vezes mais, e um alfaiate francez ou afrancezado quasi 1:000 vezes mais. Mas nesses tempos

felizes quando um tabellião sahia fóra da cidade tinha 4 soldos por legua, 2 de ida e 2 de volta, dando-lhe besta. Pela carta que lavrasse podia receber 2 ou 4 soldos. Ganhava, portanto, num dia 6 ou 8 soldos, isto é, 9 ou 12 réis, ou muito menos da centesima parte do que hoje receberia em caso semelhante.

O mesmo João Salvado avaliou um pellote de mulher honrada, bem feito e de bom panno, até 80 nesgas, forrado e em arcado com adubos e fralda em 15 soldos.

Antigamente as mulheres honestas, ou como taes reputadas, tinham grande empenho em que as não confundissem com as de má vida. Assim apparece com frequencia esta distincção nos trajos femininos.

Nas côrtes de Evora de 1481 requereram os povos que as rameiras não usassem de mantilhas, que andassem em corpo, com veus acafroados e sem chapins para que fossem differençadas das mulheres honestas.

E pois que o pellote podia ter até 80 nesgas ou tiras, bem se vê que não se acabaria com grande brevidade, o que está conforme com a declaração accrescentada por João Salvado de que o fariam em tres dias e «por moor avondamento» em 4.

Usavam-se, pois, ha 500 annos pellotes em-arcados, e tambem saias em-arcadas, como adiante veremos. As *crinolines* ou *saias-ballões*, que ha 15 annos pareceram uma novidade, não foram mais que a restauração de uma antigualha. *Nihil sub sole novum!*

Chamavam-se *adubos* as guarnições das roupas e vestidos. As fraldas eram as partes das camisas ou das roupas talaes da cinta para baixo. D'onde se depreheende que tambem havia pellotes curtos. Com effeito, o alfaiate avaliou o feitio dos pellotes, sem fralda e sem adubos, em 10 soldos.

Avaliou mais um mantão de mulher honrada com sua fita pela dianteira e com trena em 9 soldos, sem trena em 4 soldos, e sem fita em 3 soldos.

A palavra *mantão* significava capote ou manto grande. Num

regimento dos alfaiates de Evora, pouco posterior áquelle d'onde extrahimos as noticias que vamos commentando, acham-se as seguintes phrases: *mantão de cavalgar de mulher, mantões dobrados sem capeiretes, mantões dobrados de mercadores cidadãos com seus capeiretes, aljuba real de fralda com mantão, aljuba de mulheres de mercadores com mantão.*

Por alvará de 12 de julho de 1493, mandou el-rei D. João II dar um mantão, pellote e calças de menym, jubão de setim e um barrete ao dr. Cataldo Siculo, o grande latinista, mestre de el-rei D. Manuel.

Mestre João Salvado avaliou uma saia de mulher honrada, forrada e de 40 até 60 nexas, abotoada, com presas e com espigas pelas mangas e com trenas pelo cabeção em 30 soldos.

Presas, talvez o mesmo que presilha ou alamar, *espiga e trena* serviam para ornar os vestidos das mulheres, a quem, em todos os tempos, agradaram, por agradarem tambem aos homens, estes enfeites miudos e vistosos.

A trena era feita de fio de seda, oiro ou prata; de todos, ou de alguns ou de um só d'estes materiaes.

Custava menos o trabalho de uma saia franzida com espigas e presas, forrada e em-arcada, pois pareceu que se faria em dia e meio, e que ficaria bem paga com 13 soldos.

Declarou, finalmente, o ex-alfaiate de Evora que um *guarda-vento* de panno de 60 até 80 nexas, forrado e arcado, levaria dois dias a fazer, e sendo abotoado e com refego, tres dias, e com trenas quatro dias, avaliando este trabalho em 10 soldos.

Como chegasse a este ponto, deu por terminada a sua missão mestre João Salvado, pois advertiu *que os mesteiraaes que hora as gentes husauão os ñ fezera e que ñ podia saber o que em elles merecião.* Por isso, o juiz e vereadores deram juramento dos Evangelhos aos ditos Martim Annes e Martim Esteves para que dissesse a verdade, e: *se era iguall rrazom auer o mesteirall pello dia noue soldos.*

Ao que tudo responderam affirmativamente, e perguntados em quantos dias coseriam um tabardo de bom panno de 32 nesgas, *segundo sse hora husa* com seu capeirote abotoado, responderam que em tres dias, e se fosse de 20 até 24 nesgas que em dois dias com seu capeirote e mandaram que houvessem 18 soldos.

Tabardo ou *tabarro* significava, segundo Moraes, uma capa, casação ou capote com capuz e mangas. Que era veste exterior prova-se pelo alvará de 3 de julho de 1493, em que D. João II mandou dar a D. Jorge, seu pagem, um tabardo, um pellote, umas calças de lilla, um jubão de velludo negro dobrado e um barrete. Andava-lhe adjuncto o *capeirete* ou *capirote* ou *capeirote*, capa pequena, como se collige não sómente do nosso documento, senão tambem do de S. Thiago de Coimbra de 1278, citado por Viterbo, e no qual se lê: *este meu tabardo e capeirete*.

Disseram mais que uma opa de bom panno, comprida, de 32 nesgas, como o tabardo, ou de 20 até 24, levaria um dia; e mandaram que houvessem 13 soldos e meio, e sendo de 20 nesgas a *fundo* levaria um dia e custaria 9 soldos. Por uma saia vilãa comprida, forrada e abotoada por diante, que levaria 3 dias, mandaram que houvessem 27 soldos, e, não sendo forrada, dezoito soldos, por se fazer em dois dias. Por mantelotes redondos pequenos, que se faziam dois em cada dia, mandaram que houvessem 4 soldos de cada um. Se, porem, o mantelote redondo fosse comprido, levaria um dia, e custaria 9 soldos. Por uma pelle, *segundo se hora huza*, de bom panno e bem feita, comprida, que houvessem 9 soldos, por levar um dia com madrugada.

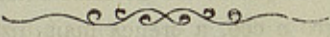
Declararam, emfim, os alfaiates que havendo maior trabalho nos pellotes, houvessem 10 soldos ao dia, e que nas outras coisas não punham almotacaria; que levassem por ellas quanto os vereadores mandassem. E que o alfaiate que as não levasse aos vereadores ou a algum d'elles para as avaliar, ou pedisse mais do que o determinado, pagasse de multa pela primeira vez 60 soldos, 70 pela segunda, e pela terceira outros 70, pagando-os da cadeia.

Por ultimo disseram ainda que um fertante de bom panno com seu capeirete levaria um dia com sua madrugada, e custaria 13 soldos.

O que seria este *fertante* não o sabemos nós, que não o achámos ainda mencionado noutra parte.

O documento de que nos servimos para esta noticia, vem a fol. 25 do livro das posturas antigas do archivo municipal de Evora, d'onde foi copiado pelo nosso amigo Telles de Mattos, diligente investigador de memorias antigas.

A. FILIPPE SIMÕES.



SONETOS

Ao meu amigo A. de Macedo

Em que hei de eu crer? Se vejo desabando,
Como ruinas, as crenças do passado,
E entre o cháos não vejo de que lado
A verdade nos venha despontando;

Se o homem segue, oppresso e miserando,
Seu caminho de lagrimas regado;
E, quando os olhos volve contristado,
Não vê sequer o céo piedoso e brando;

Se nelle tudo agora é morto e gasto:
— Alento, fé, virtude, amor e gloria;
E é seu peito um sepulchro horrente e vasto;

Se tudo passa em optica illusoria, (*)
Sem que deixe de si nem tenue rasto,
Em que se firma a crença transitoria?...

(*) Espronceda.

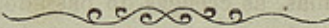
Dizei-me vós, intrepidos videntes
Que perscrutae as sombras do futuro,
Se o vedes menos triste e menos duro,
Se nelle brilham dias mais ridentes?

Accendei bem o lume em vossas mentes,
Porque seja o porvir menos escuro;
Mostrae-me vós a fé, que em vão procuro
Achal-a em nossos cerebros doentes!

A razão, a razão! Luz oscillante,
Fanal que torna as trevas mais intensas,
Mais negro o céo, a crença mais distante!

Tu, homem, tu meditas e tu pensas...
Orgulho vão! Caminhas mais errante,
Envolto sempre em duvidas mais densas!

LUIZ CARLOS.



BIBLIOGRAPHIA

Recebemos mais as duas obras seguintes, que muito agradecemos:
Os REPROBOS por *Adriano Anthero de Sousa Pinto*.

SELECTA DA INFANCIA, coordenada por *Antonio Maria Seabra d'Albuquerque*.

O sr. Adriano Anthero estreiou-se litterariamente no *Trabalho* e nos *Reprobos*, no primeiro como prosador, no segundo como poeta; e em ambas as estreias ostentou os dotes de bom escriptor. E alem de bom escriptor revela tambem um excellente coração; os seus escriptos politicos e sociaes dimanam d'um nobre character, a penna que escreveu os seus versos impregnou-se do *arfar d'intima lyra*, toda ella mimo, delicadeza e suavidade.

Ha poucos annos os poetas academicos fundavam pequenos jorna-
linhos, onde publicavam as suas primicias litterarias; hoje avançam

a mais — dão-nos livros! Escreviamos hontem do *Tasso*, hoje fallamos dos *Reprobos!* «Hoje effectivamente, diz o sr. Adriano Anthero no seu prologo, mudaram-se as circumstancias. O character moral, que no meu entender mais distingue a actual humanidade, é esta aspiração de gigante com que ella se afoita no caminho do progresso. Como o Prometheu da fabula, não ha barreiras que a contemham; ergue-se incessante como a vaga, referve de continuo como a espuma, e arroja de todos os lados, como a cratera, a lava ardentissima da sua aspiração infinita.» Não podiamos de certo dar melhor e mais eloquente explicação d'este facto de progresso e adiantamento academico. O poema é dedicado ao sr. Luiz Carlos, outro poeta que a um raro merecimento reúne uma modestia ainda mais rara.

A *Selecta da Infancia* é um pequeno livro de 152 paginas mas de farta leitura, destinado ás escholas primarias. Com este intuito colleccionou accuradamente o sr. Seabra d'Albuquerque muitos e variados trechos, em prosa e verso, conducentes, como elle mesmo diz, a um util entretenimento das crianças.

É um verdadeiro mimo da infancia, que tende a despertar nos animos juvenis os mais sanctos sentimentos de amor da patria e da religião.

Como não será excellente para a puericia um livro, que remata com este formosissimo pensamento de Gomes de Amorim —

..... a desventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura,
A pode prever tambem...?!

A *Selecta da infancia* tem uma circumstancia que talvez seja accidental; abre a serie das suas estampas com as Armas reaes portuguezas e fecha-a com as Armas imperiaes brazileiras. A estas duas nações é destinado tão util livrinho, que contém extractos das duas litteraturas. Felicítamos o auctor pelo seu bom trabalho, e desejamos-lhe muitas e variadas edições.

COIMBRA

O riso é o verbo da formosura, e Coimbra é a cidade que ri.
E' a Meca da intelligencia; tendes diante a imagem d'ella,
descobri-vos.

Esplendida de talento e exuberando esperanças, vem aqui em
romaria, e romaria de annos, para se ficar amando e ser fructi-
fera a romagem, a flor da mocidade portugueza.

Porque é a mais gloriosa, é Coimbra a mais bem fadada das
nossas cidades. Ter gloria é habitar muitos espiritos, viver em
muitas vidas; e a cidade que devaneiam de dia e com que sonham
de noite milhares de almas gentis, corações de mães e de aman-
tes, é Coimbra.

Na mão de todos os talentos, a descripção de Coimbra é um
conto de fadas; parece que a escrevem com uma varinha de condão;
em se escrevendo da mais antiga e tradicional das nossas terras,
o anjo da poesia roreja sobre o papel a doçura dos poemas in-
dianos, em que cada palavra é a essencia d'um perfume.

Lua e sol são duas rodas,
Uma d'oiro outra de prata,

escreveu um poeta na oração d'uma criança. Este sol, que é uma
roda d'oiro, esta lua, que é uma roda de prata, não é o sol de
Coimbra, não é a lua de Coimbra, são os astros formosissimos
da infancia; mas o astro do dia de Coimbra, a sua lampada da
noite, são ainda mais formosos.

Quando se começou a criação, não havia sol, mas havia dia;
a luz vinha dos olhos dos anjos, que circulando o globo, e pas-
mando, o viam surgir. Como no começo da criação, aqui ha dia,
mas não é o sol que o produz; quando amanhece, cheios de espe-
ranças e saudades, os vossos olhos, mães, irmãs e amantes, vol-
vem-se para aqui, e alvorece-nos.

Saudades, amores e esperanças, eis a trilogia do coração, as tres cidras do amor, as tres provincias em que se reparte o seu reino; e em Coimbra ha o *Penedo da Saudade*, a *Fonte dos Amores* e um templo de esperanças.

Tendes saudades, ou quereis tel-as? Quereis ver o paraizo que vos fica atrás ou a distancia?

E' crepusculo ou começo da noite, sentae-vos no *Penedo da Saudade*, embalae a alma nos sons indefinidos que vêm da terra, nas harmonias vagas que descem do céo, deixae que tudo se vos acurve ao espirito, como um barquinho, e encontrareis vogando no ar a alma que é yossa irmã.

Quereis ter amor? Sentae-vos á sombra dos cedros a que deram nome os de D. Ignez; a agua conta-os, a agua alegra-se dizendo:

Colhei, colhei alegres,
 Donzellas minhas, mil cheirosas flores,
 Tecei frescas capellas
 De lyrios e de rosas; coroi todas
 As douradas cabeças.
 Espirem suaves cheiros
 De que se encha este ar todo.
 Soem doces tangeres, doces cantos.
 Honrae o claro dia,
 Meu dia tão ditoso! a minha gloria,
 Com brandas liras, com suaves vozes.

A agoa alvoroça-se perguntando:

E' morto o meu senhor? O meu infante?

Enternece-se repetindo:

Já morreu D. Ignez, matou-a amor;
 Amor cruell se tu tiveras olhos,
 Tambem morreras logo.

A fonte chama-se tambem *Fonte das Lagrimas*; as pedras por que a agoa corre estão ainda tinctas do sangue da triste; mas são bellas estas lagrimas; não assusta, reverencia-se este sangue

a ultima gotta do vosso, não a darieis vós, mulheres, pela fama que doira o nome de D. Ignez?

Da *Fonte das Lagrimas* vamos a um solar de esperanças.

Risonha é a quadra da vida em que o destino do homem é remado pela phantasia e pelo coração, os loucos da casa, mas loucos com azas côr de rosa, e que tingem d'ella a atmosphaera em que se engolpham; e é para os que estão 'neste cyclo que a Universidade é moradia.

Que pequenos successos, leitora! mas como a imaginação os avulta! Duas palavras mal ligadas, uma falta de memoria, são a perda d'uma batalha; o discurso sensato ou arrojado de meia hora um triumpho que não se trocara pelo da Prussia; sobre um dicto sentencioso, sobre uma definição rigorosa, sobre uma theoria que revela ingenho, que castellos no ar se não levantam! que futuros se não edificam! Lembra Bernardin de S. Pierre com o mundo dos insectos microscopicos na folha d'um morangueiro.

D'uma vida que se vive na folha d'um morangueiro são com effeito os receios e os prazeres, os prazeres mormente, da que se aqui leva.

Sabeis, durante os dias lectivos, qual o eden que se vê em sonhos? Um feriado.

— Já veio?

«Oh! se chovesse a cantaros!

— Antes uma boa trovoadá.

«Uma dor de cabeça não era mais decisiva?

Brandos de coração, ao menos em palavras, sacrificamos tudo a esta imagem risonha; para nós o peor governo não é o mais inepto e o mais immoral, é o que permite menos feriados, e, pelo muito apreço em que os temos, ha governos que se dão ares de justiceiros e economicos riscando um ou outro do annuario da Universidade. E aos golpes da penna d'um ministro assim desaba muitas vezes uma instituição sacrosancta!

Saiba a leitora que a vingamos; fazemos uma *bernarda* e um

boneco; o boneco é o ministro que tirou o feriado. Grita-se—morra—, e queima-se, e dissipam-se e alam-se no fumo as espumas da nossa indignação. E' uma scena das Viagens de Gulliver.

As arvores aqui têm nomes que não têm 'noutra parte; o tulipeiro da Virginia, chama-se—a arvore do ponto—; cada uma das folhas das suas campanulas amarellas é a aza d'um anjo mensageiro da felicidade—o termo das aulas.

O termo das aulas! Uma noite o passageiro que está de visita em Coimbra alvoroça-se ao estrondo repentino que se levanta nas ruas. Rue a cidade? Revoltam-se os habitantes? Tomam-se as malas, prepara-se a fuga, ao susto respondem sorrisos—são as *latas*.

O ponto vem mais temporão para os estudantes de theologia e direito do que para os de sciencias naturaes; estes têm ainda aulas quando as d'aquelles já estão fechadas; os felizes que já não ouvem a *cabra*, um sino que ha centenaes de annos, amaldiçoam todos os dias centenaes de rapazes, reúnem-se em exercito, e, tangendo latas e buzios, percorrem a cidade zombeteando de seus irmãos d'armas, para quem da torre da Universidade a manhã e a noite ainda bradam—álerta.

A scena precedente é das viagens de Gulliver, esta é uma scena de chinezes desfazendo eclipses com alaridos.

Depois vêm os actos, tristezas e alegrias, tristezas que custam o que custa um anno, alegrias que não valem um caracol; e em quanto nas aulas da Universidade se aquilata o estudo e o talento; o povo de Coimbra e os dos arredores percorrem a cidade em danças e cantares, danças e cantares espontaneos, originaes, alegres e suaves. O povo, que está morto para os destinos da politica, vive para os do seu coração e canta. Que importa que a nação morra? E' vida de rouxinol a vida do povo, e não é cahindo na agua de cansados que morrem os rouxinoes? A' alegria do povo, porque é povo, mistura-se a nossa, porque somos a mocidade.

Depois vem a realidade travar-nos do braço e a côrte cavalheiresca é destruida; mas apagando o pó com as camarinhas do suor,

curvados e comparando o mundo da phantasia com os plainos ardentes para onde nos degrada a realidade, expulsos do paraizo, nós voltamos os olhos, para ti, ó Coimbra, pedimos á memoria ou a uma gravura que nos mostre as tuas feições, remoçamos vendo-as, e, 'nessas horas em que tu nos lembras, qualquer penedo a que nos encostemos é o *Penedo da Saudade*.

J. FREDERICO LARANJO.

MEDICOS LITTERATOS E POLITICOS

I

ANTONIO JOAQUIM RIBEIRO GOMES D'ABREU

Ille inclytus Vir fuit...
GOMES D'ABREU.

Meu caro Simões de Castro. Alagado de luto cedo ás suas instancias escrevendo duas palavras relativamente a Gomes d'Abreu. Precisava espaço e tempo, e nem o seu jornal permite o primeiro nem a minha profunda magoa me alarga o segundo. Tenha pois paciencia com as poucas e singelas linhas que vou dirigir-lhe.

Gomes d'Abreu era natural de Guimarães, e talvez que por ter nascido na patria de Affonso Henriques se tornasse um d'aquelles *portugaes-velhos* da velha legitimidade portugueza, ricos de patriotismo e leaes á sua crença como um soldado de Aljubarrota. Cursou em Coimbra as sciencias naturaes, de que foi professor na faculdade de medicina, e tanto alumno como mestre foi ornamento e gloria da nossa Universidade. Com a sua penna ennobreceu a imprensa como sabio e como politico; e principalmente na *Revista Academica*, no *Catholico* e na *Nação* se revelam os seus altos dotes de intelligencia e consciencia, de profundo estudo e singular bom-gosto e discernimento.

As tempestades politicas afastaram para longe do reino um

dos nossos principes, que, convertendo a terra do exilio em santuario de familia, se tornou modelo de virtudes domesticas com a creação e educação de seus filhos. Gomes d'Abreu, cedendo ao convite d'este principe, que para elle era rei, trocou o clima ameno de Portugal pelo céu glacial da velha Germania, e lá se foi para longe do ninho seu paterno ministrar o leite da instrucção ás terras vergonteas d'este ramo brigantino. Dentro de poucos annos morreu victima da sua dedicação, e terra extranha está pesando ainda sobre o cadaver meio consumido d'um dos nossos mais virtuosos portuguezes!

Eis aqui a traços largos delineados os pontos fundamentaes da vida d'este homem notavel, e que conscienciosamente podemos chamar grande, grande em tudo, pela cabeça e pelo coração. Era fino e profundo como philosopho, simples e ingenuo nos seus habitos como uma criança; mas sobre tudo firme e inabalavel nas suas crenças de christão convicto e de portuguez de lei. Religião e patria, estas duas palavras magicas que sustentaram a nossa sociedade antiga, que ainda hoje a sustentam a despeito de tantos elementos deleterios, foram os idolos d'aquelle varão lusitano, e seu pharol e guia nos caminhos da sua vida.

Que é preciso accrescentar mais? Esta synthese é eloquente na sua simplicidade. Gomes d'Abreu era um nobre filho do povo. Foi sabio sem o orgulho impertinente das mediocridades. Alma angelica foi um sancto, mais sancto do que muitos assim precognizados; era um homem sinceramente bom, e o perfume das suas virtudes aspira-se ainda no sentimento espontaneo e unanime que anda ligado á sua memoria. E' um vulto espartano digno de modelar-se no bronze, e que se insculpiu nos fastos da nossa historia como exemplar de admiravel dedicação. E o que digo aqui sentem-n'o todos; e é esta opinião de todos o pedestal mais firme da sua fama, a recompensa mais digna de suas virtudes.

Desejaria dizer mais, mas não posso. Sendo limitado o tempo de que disponho, e mais limitados ainda os meus recursos, mais

tarde talvez desenvolverei melhor o thema d'esta minha carta; por ora não. Mas a galeria dos nossos *medicos litteratos e politicos* não podia inaugurar-se com melhor retrato. Seguir-se-hão mais, todos notaveis e distinctos, mas com cores mais vivas e tinctas mais puras será difficil delinear-se outro. Adeos.

Seu do coração patricio e muito amigo

12 de julho de 1871.

A. A. DA FONSECA PINTO.

O CASTELLO DE ALMOUROL

(Veja pag. 18)

D. Gualdim Paes figura na nossa historia como um dos vultos mais notaveis dos primeiros tempos da monarchia. Nasceu D. Gualdim em Amares (Marecos antigamente), junto de Braga, no anno de 1118; e teve por progenitores a Payo Ramires e D. Gontrode, pessoas de mui qualificada nobreza.

Aos 21 annos achou-se na famosa batalha do Campo de Ourique, e ahi foi armado cavalleiro por el-rei D. Affonso Henriques, em cuja companhia se creara.

Poucos tempos depois alistou-se o nosso heroe na milicia dos Templarios, e na Palestina praticou valorosos feitos de armas. Batalhou denodadamente contra o rei da Syria e contra o Soldão do Egypto, e ostentou particularmente o seu valor na conquista das cidades de Ascalona e Antiochia. Passados cinco annos voltou á patria com glorioso nome, e assumiu pouco depois o mui subido e glorioso cargo de mestre da ordem dos Templarios.

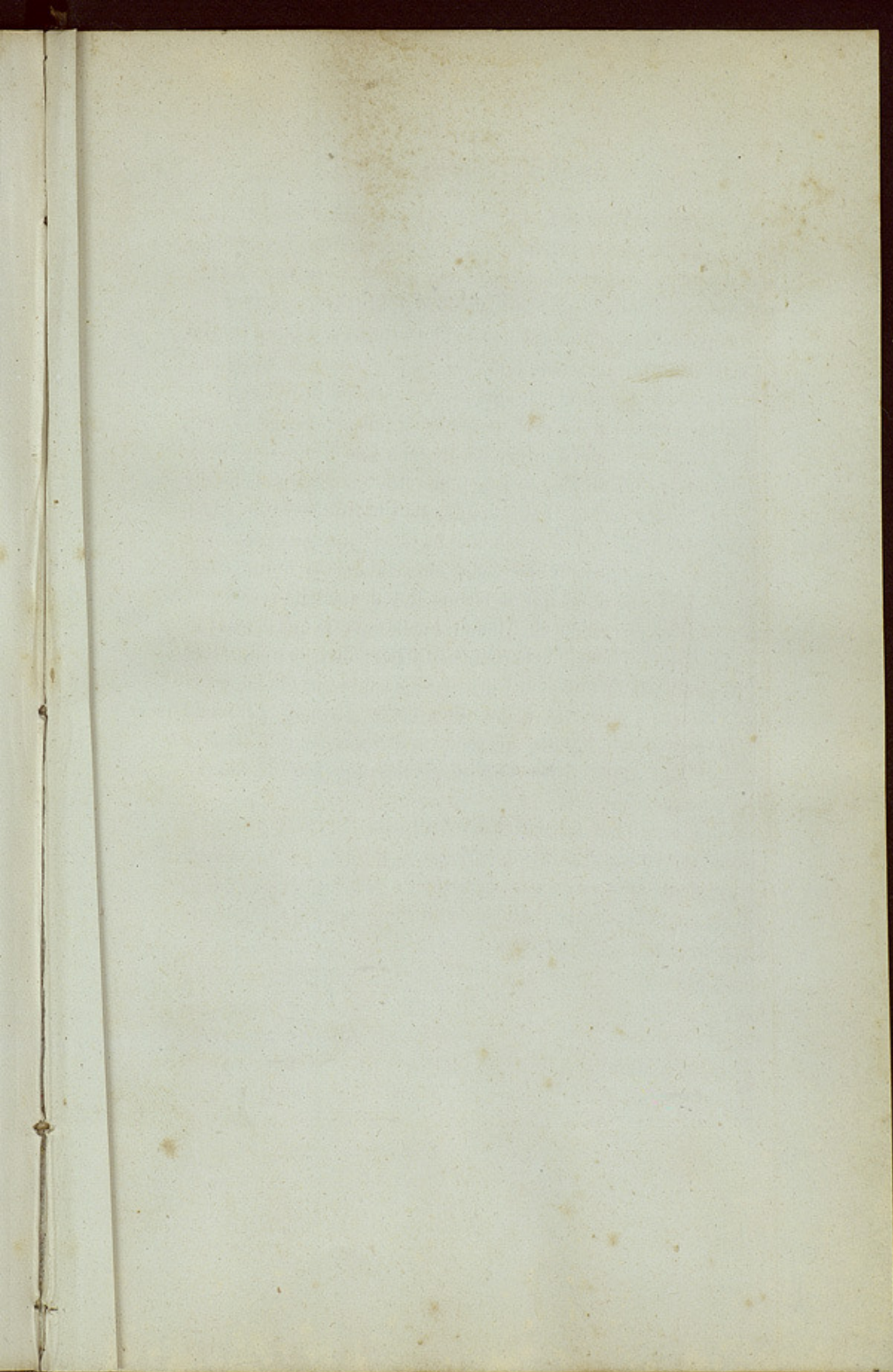
Durante o seu governo conseguiu elevar a ordem a notavel esplendor, já pelas muitas doações importantes que por consideração a D. Gualdim lhe foram feitas e a enriqueceram, já pelas edificações com que a engrandeceu, já finalmente pelos gloriosos feitos militares com que a illustrou.

O castello de Almourol depois da extincção da ordem dos Templarios passou para o patrimonio da ordem de Christo, que dos bens d'aquella foi instituida herdeira por bulla do papa João XXII, expedida de Avinhão em 14 de Março de 1319.

Nas porfiadas e gloriosas luctas, que Portugal sustentou contra Castella pelos fins do seculo XIV, representou um importante papel o castello de Almourol pelos grandes serviços que os freires' nelle existentes prestaram em prol da causa da independencia. Consta isto d'uma doação que á ordem fez D. João I do direito que tinha ou podia vir a ter no piscoso pego, que fica nas proximidades do castello. Nesta doação, que é datada de Chaves em 24 de Abril do anno de 1386, empregou o monarcha estas honrosas expressões: « . . . vendo nos e consirando como em esta guerra que avemos tam afincada com aquel que se chama Rey de Castella recebemos muito serviço do castello de Almourol pollas gentes que hi estavam e estão do muito honrrado barom d. frey Lopo diaz de souza Mestre da cavallaria da ordem de Christus cujo o dito castello he, mantendo sempre a nossa voz e dos ditos nossos Reynos, e fazendo muita guerra aos imigos, querendo galardoar ao dito Mestre e sua Ordem alguma parte do dito serviço que assi del recebemos. . . . »

Com o termo das epochas mais bellicosas da nossa historia o castello de Almourol perdeu o character de presidio militar, e converteu-se em uma residencia de freires; e com o correr do tempo e com as modificações do regimen da ordem foi por fim abandonada completamente a velha fortaleza.

O pouco espaço de que podemos dispor inhibiu-nos de escrever mais desenvolvidamente ácerca do Castello de Almourol. Quem quizer ler a historia circumstanciada e completa d'este venerando monumento, recorra a um excellente artigo publicado pelo sr. Mendes Leal no n.º 1 dos *Monumentos Nacionaes*, donde principalmente recopilamos o pouco que deixamos escripto.





FORTE DE SANCTA CATHARINA

NA VILLA DA FIGUEIRA DA FOZ

O castello de Santa Catharina está assentado em posição elevada, e exactamente no vertice do angulo formado pela margem direita do Mondego e pelo mar. Em virtude desta posição, domina-se do forte um panorama extremamente agradável. A villa da Figueira e suas circanias; a barra e grande extensão do rio; a ilha da Murraceira com as suas salinas e armazens de sal em tão grande numero, que semelham uma vasta cidade; serras longinquoas; a do cabo Mondego com seu bem construido pharol; a villa de Buarcos; os palheiros e barcos dos pescadores; a immensa extensão do mar; as embarcações que vão sulcando as aguas em diversos rumos; as ondas buliçosas a coroarem-se de espuma, e a desenrolarem-se successiva e interminantemente por sobre as areias resplandecentes das praias; tudo isto d'alli se disfructa em vasto, animado e formoso quadro.

Cresce de ponto a belleza deste sitio quando as aguas se tornam furiosas e crespas, e as ondas se arremessam com sanha desmedida contra os enormes penedos sobre que o castello assenta. É, na verdade, bello ver então este embate das vagas contra os rochedos: ellas, loucas, a accommettel-os furiosas, a batel-os com vehemencia; elles, sempre firmes e impassiveis, a desfazer a furia das aguas e a convertel-as em branco leite, que ora mana por sobre o verde-negro dos mariscos que os revestem, ora se eleva vistosamente aos ares parecendo perolas esparzidas.

Anda ligada a este castello a recordação de uma facção bellica assaz gloriosa para os estudantes da universidade de Coimbra, praticada em tempo da invasão franceza de 1808.

Tendo-se revolucionado a cidade de Coimbra para sacudir o jugo extranho e restaurar o legitimo governo, o corpo academico da universidade tomou logo uma attitude guerreira, alistando-se em duas secções: a dos estudantes debaixo do commando de

Tristão Alvares da Costa, lente de calculo e maior de engenharia; e a dos lentes debaixo do commando de Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, primeiro lente da faculdade de canones. O vice-reitor, Manoel Paes de Aragão Trigoso, tinha sido aclamado governador da cidade.

Uma das primeiras operações que a revolução entendeu conveniente levar a effeito foi tomar o forte da Figueira, e aprisionar os francezes que nelle estavam de guarnição, tanto para lhes tirar as armas e munições de guerra, de que havia grande falta, como para se estabelecer communicação com a esquadra ingleza. O estudante Bernardo Antonio Zagalo, sargento de artilharia, foi o encarregado pelo governador Trigoso de dirigir a expedição para atacar o forte.

Partiu de Coimbra o nosso guerreiro na tarde de 25 de junho; a sua força consistia apenas em 40 voluntarios, quasi todos estudantes como elle; mas o governador lhe deu ordens para que os ministros dos territorios por onde tinha de passar lhe prestassem todo o auxilio e gente que lhes pedisse.

Zagalo, tendo delegado o commando do destacamento em Antonio Ignacio Caiolla, sargento de Peniche, ordenou-lhe se fosse adiantando até Monte-Mór pela margem esquerda do Mondego, em quanto elle com quatro cavalleiros ia seguindo pela direita.

Reunidos em Monte-Mór, continuaram a marchar de noute, e ás sete horas da manhã chegaram á Figueira, contando já na sua hoste mais de 3:000 paizanos, armados de piques, lanças e foices. A villa foi atacada por duas divisões; foram logo presos onze francezes que andavam fóra do castello, e á porta do governador se postaram sentinellas.

Dirigiram-se depois para o forte, que esperavam obrigar a render-se por fome, porque lhes constava que os francezes estavam desprevenidos e faltos de mantimentos. O povo, possuido de grande enthusiasmo, e impaciente de se ver ás mãos com o inimigo, corria indiscretamente a atacar o castello; mas o nosso commandante, attendendo ao perigo a que se expunha a multidão adiantando-se de mais, ordenou que se retirasse.

Como o cerco estava formalmente lançado, intimou Zagalo aos francezes que se rendessem, sob pena de serem passados á espada. O commandante do forte, que era um tenente engenheiro portuguez, respondeu que não podia render-se, porque, se tal fizesse, exporia a grande perigo a sua familia, que tinha em Peniche em poder dos francezes. Continuou, portanto, o sitio, e, quando se estavam a render á discrição de hora para hora no dia 27 o sargento Zagalo, por motivos que não referimos por serem alheios ao nosso proposito, recebeu ordem apertada do governador de Coimbra para se recolher immediatamente a esta cidade; não podendo porém soffrer o ausentar-se deixando frustrada uma expedição de tanto empenho, e que se achava tão felizmente encaminhada, propoz ao commandante uma capitulação, cujas condições consistiam em entregarem os francezes o forte e poderem ausentar-se para Peniche levando espingardas e mochilas, mas sem polvora nem bala. A proposta foi acceita; e estando os francezes para embarcar, a fim de passarem á outra banda, caminho de Peniche, quiz o povo fiscalisar se elles cumpriam as condições; e, posto que lhes achassem as cartucheiras vazias, encontraram-lhes alguns cartuxos que levavam escondidos entre ellas e as patronas. Como infractores da capitulação, ficaram os francezes prisioneiros, e juntamente um tenente de artilharia, e outro de engenharia, que era o commandante.

Em seguida se arvorou no forte a bandeira portugueza, e se deram salvas de artilharia, ficando por governador o major Soares.

A expedição, trazendo os prisioneiros, as suas armas e cinco peças de artilharia, regressou a Coimbra, onde entrou mais ufana com a sua preza do que em outro tempo em Roma os vencedores do mundo carregados com os despojos da Asia. (1)

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

(1) Vide *Minerva Lusitana*; e *Historia da Invasão Franceza em Portugal* por José Accurcio das Neves.

N'UMA HORA DE DESCRENÇA

Ha uns fortes, uns crentes no futuro,
 Que vêem onde a vista não alcança;
 De olhos fitos no brilho d'uma esp'rança,
 Riem alegres no soffrer mais duro:

A mim, devaneador ignoto, obscuro,
 A duvida cruel me prostra e cança;
 Nas sombras do porvir, que triste avança,
 Em vão a paz, o amor, o bem procuro!

Se me rio, é com riso de piedade
 Quando me fallam de progresso e gloria,
 Sonhos loucos da ardente mocidade!

Ha,ahi quem veja, em optica illusoria,
 Novas era de luz e de egualdade....
 Mas eu a isso contraponho a historia!

Coimbra, 1871.

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.



JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE

(Veja pag. 37)

Conformou-se a principio o reitor D. Francisco de Lemos com as prescripções do marquez de Pombal, limitando o jardim ao terreno pleno que fica na parte inferior, mas posteriormente, notando a insufficiencia do espaço, e parecendo-lhe mal o contraste que fazia esta obra por seu acanhamento com os outros magestosos edificios universitarios, que depois da reforma se tinham erigido, deu muito maior latitude ao estabelecimento e aformoseou-o com grandes obras de ornamentação; de maneira que, longe de *pequeno*

recinto cercado de muros, como o marquez recommendára se fizesse, ficou um jardim magnifico e verdadeiramente faustoso.

Se para o esplendor d'este estabelecimento concorreu por um lado o desvelo do reitor D. Francisco de Lemos, na sua parte material, por outro não concorreu menos o cuidado que poz na sua boa organização scientifica o nosso distincto botanico, Felix de Avellar Brotero. Tendo sido nomeado, este sabio naturalista, lente de botanica e de agricultura na universidade, foi tambem encarregado da plantação do jardim, que apenas estava começado. Incansavel no desempenho da sua missão, aproveitava o illustre professor o tempo, que lhe restava da regencia da sua cadeira, em excursões de herborisação por todo o reino, sendo resultado d'ellas enriquecer-se o jardim com uma copiosa collecção de plantas indigenas, muitas d'ellas até então desconhecidas ou mal observadas.

Foi tal o cuidado e boa disposição com que Brotero ordenou esta vasta republica de vegetaes, que o celebre botanico allemão Link achou o jardim digno de seus elogios, chegando a dizer na sua *Voyage en Portugal* que nenhum amator da historia natural o visitará sem fructo e sem prazer.

O jardim botanico, principiado tão auspiciosamente e elevado logo pelo sabio Brotero a grande regularidade, tem sido depois augmentado consideravelmente tanto em extensão e obras importantes, como na quantidade das plantas que o enriquecem. E' que tem havido a fortuna de ter sido quasi sempre administrado este estabelecimento por directores verdadeiramente zelosos pelo seu progresso e esplendor, como entre outros os drs. Antonio José das Neves e Mello, Henrique do Couto e Almeida, e Antonino José Rodrigues Vidal.

Entre os melhoramentos modernos que tem recebido o jardim nota-se como mais importante a grandiosa estufa, cuja photographia apresentámos no n.º 3 do *Panorama*. Foi principiada esta formosa construcção no anno de 1859. A sua armação de ferro fundido foi feita nas officinas do Instituto Industrial de Lisboa

e na fabrica de fundição de Massarellos junto do Porto. Esta soberba estufa, tanto pelas suas dimensões como pela sua elegancia, não tem no nosso paiz outra que se lhe avante. Da importante e variadissima collecção de plantas que a povoam não nos permite o pouco espaço de que podemos dispor dar noticia circumstanciada. E' riquissima em especies preciosas, notando-se entre ellas lindissimas palmeiras, algumas raras cycadeas e pandaneas, muitas plantas industriaes, como, por exemplo, a stillingia cerifera, a arvore de cera do Japão, o cafeeiro, a muscadeira, um numero consideravel de arvores fructiferas dos tropicos, e outros muitos vegetaes que se distinguem pelas suas lindas flores ou pela sua bella folhagem.

E' de justiça confessar que a boa disposição e aperfeiçoada cultura das plantas que enriquecem a estufa, bem como muitos melhoramentos importantes que ultimamente se têm notado no jardim, são devidos em grande parte ao sr. Edmond Goeze, habil jardineiro allemão, que desde 1866 está empregado 'neste estabelecimento.

Pouco depois da sua vinda para Coimbra, fez o sr. Goeze, por determinação da faculdade de philosophia, uma viagem á ilha de S. Miguel, onde obteve uma valiosa collecção de plantas raras, em numero superior a 2:000, offerecidas generosa e espontaneamente á universidade pelos srs. José do Canto, Borges da Camara, José Jacome e outros distinctos cavalheiros, que abriram os seus jardins ao sr. Goeze facultando-lhe a livre escolha dos mais bellos exemplares.

Tambem o sr. Goeze conseguiu estabelecer relações entre o jardim de Coimbra e os principaes da Europa, das quaes têm resultado vantajosas trocas e riquissimos presentes de plantas. Talvez possamos dizer sem errar que depois das acquisições que modernamente tem feito o jardim botanico, o numero de suas especies tem quadruplicado. O *Index Plantarum in Horto Botanico Conimbricensi cultorum anno MDCCCLII*, publicado pelo sr. dr. Antonino José Rodrigues Vidal, mencionava apenas 1:255 especies.

Junto da estufa grande construiu-se modernamente uma pequena estufa de alta temperatura, na qual se tem conseguido re-produzir milhares de plantas, e muitas de grande valor entre as quaes a *cinchona officinalis* (planta da quina) e o *myroxylon peruviferum* (balsamo do Peru), cujas sementes vieram directamente de Ceylão, e foram enviadas em 1866 ao jardim de Coimbra pelo sr. Hooker, director do jardim botanico de Kew. D'estas preciosas plantas nascidas em Coimbra têm-se feito ensaios de acclimação nas nossas possessões ultramarinas, e consta por noticias ha pouco recebidas que ellas têm alli vegetado excellentemente e promettem resultados prosperos.

As plantas do jardim estão divididas em diversas escholas: a mais antiga é a classificada pelo systema de Linneo, e está collocada no plano inferior, contiguo á cerca de S. Bento; a mais moderna é a do systema Endlicher, e está situada nos terraplanos superiores do lado do nascente; ha ainda outra eschola, de plantas medicinaes e industriaes, plantada ao lado occidental da alameda central; a qual foi restaurada em 1868 fixando-se mais de 700 especies empregadas na materia medica e nas artes. Das plantas d'esta eschola publicou o sr. Goeze um interessante catalogo no vol. 14.º do *Instituto*.

Além d'estas escholas não devemos deixar de mencionar uma eschola fructifera (*fruticetum*) plantada em 1868 na cerca de S. Bento, annexa ao jardim. Compõe-se de 1898 arvores fructiferas compradas em França, além de numero quasi igual de arvores portuguezas. Depois d'esta plantação têm-se aberto na cerca muitas ruas e tem-se feito varias obras importantes, que muito a têm aformoseado. Para estes melhoramentos concorreu com dadivas generosas, e com generoso e dedicado trabalho de mui acertada direcção o sr. Antonio Borges da Camara, cavalheiro respeitavel, intelligente e grande proprietario da ilha de S. Mignel (1).

Entre as plantas que povoavam o jardim botanico na sua fun-

(1) Vide o *Relatorio* da commissão administrativa do jardim botanico, publicado no *Instituto*, vol. XIV, pag. 208.

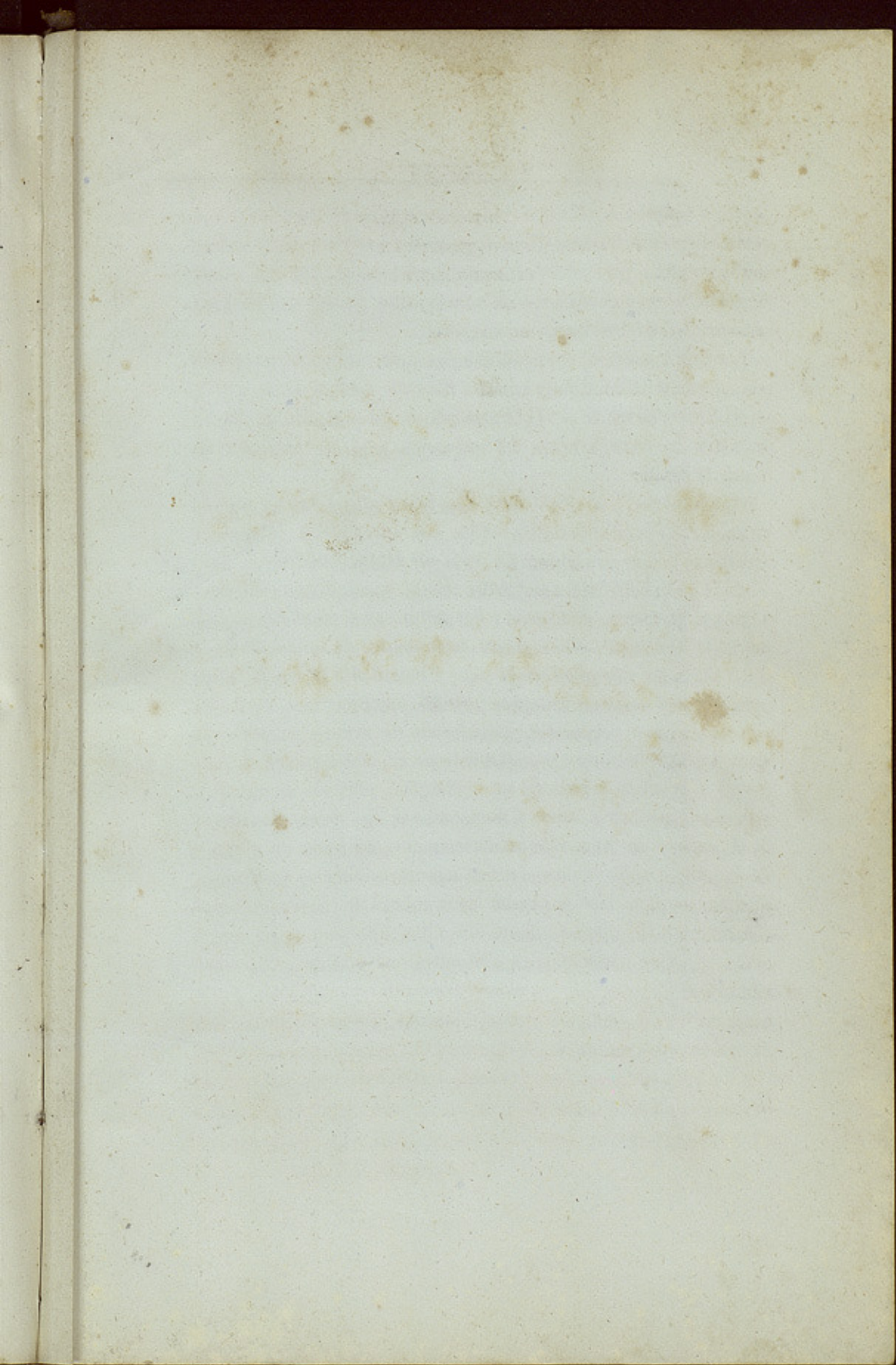
dação, e que ainda alli estão dando testemunho da benignidade do nosso clima, admiram-se duas *araucarias brasilienses* ou *brasilicas* muito notaveis por suas proporções gigantescas, por seu porte elegante, e, em fim por seu viço e formosura. Foram as primeiras araucarias introduzidas no nosso paiz.

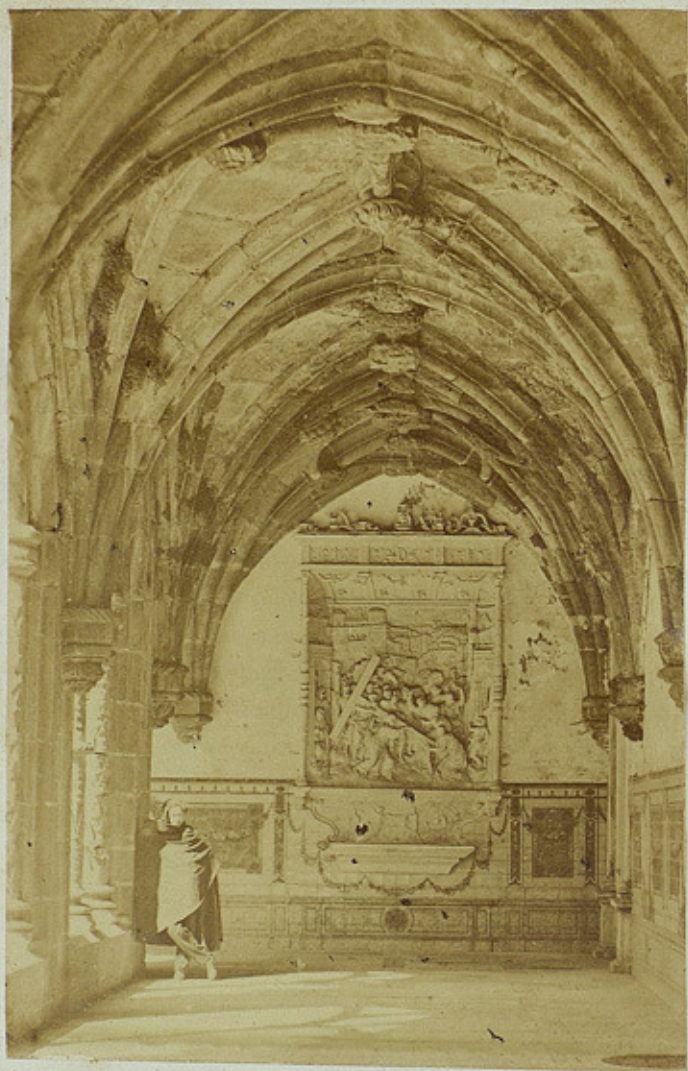
Tambem merecem particularisar-se duas araucarias excelsas que adornam desde alguns annos a flora do jardim. Uma d'ellas foi dadiva d'el-rei o sr. D. Fernande, e foi plantada no dia 14 de maio de 1852, a outra foi offerecida pelo sr. Marquez de Sousa Holstein.

Concluiremos traduzindo aqui uma breve apreciação do aspecto pittoresco do jardim botanico, feita por mr. Olivier Merson no excellente jornal de viagens *Le Tour du Monde* de 1861:

«Tem grande belleza este jardim. Como encaixilhado pelos conventos de S. Bento, do Carmo e das religiosas de Sant'Anna, pelo seminario spiscopal, observatorio astronomico da universidade, e pelo aqueducto que abastece de agua o bairro alto da cidade; aformoseado com extensos terrados, estufas monumentaes, e escadarias espaçosas e commodas; assombrado de arvores soberbas, de palmeiras que baloçam brandamente no ar, embalsamado de perfumes, a graciosa cupula de sua folhagem; povoado de arbustos e plantas, specimens raros e encantadores das flores da Africa, da America e da Asia, este estabelecimento encheria de gloria e de orgulho a mais vaidosa e altiva das nossas cidades de França. E como se ainda não bastassem para enlevo do passeante todas estas maravilhas que tem diante dos olhos, que pode tocar com a mão, o jardim patenteia-lhe o Mondego em grande painel, deixando-lhe admirar a sua corrente tranquilla e magestosa, e, na margem d'além, orlada de areias douradas, ferteis planicies, collinas matisadas de vinhas e oliveiras, os conventos de S. Francisco e de Santa Clara, em fim uma multidão de habitações, onde os fidalgos da alta e mediana nobreza, bem como a burguezia ociosa, vai passar os mezes de uma indolente estação campestre».

A. M. SIMÕES DE CASTRO.





CLAUSTRO DO SILENCIO

NO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

Dos tres claustros que tem o mosteiro de Santa Cruz é o mais notavel pela sua architectura o denominado do *Silencio*, construido no gracioso estylo tão propriamente chamado *Manuelino*.

E' curioso o facto que originou esta obra, bem como outras da mesma epocha no mosteiro de Santa Cruz.

Era prior-mór do convento D. João de Noronha e Menezes, filho do marquez de Villa Real; e querendo el-rei D. Manuel, por lhe ser muito affeiçoado e ter com elle parentesco, engrandecel-o com alguma maior dignidade ecclesiastica, escreveu para este fim com grande encarecimento ao papa Julio II. Não teve o pontifice duvida alguma em satisfazer aos desejos do monarcha, e passou logo letras apostolicas, pelas quaes nomeava a D. João de Noronha bispo de Ceuta, e lhe dava o capello cardinalicio com o titulo de *Cardeal de Ceuta* ou de *Santa Cruz de Portugal*; mas ao mesmo tempo, levado pelos principios do nepotismo, quiz o pontifice aproveitar este ensejo para tambem favorecer um seu sobrinho por nome Galiotto Franciotto de la Rovere, cardeal do titulo de S. Pedro *ad Vincula*, e tractou de lhe alcançar o priorado-mor de Santa Cruz de Coimbra, que era um dos mais rendosos e honorificos de Portugal. Com este intuito passou tambem letras apostolicas, pelas quaes ordenava que o cardeal de S. Pedro *ad Vincula* succedesse no priorado de Santa Cruz se D. João de Noronha o largasse em vida, ou quando vagasse por sua morte.

Aos conegos do mosteiro ordenou sob graves censuras que em qualquer dos casos o acceitassem logo por legitimo prior-mór e por tal o reconhecessem, e que para seu governo elegessem um prior triennial como até então costumavam praticar.

Não largou D. João de Noronha o priorado de Santa Cruz, porque el-rei D. Manuel estranhara a novidade do titulo concedido pelo pontifice, e replicára dizendo que D. João de Noronha

era pessoa em quem concorriam merecimentos e capacidade para ser cardeal de Roma. Com isto se foram dilatando as cousas, e adoecendo entretanto D. João, falleceu no anno de 1505 sem que tivesse sido sagrado bispo de Ceuta.

Apoz o seu fallecimento os conegos do mosteiro, obrigados pelas censuras do pontifice e pela notificação que lhes fez o nuncio apostolico, acceitaram logo por prior-mor ao cardeal de S. Pedro *ad Vincula*, dando posse a um seu agente; e elegeram prior triennial a D. Braz Lopes.

Zeloso pelas prerogativas nacionaes, não pôde el-rei D. Manuel levar a bem que o pontifice romano, sem seu beneplacito, dispozesse assim do priorado-mór de Santa Cruz, e para contrariar tão abusiva preponderancia, usou do estratagemma seguinte:

Ordenou ao prior crasteiro D. Braz Lopes derrubasse e pozesse por terra a igreja de Santa Cruz, que fôra fundada no tempo de D. Affonso Henriques, a casa do capitulo e o claustro do Silencio, e que com as rendas do priorado-mór, em vez de irem para as mãos de um estrangeiro em Roma, fizesse de novo restaurar em melhor forma taes edificios; e ao mesmo tempo que escrevesse a sua santidade, dizendo que não esperassem lá por dinheiro algum, que todo era necessario para as obras do mosteiro.

O rei pela sua parte escreveu tambem ao nosso embaixador em Roma informando-o do acontecido.

Inteirado o pontifice d'estes successos, entendeu logo o lanço e animo d'el-rei, e ordenou ao cardeal de S. Pedro desistisse e largasse o priorado, que por um anno possuira sem o minimo provento.

No anno de 1507 nomeou el-rei prior-mór ao bispo da Guarda D. Pedro Gavião, o qual exerceu este cargo por 8 annos, 7 mezes e alguns dias, e durante o seu governo é que de novo se erigiram os edificios que D. Manuel mandara derribar (1).

O que ha de mais notavel no claustro do Silencio é a abo-

(1) Extractámos estas noticias de um livro manuscripto de D. Timotheo dos Martyres.

bada dos seus lanços, que é toda de pedraria, 'naquelle gosto a que chamam de *pernas de aranha*, esbelta e graciosa pelos seus artezões e pelos florões dos fechos, nos quaes se vê esculpida a cruz da ordem de Christo, a esphera e as armas do reino.

E' tambem obra muito apreciavel a esculptura em alto relevo, que na photographia se vê representada, bem como mais duas que no claustro se encontram no mesmo gosto. Representa a primeira Christo com a cruz ás costas; as outras o *Ecce-Homo* e a collocação no sepulchro. São verdadeiros mimos de cinsel, e attribuem-se já ao nosso insigne architecto e esculptor João de Castilho, já a João de Ruão, insigne artifice, que el-rei D. Manuel mandou vir de França para trabalhar nas obras do mosteiro.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

SONETO

Longo tempo na triste sepultura,
Onde teu coração jaz morto agora;
Chova piedosas lagrimas a aurora,
Que não dissipa a dor que me tortura!

Foi-se-me a paz contigo; e a desventura,
Que ha muito 'neste seio oppresso mora.
Mais triste se me fez na cruel hora
Que teus olhos cobriu de terra dura.

Teus olhos! Teu olhar, meu doce anelo,
Onde eu via brilhando reflectidos
Os sonhos d'um porvir ditoso e bello!

Foge-me o alento agora em vãos gemidos,
E em vão as noites solitarias velo,
E suspiros de amor, em ais sentidos!

Coimbra, 1870.

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.



SINETE DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA

A gravura juncta é copia do baixo relevo que tem esculpido o sinete da inquisição de Coimbra, e representa o emblema ou bração de que usava o tribunal do Santo Officio.

O emblema inquisitorial é explicado da seguinte maneira pelo dr. Francisco Torres no *Sermão do auto celebrado em Coimbra no terreiro de S. Miguel, aos 7 de julho de 1720*:

«Na espada se representa a justiça, e na oliveira se symbolisa a piedade; e como a mão direita, e não a esquerda, é a de que mais se usa, para mostrar que mais se inclina á piedade do que á justiça, tem á mão esquerda a espada, em que se representa a justiça, e á mão direita a oliveira, em que se symbolisa a piedade.»

O mesmo emblema se via ricamente bordado na bandeira ou pendão que era costume ir na frente do prestito dos *autos da fé*; da qual os curiosos poderão ver minuciosa e interessante descrição na *Historia das Santas Inquisições* por fr. Pedro Monteiro.

FIM

